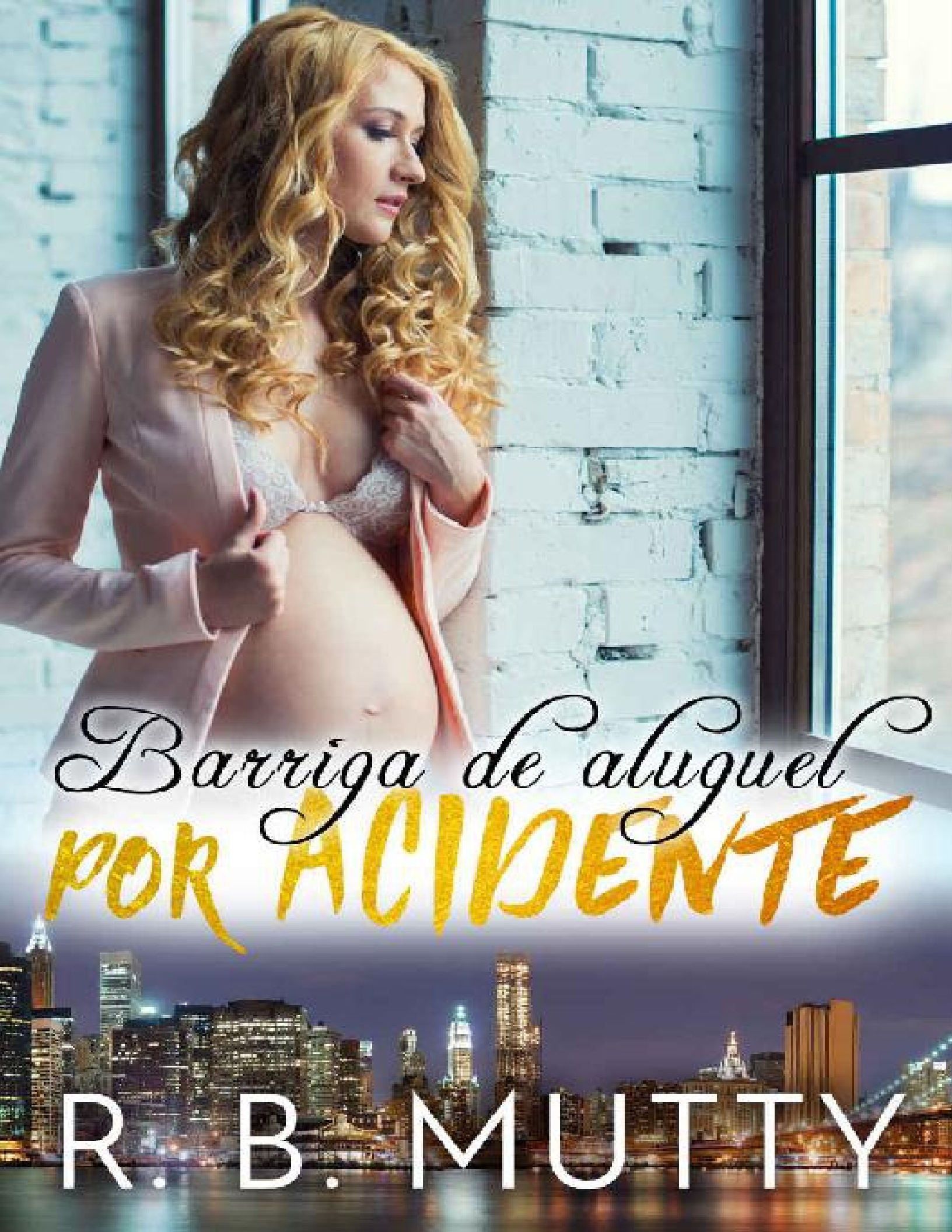




Barriga de aluguel
POR ACIDENTE

R. B. MUTTY



~ e-Livros.SITE, e-Livros.WIN ~

Barriga de Aluguel por Acidente



Copyright © 2018 R. B. MUTTY
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução não autorizada.

Capa:
© 123rf / [Denys Iarkovoi](#)
Design da capa:
R. B. Mutty

Os modelos da capa são meramente ilustrativos e não correspondem a nenhum personagem da história.

Este livro contém situações adultas. Não recomendado para menores de 18 anos.

Para acompanhar os lançamentos de R. B. Mutty siga-a no Facebook:

<http://fb.me/rbmatty>

Ou cadastre-se em sua lista de e-mail:

<https://tinyletter.com/rbmatty>

Sumário

[Sumário](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo 01](#)

[Epílogo 02](#)

[Leia Também](#)

[Sugestão da Autora](#)

[Obrigada por ler este livro!](#)



Capítulo 01

Talita

Naquele mormaço de verão o que eu mais precisava era de um momento quieto, eu mesma e minha novela favorita.

Era final de quinta-feira no Salão Capilair e o ar condicionado lutava para manter os clientes confortáveis, mesmo que houvesse pouca gente naquele momento. A calmaria antes do tsunami, como Bárbara gostava de chamar. Apenas duas clientes lavando o cabelo nas pias do fundo e mais outra depilando a virilha, nas cabines. A maioria da equipe estava desocupada, conversando em rodinhas e tentando escapar do mau-humor da dona Henrica, que fazia o controle de caixa atrás do balcão.

Eu gostava de trabalhar no Capilair porque era exatamente o tipo de lugar perfeito para mim: Nem simplório demais, nem muito chique. Nem muito pequeno, nem grande como os mega-salões que eram a nova moda entre as dondocas da alta sociedade. Era apenas um salão comum a duas quadras do parque municipal, com atendentes comuns e clientes igualmente comuns. Mais um entre milhares de pontinhos no Google Maps se você procurasse por centros estéticos, e o lugar perfeito para uma manicure de trinta anos seguir sua vidinha simples e sem complicações.

Ou quase sem complicações.

Bárbara cutucou meu braço e me fez voltar ao mundo real. Percebi que o chiado constante não era o secador de cabelo, mas a conversa incessante da minha melhor amiga, que terminava de pintar a unha de uma cliente com longos cachos platinados, na mesa ao lado da minha.

“Hein, Talita? Não concorda com a gente?” Perguntou Bárbara, irradiando alegria de seus olhos castanhos e escuros.

Eu lhe devolvi o sorriso e olhei para a cliente procurando uma pista sobre qual seria o assunto, mas pelo olhar assustado da moça, aquele era mais um caso da Bárbara se empolgando demais. Ela poderia falar durante horas, sem parar para respirar.

“Concordo sim, Babi.” Falei. Bárbara adorava que a chamasse pelo apelido de adolescência.

Bárbara arregalou os olhos em choque. Ela era maravilhosa como amiga e como manicure, o tipo de pessoa que você poderia ligar chorando na madrugada chuvosa e ela chegaria na sua casa em dez minutos com sorvete e pipoca de microondas para um pequeno exército. E ela também era linda, com uma longa cabeleira escura e sedosa e maquiagem sempre elegante.

Mas nossa, como ela falava.

“Como assim, concorda? Aliás, claro que concorda. Trinta anos e ainda sem filhos, logo vai dar graças a Deus por existir uma clínica dessas, escuta o que estou dizendo.” Disse ela.

Eu murchei os lábios, me perguntando o que minha família — ou a ausência total dela — tinha a ver com qualquer assunto.

“Do que estão falando?” Perguntei.

“Em que planeta você está hoje, Talita? Da clínica nova, que abriu na quadra ao lado. Clínica de Fertilidade Divino Fruto. Eles tem todo tipo de tratamento lá. Bebês em tubos de ensaio, terapia sexual, tem até máquinas no banheiro dos homens, pra isso aqui ó.” Bárbara subiu e desceu a mão, dispensando qualquer explicação a mais.

Eu avermelhei, tentando não pensar nisso.

“O que tem de mais? Tem gente que precisa.” Comentei, já arrependida de entrar na conversa.

Se havia uma coisa que me irritava na Bárbara, eram seus lembretes constantes quanto ao meu relógio biológico. *Lá se vai mais um óvulo, Talita. Tic-tac, tic-tac*, ela gostava de repetir toda vez que eu entrava naqueles dias. Mas suponho que minha falta de interesse em ser mãe fosse algo alienígena para alguém que já tinha três e aguardava a chegada do quarto.

Bárbara tentou retrucar, pronta para um discurso, mas a cliente a interrompeu.

“Vou concordar com a sua amiga, muitos casais precisam de tratamento, e alguns não conseguem filhos mesmo assim. Por isso trabalho como barriga de aluguel, para que todos tenham essa chance.” Disse ela.

Eu baixei o olhar para a cintura da cliente e só então percebi o relevo sob o vestido, um pouco maior que o relevo na Babi. Ah, então foi assim que o assunto começou.

“Como você tem coragem de entregar seu bebê? Você carrega na barriga por nove meses e depois tchau e já vai para o próximo casal, é isso?” Perguntou Bárbara, mais curiosa que indignada.

A cliente sorriu com paciência, massageando o ventre com cuidado para não estragar as unhas frescas.

“É difícil, mas vale a pena. Gosto de saber que melhorei a vida de um casal, ou às vezes até de pessoas solteiras, que querem um filho sem o inconveniente de lidar com um relacionamento.”

“Há! Encontramos a solução pra você, Talita.” Bárbara riu tanto que quase borrifou o spray secante nos olhos da cliente. “Minha amiga aqui odeia homens. Está criando teias lá embaixo.”

“Babi!” Resmunguei, a repreendendo. “Eu não odeio homens, eu só... não tenho tempo pra eles. Uma mulher não pode ter prioridades além de um marido e filhos?”

“A sua prioridade, Talita, é assistir romance meloso no Netflix até três da manhã, vestindo camiseta de partido político e calcinha desbotada. A vida real não tem beijos na chuva e grandes declarações de amor, mas tem homens gostosos e o que vem de brinde com eles.” Bárbara deu tapinhas em sua barriga redonda, orgulhosa.

“Já falamos sobre isso, Babi. Não quero filhos e homens só servem pra incomodar.”

“Eu sei, mas... ah, já terminamos, querida.” Bárbara contornou a mesa e ajudou a cliente a vestir a bolsa sem estragar as unhas. “Espero te ver novamente aqui no Capilair.”

“Volto, sim. É tão perto da clínica.” A cliente mexeu na bolsa cuidadosamente e tirou um cartão na pontinha dos dedos. Ela me entregou. “Meu nome é Jéssica, a propósito. Por que não passa por lá e conhece nossos serviços?”

“Por que é tão importante que eu engravide?” Comecei a me indignar.

A moça riu de um jeito açucarado demais.

“Não estou sugerindo que tenha filhos, pelo contrário. Estamos precisando de doadores de óvulos.”

“Doadores de óvulos...?” Eu peguei o cartão, curiosa.

“Pense a respeito. Você não quer bebês mas muitos casais adorariam ter esta oportunidade. Beijo, meninas!” Jéssica mandou um beijo e deixou o salão, rebolando seu corpo de grávida como se fosse um troféu.

Eu mantive o olhar no cartão. Parecia interessante... até Bárbara arrancá-lo das minhas mãos.

“Não acredito que está pensando sério! Talita, seus óvulos estão pingando de você como

uma torneira quebrada e você quer ter ainda menos?” Perguntou Bárbara.

Eu dei de ombros e deixei que ela jogasse o cartão no lixo. Doar óvulos parecia incômodo e eu tinha outras preocupações em mente... como os novos episódios de *Sob a Luz de teu Olhar*.

Ignorando o falatório da Bárbara eu conectei meu celular no wi-fi do salão e abri o aplicativo de filmes. Antes que eu encontrasse meu precioso seriado, porém, o sino de vento tocou na porta de entrada e todo o salão se calou. Até Bárbara ficou muda e me deu uma cotovelada para que eu olhasse.

Eu ergui o olhar a contragosto, e meu coração quase caiu aos pés.

Ah... droga.

Meu cliente da semana passada havia retornado. O nome era Janluque ou coisa assim, e ele não parecia em nada com nossos clientes habituais.

Para começar, Janluque era um homem, o que já o destacava naquele lugar de paredes cor-de-rosa com cheiro de xampu de cereja. Para continuar, ele era... digamos que... requintado.

Alto, ombros largos, peitoral definido e terno de grife sob medida com uma gravata de seda. A barba por fazer modelava perfeitamente o queixo quadrado, e o cabelo preto ondulava por cima das orelhas, volumoso e impecável, destacando seus olhos azuis-celestes e sorriso branco demais. O típico sorriso de um milhão de dólares, e talvez tenha custado exatamente isso.

O cara debruçou-se no balcão da dona Henrica e tirou a carteira do bolso de trás, um movimento acompanhado centímetro a centímetro por todas as funcionárias do salão. *Que bunda*, sussurrou uma delas. O tal de Janluque retirou algumas notas e pagou despreocupado. Para ele, atrair olhares devia ser natural como respirar.

Eu não escondi minha surpresa, trocando olhares com as meninas. Na quinta passada, quando o cara apareceu para fazer as unhas comigo, a gente deduziu que ele errou de salão e não quis cometer a grosseria de ir embora. Segundo a Bárbara aquele cara era um famosão bilionário, dono de umas oitocentas empresas. Ele podia pagar os melhores tratamentos nas melhores estéticas, não fazia sentido ele aparecer no nosso salão. Não fazia sentido ele *voltar*.

“O que esse cara quer, dessa vez?” Perguntei à Bárbara, inflando as bochechas. Não queria nem lembrar sobre o primeiro atendimento.

“Quem se importa, amiga? Esse é o Charles Jean-Lucc da corporação Jean-Lucc, se ele quiser que eu faça manicure com as tetas, eu deito nessa mesa e grito *vem!*”

Ah, então era Jean-Lucc o nome dele. Hm. Foda-se.

O importante era que minha novelinha de fim de expediente estava arruinada, e pelo pior cliente possível. Percebi isso antes mesmo da dona Henrica acompanhá-lo até a minha mesa, toda sorridente e oferecendo café, biscoitos, e até os bombons que ela não deixava a gente pegar.

Jean-Lucc se aproximou. Nossos olhares se cruzaram e ele sorriu, sentando-se no lado oposto da minha mesinha de manicure.

Que inferno.



Capítulo 02

Talita

Dona Henrica continuou oferecendo doces e outros mimos, sua papada descendo e subindo no ritmo das risadinhas. Minha chefe era tão puxa-saco.

Jean-Lucc a dispensou com um educado gesto da mão, mantendo o olhar fixo em mim.

“Talita. É um prazer reencontrá-la aqui.” Disse ele.

Ele lembrava do meu nome? Espera, isso não importava. Eu endireitei os ombros e peguei um conjunto de alicates e palitos, libertando-os um a um dos envelopes de esterilização.

“Também é um prazer revê-lo, senhor Jean-Lucc.” Nossa, era difícil não soar cínica às vezes. O olhar da mulherada em mim apenas aumentava meu desconforto. “Como vai ser, desta vez?”

“Pode me chamar de Charles, eu já disse. Quanto às minhas unhas, deixarei a critério de seu bom gosto.” Ele estendeu a mão direita sobre a almofadinha de pulso, seus dedos chegando perigosamente próximos de mim. “Espero que tenha pensado na minha proposta.”

“Teve minha resposta em sua primeira visita, senhor Jean-Lucc. Não tenho tempo para encontros, no momento.” Respondi.

“Gosto do que fez no cabelo. Como chamam isso, megahair?” Ele esticou a mão e tentou tocar uma mecha sobre o meu peito. Recuei antes que conseguisse.

Eu bufei, mas não evitei fitar o espelho ao meu lado, um pouquinho orgulhosa. Os cachos que dona Laura modelou espiralavam em torno do meu rosto e por cima dos ombros, como dezenas de molas cor-de-mel. Eu precisava admitir, combinava com o meu rosto fino e salientava o verde nos meus olhos. Muito melhor que o penteado que sempre tive, e que Jean-Lucc havia chamado de *palheiro ao pôr-do-sol*. Que tipo de idiota acha que é um elogio comparar cabelo com palha? Eu era apenas uma manicure, não uma modelo!

Ahm, não que minha mudança radical fosse causada pelo comentário dele. Eu não dava a mínima para a opinião de riquinhos metidos.

Sem incentivar mais conversa, eu peguei a mão de Jean-Lucc para limpar com acetona.

“A cobertura ainda estava perfeita.” Comentei, limpando o esmalte transparente de cada unha. “Não que isso me surpreenda.”

“O que não a surpreende? Que eu refaça as unhas antes que estraguem?” Ele sorriu com o canto do lábio.

“Não me surpreende que suas unhas continuem perfeitas. Alguém como você não deve ser acostumado a trabalhos manuais.”

“Oh, pelo contrário, senhorita Talita.” Ele aumentou o sorriso. “Sei fazer excelente uso das minhas mãos.”

Eu deixei cair o pote de acetona e ele começou a rir.

“Deixa que eu pego.” Ele começou a se abaixar e eu fui mais rápida. Não queria dever favores a ele, por menores que fossem.

Eu me contorci até alcançar o pote sob a mesa. Meu olhar escapou aos seus sapatos. Verniz reluzente sobre o couro preto e uma fivela dourada da Louboutin. Que exibido.

Com o pote em mãos eu voltei para a minha cadeira e descobri Jean-Lucc bastante distraído, mexendo no celular. Ao contrário de suas roupas aquele era um celular bem comum, meio velho, do tipo que se encontrava em liquidação de shopping.

Espera. Aquele celular era meu!

“*Sob a luz do Teu Olhar*. Nunca assisti isso. É bom?” Perguntou ele, enquanto vasculhava meu histórico do Netflix.

“Me devolve isso!” Levantei a voz, quase esquecendo que ele era um cliente. “Digo... por favor, senhor?”

“Devolvo se me chamar de Charles.” Ele mordiscou o lábio, causando suspiros nas outras mulheres e uma rosnada frustrada em mim. “E se aceitar ter um encontro comigo.”

Que sem vergonha. E dessa vez todo mundo ouviu! Com certeza ele falou alto de propósito e eu já previa a bronca que levaria de todas por rejeitá-lo. Mas esse tipo de homem não me enganava. Em algum momento o riquinho mimado me deixaria em paz, aprenderia que não é não.

Tentando me controlar eu tomei a mão de Jean-Lucc sobre a minha, sentindo a maciez excessiva de sua palma. Havia alguns anéis em seus dedos, com pedrarias e detalhes em ouro. No maior anel havia algo enroscado. Fios de cabelo ruivos e loiros, que eu puxei com uma expressão surpresa.

“Posso ver o seu tal *excelente uso das mãos*.” Eu sorri com o canto da boca, soltando os longos fios ruivos ao chão como se ganhasse uma mini-batalha. “Ela te chama de Charles, também?”

“Sou um homem que curte diversão, Talita. Deveria aprender sobre isso.” Ele deu de ombros, sem se importar minimamente com minha descoberta. “Um único encontro no seu restaurante favorito. Ou podemos passear à beira mar, ou assistir esta sua novela estranha e cafona na minha mansão.”

“*Sob a Luz do teu Olhar* não é estranho e cafona! É sobre o amor verdadeiro, e cumplicidade, e confiança mútua, e é tão popular que vai sair filme daqui a dois meses! Não me admira que você não compreenda.”

Jean-Lucc torceu a boca em dor. Eu pensei que o havia magoado então notei que lixava suas unhas furiosamente.

“Compreendo o conceito, Talita. Como eu disse, é cafona.” Ele provocou, ameaçando rir. “Por que não gosta de mim?”

Eu soltei a lixa antes que não sobrasse nada daquelas pontas de dedos e abri o mesmo esmalte da última vez. Era o único esmalte masculino no meu estoque, transparente e um pouco brilhante.

“Não diria que gosto ou não de você, Janluque.” Eu mordi a língua, mas Jean-Lucc apenas riu do apelido. “Mas sei porque está aqui. Apenas porque eu disse não da última vez.”

“E qual o problema nisso? Você é linda, Talita. Um achado inesperado em meu caminho a um compromisso. Me sinto na obrigação de voltar até este não virar um sim.”

Fechei meus lábios num asterisco, sentindo o sangue ferver. Bem, pelo menos o palhaço era sincero.

“Não vai acontecer, *Janluque*. Meu não continua sendo não, mas desejo boa sorte. Não será difícil que alguém como você encontre mulheres mais fáceis.”

“Está me chamando de bonito?” Ele abriu seu sorriso branco.

“Não! Qual é a lógica dentro dessa sua cabeça?” Eu bati a mão em uma unha recém pintada e precisei passar acetona e recomeçar. “Nós nunca vamos sair, não sou esse tipo de pessoa.”

“Nem para um cafezinho?” Tentou ele, manso como um gato pedindo colo.

Eu corriji o estrago no esmalte e passei o spray secante, agradecendo aos céus pela

minha agilidade em pintar unhas.

“Terminamos, senhor Jean-Lucc. Agradecemos a sua preferência.” Falei, me levantando. “Permita-me acompanhá-lo até a porta.”

Jean-Lucc sorriu em extrema felicidade, embora fosse minha despedida padrão a todos os meus clientes.

“A gratidão é minha, pelo excelente atendimento. Meu cosmetólogo italiano não faria serviço melhor.” Ele admirou as próprias unhas brevemente e voltou a fixar nossos olhares. “Creio, então, que isto é adeus, minha querida Talita.”

“Tenha um bom dia.” Eu joguei meus cachos loiros para trás. “E cuidado com o que faz das mãos. A tinta ainda demora um pouco a secar.”

“Meus dedos serão como uma pluma, Talita.” Ele enfatizou meu nome, uma última tentativa desesperada de dissolver meu bom-senso. “Se mudar de idéia, encontrará sobre mim na minha página da Wikipédia.”

“O Salão Capilair agradece sua preferência, tenha um bom dia.” Eu fechei a porta na cara dele e voltei para dentro, onde meu verdadeiro pesadelo aguardava: Meia dúzia de mulheres com olhar de cobra, me encarando como se eu fosse a reencarnação do anticristo.



“Essa mulher não toma vergonha na cara!” Dona Henrica deu outra volta pelo salão, exasperada. “O cara é rico, lindo, e ela ainda assim esnoba o coitado? Você não assiste televisão, Talita, meu bem? O cara é dono de metade dessa cidade!”

“Por isso mesmo não quero sair com ele. Conheço esses ricos mimados, dona Henrica. Estão acostumados a ter tudo e não manter nada. Eu seria apenas uma diversão de fim de semana.” Falei.

“Um fim de semana maravilhoso!” Dona Henrica me corrigiu, tão vermelha quanto seu vestido de chita. “Pretende morrer sozinha, Talita? Se um homenzão como Charles Jean-Lucc não é bom o bastante, então seu homem perfeito simplesmente não existe.”

Eu revirei os olhos, cansada de ser o centro das atenções. Dona Henrica até fechou o salão mais cedo, assim que a última cliente foi embora, especialmente para me incomodar. E as outras meninas pareciam igualmente chocadas, exceto pela Bárbara, que segurava o riso e

se divertia muito.

Dona Henrica encheu outra xícara de café e bebeu largos goles. Até para uma senhora de setenta anos ela parecia velha. Talvez fosse o vício em cigarros e fritura, mas ela nunca foi exatamente... bem dotada de beleza. Depois que o marido morreu nunca conseguiu outro homem, então era só falar de macho que ela subia pelas paredes.

Eu já havia defendido meu ponto de vista muitas vezes, mas busquei paciência e me repeti pela milésima vez.

“Prefiro esperar o homem certo. O ricaço metido é bonito, mas quero ser especial para alguém. Algum dia vai surgir o homem perfeito que assista filmes comigo, e prepare almoço juntos, e me beije sob as chuvas de verão.”

“É louca. Totalmente louca.” Dona Henrica passou o echarpe nos ombros e vestiu a bolsa. “Eu vou pra casa antes que a babá largue meus netos na calçada. E você, Talita, vê se toma jeito. Sabe que é como uma filha pra mim. E que mãe eu seria, se não tentasse te meter juízo?”

Eu forcei um sorriso e me despedi dela, contendo uma leve vontade de mandá-la para aquele lugar. Dona Henrica era intrometida demais, mas continuava sendo a minha chefe.

Assim que ela saiu as outras meninas fizeram o mesmo, me lançando olhares gelados de desprezo. Aquilo começava a me cansar de verdade.

Que bando de vacas. Tudo isso era ciúmes? Só porque um playboy egocêntrico queria me levar pra cama por uma noite?

Era o turno da Bárbara fechar o salão, então ficamos apenas eu e ela. Ela estava quieta demais, mas seu silêncio era como uma panela de pressão.

“Tic-tac, tic-tac, tic-tac...” Brincou ela, com um sorriso implicante.

“Não você também, Babi. Já entendi, não vou ser jovem, bonita e fértil para sempre. Mas por que ter família é tão importante? Eu nem quero ter filhos! Lembra quando te visitei e tentei pegar o Bruno no colo? Ele ainda tem a cicatriz no braço.”

“Lembro bem, Talita. Mas foi um acidente. Se todo mundo que comete acidentes escolhesse deixar de se reproduzir, não existiria mais raça humana.” Ela riu. “E nós duas sabemos que é apenas uma desculpa. Em algum momento você vai ter que acordar e perceber que *aquele menino* nunca existiu.”

Eu bufei, ainda mais brava. Não bastasse a implicância daquele bando de frustradas, agora minha melhor amiga duvidava da minha sanidade mental.

“O menino do orfanato existiu, Bárbara. Já o descrevi mil vezes. Ele era doce, e atencioso, e gentil, passávamos horas conversando antes do toque de recolher, ele adorava me ouvir.”

“Aham... e como era a aparência dele, mesmo? Ou o nome?”

“Você sabe que eu não lembro. Eu era uma criancinha mas já sabia reconhecer um homem de verdade, tá bom? Eu não tive a sorte dele em ser adotada, mas cresci sabendo valorizar trabalho e esforço, e conheço a sensação de ser especial para alguém. E é por isso que não posso sair com um metidão mimado que sempre ganhou tudo em uma bandeja de ouro!”

“Tá certo, Talita...” Bárbara balançou a cabeça como se falasse com uma doida. “Passe a vida esperando o seu homem perfeito, tão perfeito que ele nunca tentou te procurar.”

Meu peito apertou. Droga, eu não queria ouvir isso. Não da Bárbara.

Bárbara me percebeu prestes a chorar e veio até mim. Ela me abraçou.

“Desculpa, estou apenas preocupada, Talita. Você é romântica e esperta, não quero que gaste a vida procurando o que não existe.” Ela afagou meu cabelo. “Amanhã mesmo vou falar com as meninas e mandar que esqueçam essa história.”

“Deixa, logo vão cansar do assunto. Pode voltar pra casa que eu termino de trancar o salão.”

“Tem certeza?”

Eu concordei com a cabeça, ajudando-a a descer a grade de ferro. Bárbara disfarçava, mas cada gravidez destruía seus tornozelos um pouquinho mais. Ela sofria em manter-se de pé tanto tempo.

Bárbara despediu-se de mim e foi embora, me deixando sozinha naquele salão deserto com cheiro de condicionador.

Tic-tac... que bobagem. Se eu nunca tivesse filhos, seria por escolha minha. Será que eu não podia escolher uma vida sozinha sem parecer uma vaca egoísta?

Eu desci o portão com força demais, soltando-o por acidente. As barras metálicas bateram no chão e fizeram voar uma nuvem de poeira e cabelo velho.

Eca. Aquele realmente não era o meu dia. Frustrada por perder ainda mais tempo eu busquei a vassoura ao lado da lata de lixo, e por acaso meu olhar desceu para um papelzinho amassado lá dentro, em meio aos frascos vazios.

Temerosa, eu me abaixei e peguei aquela coisa. Era o cartãozinho da Clínica Divino Fruto. O logotipo era um bebê dentro de uma maçã dourada, e logo abaixo haviam os números de telefone.

Hum... Eu não queria filhos, mas aquela cliente estava certa, muitos casais queriam e não podiam ter. Talvez doando meus óvulos eu ganhasse moral com as meninas. Ou pelo menos elas parariam de me encher o saco sobre meu relógio biológico. Afinal, tecnicamente eu teria filhos, certo?

Eu comecei a rir da minha própria ideia absurda. Era loucura, mas não deixava de ser uma boa ação. Não custava nada fazer uma visitinha e descobrir como funcionava.



Capítulo 03

Jean-Lucc

Deixei a sala de reuniões exausto. Uma tarde inteira negociando com os investidores alemães, mas pelo visto fecharíamos contato e o cheiro de mais dinheiro sempre me animava.

Eu me despedi da secretaria, vesti o paletó do meu terno e entrei no elevador panorâmico. As paredes de vidro revelavam o lindo sol poente de Manhattan e, do lado oposto, cada um dos oitenta andares da minha empresa.

Escolhi admirar os andares ao invés do pôr do sol, assistindo minhas centenas de funcionários se esforçarem em ganhar mais dinheiro para mim.

Quando cheguei no térreo, George já me aguardava diante da limusine. Ele abriu a porta de trás e eu entrei, sorrindo satisfeito para o balde de champanhe geladinho sobre o banco, acompanhado dos meus chocolates favoritos. George me conhecia tão bem.

“Direto para a mansão, patrão Charles?” George fechou o cinto e deu partida no motor.

Eu dei risada, já me divertindo com a apreensão em sua voz. George deveria ser um simples mordomo, mas era quase um irmão para mim. Talvez fosse nossa idade muito parecida. Quando se pensa em mordomos, imagina-se um velho enrugado e servil, com sotaque britânico e cheiro de naftalina, mas George era pouco mais velho que eu, devia ter uns trinta e cinco anos e seu denso cabelo castanho e olhos claros e vívidos o deixavam ainda mais jovem. Pelo menos ele era servil...quase sempre.

“Boa tentativa, George. Já sabe o meu destino desta noite.” Eu acenei minhas unhas no reflexo do retrovisor, fazendo George grunhir de raiva.

“Permita-me lembrá-lo, patrão Charles, que aquela manicure não cedeu aos seus encantos nas primeiras duas semanas e nada indica que cederá desta vez.”

“E é por isso que preciso voltar lá, Gegê. Não percebe que minha honra está em jogo? Um Jean-Lucc sempre consegue o que quer, e neste momento eu quero Talita Borges.” Eu sorri com o canto da boca e me inclinei para frente, abanando os dedos diante da cara dele. “E minhas cutículas ficam ótimas assim, não concorda?”

George estapeou minha mão antes que batesse o carro e seguiu adiante para a mansão.

“A papelada dos advogados não se preencherá sozinha, e hoje parece o dia ideal para

discutirmos um certo assunto, patrão.”

Eu suspirei, já avistando minha mansão no horizonte: um amplo império de três andares, com piscinas, terraços, salas de jogos e sabe-se lá quantos quartos.

Meu desejo em ver Talita queimava dentro de mim. Não apenas vê-la, eu queria desmanchar aquela expressão arrogante com a minha boca, perder meu rosto em seus cachos macios e conhecer o som de seus gemidos. Mas George já me aborrecia sobre os advogados há semanas, e sobre *certo assunto* por ainda mais tempo. Talvez eu devesse ceder apenas daquela vez.

Afinal, eu também tinha certa ansiedade em revelar minha surpresa para ele.



Eu me espreguiceei confortavelmente no sofá da sala, afundando as costas no couro macio enquanto procurava o controle-remoto. Mas assim que estiquei a mão para alcançá-lo, uma mão enluvada o tirou de meu alcance.

Com os lábios murchos em um asterisco, George balançou o controle no ar, tão longe do meu alcance. Droga, pelo visto eu realmente não escaparia dessa vez.

“Já entendi, Gegê. Sou todo seu.” Brinquei, apontando a poltrona à frente. “O que os advogados disseram?”

“A conversa de sempre. Os investidores temem que um império financeiro tão grande esteja concentrado nas mãos de um único homem. Há conversas sobre o destino de sua fortuna em caso de imprevistos. O senhor não tem herdeiros ou parentes, Charles, ninguém quer investir milhões em uma corporação que pode dissolver a qualquer dia.”

“A qualquer dia? Você fala como se eu fosse um paciente terminal.” Eu me torci no sofá, procurando a bandeja de frutas. A seleção do dia eram cerejas e damascos, minhas favoritas. Eu abocanhei um damasco distraidamente. “Aqueles caras precisam aprender a relaxar, eles ainda me suportarão por muitas décadas.”

George buscou uma maleta na mesa de entrada e enfim sentou-se à poltrona, sua expressão brava me divertia.

“Desta vez é sério, Charles. Os investidores precisam de garantia e os advogados já decidiram de onde tirar o dinheiro.” George abriu a maleta e retirou um calhamaço de papeis

com anotações e fotografias. “Até os sócios acalmarem os ânimos, seus advogados decidiram cortar suas doações filantrópicas.”

Eu engasguei no meu damasco.

“O quê?” Perguntei, ajeitando a postura no sofá. “Repete isso. Os filhos da puta cortaram minhas doações ao orfanato?”

George apertou os lábios e concordou com a cabeça.

“Quem eles pensam que são? Eu contratei aqueles desgraçados! Eles trabalham para mim, não podem decidir isso sozinhos!”

“O trabalho deles é evitar que você perca seus investidores e a sua fortuna, e é isso o que estão fazendo. Não me olhe assim, patrão Charles, sabe que é a opinião deles e não a minha.”

Meu sangue ferveu e minha respiração acelerou. Mas que raiva! Dezoito empresas em cinco conglomerados, e foram justamente as doações que aqueles vampiros cortaram! Com certeza foi de propósito, eles alfinetaram onde sabiam que iria doer.

Eu levantei marchando do sofá para buscar o celular.

“O que pretende fazer?” George me seguiu com o olhar.

“Não é óbvio? Vou demitir algumas pessoas.” Rosnei, já vasculhando minha lista de contatos.

“Patrão, recomendo evitar medidas drásticas. Se me for permitido, já tenho uma alternativa.” Disse ele.

Eu baixei meu celular e franzi a testa para George. Ele tentava me entregar aquele monte de papéis.

“O que é isso?” Perguntei, tentando me acalmar. Quando peguei nas mãos percebi que eram currículos e fotografias de candidatas... que por acaso eram todas mulheres lindas.

“Consegui em uma renomada agência de encontros, são as melhores solteiras da cidade. Mulheres de bom sobrenome, com estudo e excelente etiqueta. Certamente se o senhor der uma chance...”

“Encontros? Acabo de descobrir que vão fechar meu orfanato, e você quer que eu saia com mulheres?” Eu joguei os papeis para o ar, gritando, mas George não se intimidou com o meu tom de voz. “Devo lembrá-lo George, que um encontro era justamente o que eu pretendia antes de você me arrastar para casa e destruir o meu dia!”

George fez um beicinho magoado, seu olhar claro tremulando em tristeza.

“Aquele orfanato não é importante apenas para você, Charles. Você faz o que estiver ao seu alcance, e eu faço o que estiver ao meu.” Falou ele.

Eu murchei os ombros e meu coração apertou em culpa. Não adiantava descontar no meu mordomo, ainda mais considerando-se o nosso passado.

“Peço perdão, Gegê. Sou um homem de negócios, não posso perder o temperamento com tão pouco.”

George recolheu os papeis no chão. Eu o ajudei a fazer isso e percebi um sorriso triste em seu rosto.

“Não acho pouco, Charles. O orfanato foi seu lar por muito tempo.”

“Eu sei. Nunca o agradecerei o suficiente por sua ajuda, naquela época. Se não fosse você, as coisas teriam sido bem diferentes.”

“Ajudar o patrão a recuperar seus bens foi meu dever, mas um dever que me orgulho de ter realizado. O senhor tornou-se um grande homem, Charles, enfrentou muita coisa desde o acidente dos seus pais, e conseguirá enfrentar este desafio também.”

Eu e George trocamos um sorriso, mas meu coração batia amargo. Ele não precisava ter mencionado o acidente que levou meus pais. Minha vida tornou-se um inferno depois disso. De alguma forma o banco segurou toda a fortuna da família e eu precisei viver em um orfanato sem um centavo no bolso, durante anos. Meu único conforto foram as amizades daquela época, porque a miséria era constante e desesperadora.

Dependendo de mim, nenhum órfão passaria pelos mesmos apertos que eu vivi, mesmo que isso significasse... argh... me casar e obter herdeiros.

Ei, espera, herdeiros! Eu comecei a rir sozinho, me lembrando da novidade que tinha ao George.

“O que é tão engraçado?” Perguntou ele.

Com um sorriso vitorioso nos lábios, eu corri até o meu quarto e voltei com os documentos que haviam chegado naquela manhã. Meu coração finalmente relaxou e eu me senti meio burro. A ameaça ao orfanato me estressou tanto que esqueci ter resolvido o problema antes mesmo dele começar.

George pegou o envelope das minhas mãos, já me encarando em profunda desconfiança. Ele sempre sofria com minhas ideias loucas, mas aquela ele iria adorar porque resolvia dois

problemas ao mesmo tempo.

Eu poderia salvar o orfanato e ao mesmo tempo manter minha deliciosa vida de solteiro.



Capítulo 04

Jean-Lucc

Por cinco minutos George permaneceu estático, lendo e relendo os documentos no conforto de sua poltrona. Ou talvez estivesse paralisado em choque, o que era mais provável.

“Não entendo o que estou lendo, Charles.” Ele disse após um tempo.

“É uma autorização de paternidade assistida. Resolvi lhe fazer uma surpresa e investiguei aquela clínica de fertilidade nova. Foi como conheci nossa querida manicure, que trabalha na quadra ao lado.”

“Uma autorização do quê??” Perguntou ele, como se tivesse desaprendido a ler e ouvir.

“Paternidade assistida. Você sabe, ser pai sem precisar que exista uma mãe. Já fechei o contrato e a clínica está procurando uma barriga de aluguel neste exato instante.”

George arregalou os olhos para mim como se eu fosse um fantasma.

“Pai? Barriga de Aluguel? Charles, você ficou completamente louco? Você não pode acordar num belo dia e decidir que vai ser pai!”

“Por que não? Muitos caras se tornam pais com ainda menos planejamento.” Eu dei risada, mas George não relaxou nem um pouco. “Pensei que ficaria feliz. Quando houver um herdeiro os nossos problemas desaparecem. E você adora crianças, vai saber criá-lo bem.”

“Quer que eu crie seu filho?? Patrão Charles, com todo o respeito, você não está dando a devida importância a um assunto tão grave. Um bebê é uma vida, exige muita responsabilidade. Não pode fazer um filho apenas para preservar seus negócios.”

“O que sugere? Que eu vá para as minhas reuniões carregando aquelas bolsas de fralda horríveis? Também não quero uma mulher me enchendo o saco sobre guarda compartilhada e pensão, Gegê. Você se especializará sobre bebês no curso de sua escolha. Informe minha secretária sobre os valores para o depósito em sua conta bancária.”

George emudeceu completamente, até deixou os documentos caírem. Nossa, como ele era dramático.

Eu revirei os olhos, me perguntando como animá-lo sobre isso. George podia ser meu mordomo, mas também era meu conselheiro e melhor amigo. Por mais neurótico que ele

pudesse ser, sua aprovação ainda era importante.

“Tive uma idéia. Amanhã você me acompanhará na clínica. Barrigas de aluguel são a última moda na alta sociedade, Gegê. As esposas não querem despencar os peitos e os maridos não querem... ahm... esposas de peito caído, eu acho. Converse com os médicos e vai notar o quanto é perfeito.”

“Não acredito que está falando sério.” George suspirou. “Está bem, vou acompanhá-lo. Preciso evitar que tenha ideias ainda mais insensatas.”

“Este é o meu mordomo!” Eu dei tapinhas em suas costas e segui para o banheiro da minha suíte. Pelo aroma de vapor perfumado a dona Francisca já havia preparado a hidromassagem, e eu mal podia esperar para descansar e pensar na minha querida manicure. Será que George aceitaria dar uma passadinha no salão, mais tarde?

Enfim, quando o assunto eram mulheres, a aprovação do George não me interessava. Ele nunca gostava de nenhuma delas e com certeza não gostaria da Talita, porque não entendia a minha obsessão maior que o normal.

Na verdade nem eu entendia minha insistência naquela loira petulante, mas quem se importava? Quando o problema do herdeiro se resolvesse eu poderia focar minhas presas em Talita, e então mostraria a ela que ninguém — absolutamente ninguém! — resistia ao charme de Charles Jean-Lucc.



George me acompanhou à clínica e passou o olhar por cada detalhe da sala de espera, como se fosse uma nave espacial.

O lugar era elegante, com o tipo de mobília e iluminação dos ambientes que eu costumava frequentar. Pouco após a inauguração, a Clínica Divino Fruto já atraía toda a alta casta de Nova York, ricos interessados em pagar caríssimo por seleção genética, tratamentos de concepção e outras praticidades. O serviço de barriga de aluguel era um dos mais exclusivos, como sempre eram as soluções mais convenientes.

Eu me debrucei no balcão e conversei com a atendente da última vez, uma linda mulher jovem e loira, com braços magrinhos e uma barriga saliente, um tanto maior que em minha última visita. Ela não era apenas a secretária, como também alugava o corpo para que algum casal tivesse seu filho através dela.

Um sorriso perverso se formou na minha boca. Será que minha barriga de aluguel seria tão gostosinha assim? Porque seria um prazer imenso plantar meu bebê em uma mulher tão bonita. Sexo reprodutivo... até o nome parecia bem erótico.

“Senhor Jean-Lucc, é um prazer recebê-lo novamente. Tudo certo com sua documentação?” Perguntou ela.

Eu lhe entreguei os documentos já devidamente assinados, ansioso pela próxima etapa.

“E então... conseguiram alguém interessante?” Perguntei, com uma voz sem-vergonha.

A moça sorriu pra mim com uma expressão inocente e enérgica.

“Conseguir uma barriga de aluguel demora um tempinho, são necessários muitos exames de saúde, testes psicológicos, e diversos procedimentos legais. Tentaremos agilizar para um cliente tão seletivo como o senhor, por hoje faremos apenas a coleta.”

Eu arqueei a sobrancelha e troquei olhares confusos com George.

“Como assim, coleta? Não devo esperar que encontrem a mulher certa para eu engravidá-la?”

A moça loira riu como se eu tivesse falado uma piada.

“Essa foi ótima, senhor Jean-Lucc. A sala de coleta é a última porta aos fundos do corredor. Você e seu namorado, por favor queiram me acompanhar.”

Eu e George engasgamos, chocados demais para corrigi-la. Profundamente embaraçados e confusos, nós corremos para alcançá-la no corredor estreito.

“Ahm... senhora, eu e George não somos... ah!” Eu tropecei no carrinho de faxina, derrubando vassouras e baldes e causando a maior bagunça.

“Patrão Charles, o senhor se machucou?” Perguntou George.

Eu bati meu terno Armani, que felizmente não havia manchado. Mas o chão estava uma bagunça, coberto de lixo e poças de água. Pelo visto derrubei até as plaquinhas das portas.

“Tudo bem, apenas um escorregão.” Falei, pegando as plaquinhas. Na primeira estava escrito *Doação de Óvulos*, e na outra *Inseminação Artificial*.

George me abraçou de lado, me ajudando a levantar. No mesmo instante a moça grávida voltou e corou ao nos ver.

“Perdão, pensei que tivessem se perdido.” Disse ela.

Eu e George nos afastamos bem rápido. Muito encabulado, eu preendi as plaquinhas nas duas portas do corredor e segui adiante.

George me alcançou logo depois, e juntos nós entramos na tal sala de coleta.



Onde raios eu fui me meter?

Eu não me considerava um homem casto. Aliás, eu admitia ser super safado, aprimorei a arte de satisfazer mulheres como poucos conseguiriam. Mas aquela sala me derrotou, eu não conseguia nem olhar para a frente ou morreria de vexame.

A moça loira riu do meu constrangimento e me entregou um potinho.

“Preencham até este marcador com a amostra de sêmen. Podem demorar o tempo que for necessário.”

Eu ergui o olhar para ela e para George, que parecia um tomate de tão vermelho. O que eu deveria responder? Como ela esperava que meu Jean-Luquinho fosse ganhar vida em um lugar daqueles?

A tal sala de coleta parecia um banheiro, no sentido de que era pequeno e havia vaso e torneira, mas também haviam pôsteres obscenos nas paredes, pilhas de revistas eróticas e uma televisão passando um filme de sexo grupal com atores velhos e gordos. Havia até uma máquina com um buraco e a mensagem *insira seu pênis aqui*.

Eu gaguejei alguma pergunta, tremendo aquele pote na minha mão. A moça entregou uma caixa de lenços ao George e voltou para a porta.

“Vocês decidem como vai acontecer. Sugiro misturar as amostras dos dois, os casais gays geralmente fazem isso.” Disse ela.

“Nós não somos... ahm... Por favor me deixem sozinho.” Falei, fervendo de vergonha.

“Vou aguardar no carro.” George saiu a passos fininhos, com o olhar baixo. A moça o acompanhou e fechou a porta.

Eu tranquei a fechadura e suspirei. Devia ter imaginado que não engravidaria uma mulher do jeito mais gostoso, mas aquilo era ridículo. Um dos filmes disponíveis se chamava *Xorotas Alucinadas 7*! O que eles pensavam que eu era, um adolescente necessitado?

Bem... se fosse para preservar meu império, eu faria esse sacrifício.

Eu passei um pedaço de papel no vaso e sentei, gemendo de nojinho apesar da aparente limpeza. Com as mãos hesitantes eu desci o zíper e puxei meu companheiro para fora, soltando um longo suspiro.

Não era exatamente o encontro erótico dos meus sonhos, mas um Jean-Lucc nunca se intimidava perante um desafio.



Capítulo 05

Talita

Nossa, que clínica mais chique. Fiquei até desconfortável em aparecer daquele jeito, com o mesmo vestido com que trabalhei o dia todo. A fachada de metal e vidro lembrava aquelas mansões de filme de mafioso e tinha até uma limusine estacionada na frente, com um motorista uniformizado que mexia no celular.

Bem... a Jéssica me tranquilizou muitas vezes em nossas trocas de telefonema. Doar óvulos era um procedimento indolor e rápido. Eu dormiria durante todo o procedimento e estaria em casa a tempo de preparar o jantar.

Tentando manter a confiança, eu atravessei as portas automáticas e logo encontrei a Jéssica atendendo um casal de idosos, no balcão de recepcionista. Ela sorriu e acenou ao me ver.

“Oi, Talita, você chegou cedo!” Falou ela, empolgada. “Já vou falar com você, me aguarda na sala de doação de óvulos. É naquele corredor.”

Eu concordei e atravessei a sala de espera, sentindo que todos os olhares estavam em mim. Hospitais me deixavam tão nervosa, era difícil relaxar mesmo que eu fosse fazer uma simples doação.

Pelo menos foi fácil encontrar o corredor certo. Tudo na clínica era limpo, elegante bem sinalizado, até mesmo as portas tinham plaquinhas metálicas, separando cada ambiente em diferentes funções. Eu entrei na sala de doação de óvulos e fechei a porta.

Aquele lugar era tão... frio. Deu até um arrepio na espinha. Tudo branco e quadrado como uma sala cirúrgica, com suportes de soro, tanques de oxigênio e uma cama de lençóis verdes no centro, com aqueles apoios para os pés iguais aos de uma cama de ginecologista.

O nervosismo começou a revirar meu estômago. Era melhor eu me adiantar logo, ou mudaria de ideia e sairia correndo.

Percebendo que ninguém aparecia, eu deixei minha bolsa na mesa desocupada e deitei na cama para esperar o médico.

Na parede acima da porta um relógio com o logotipo da clínica fazia tic-tac, tic-tac, mas além desse som, tudo era silencioso, e o colchão da cama era surpreendentemente macio.

Quando será que o médico apareceria? Eu comecei a bocejar.

Meus olhos pesaram mais e mais. Trabalhar o dia inteiro me cansava tanto, mas pelo menos o ricaço babaca não apareceu desta vez. Não que eu tenha esperado ele, nem nada assim, é só que... hum... o travesseiro era bem confortável também.

Piscando cada vez mais lentamente, deixei meus pensamentos apagarem e adormeci em um sono profundo.



Acordei ao som de duas pessoas conversando, um senhor de jaleco e a Jéssica.

Eu esfreguei os olhos e despertei rápido, notando que ainda estava na sala de doação.

“Oi Jéssica, desculpa adormecer. Foi um dia tão exaustivo.” Eu sentei na cama, sorrindo encabulada.

Jéssica e o senhor arregalaram os olhos para mim, e pela expressão no rosto deles notei que havia algo muito, muito errado.

Pálida como um fantasma, Jéssica forçou um sorriso e tocou meu ombro amigavelmente.

“Talita, minha querida, como se sente?” Perguntou ela.

“Ótima. E sonolenta, como deve ter notado.” Eu ri, esperando aliviar o clima denso demais. Eu estendi a mão para cumprimentar o senhor. “Este é o médico que vai realizar o procedimento?”

Jéssica e o senhor se entreolharam, e ela voltou a olhar pra mim, mordendo o lábio.

“Ahm... Talita, querida, sobre isso.... Receio que o procedimento já tenha sido realizado.” Disse ela.

Eu sorri, um tanto surpresa.

“Simples assim? Nossa, eu nem percebi nada.” Falei, massageando minha barriguinha seca por cima do vestido. “Quantos óvulos conseguiram retirar?”

Os dois continuaram calados e sombrios. Desta vez foi o senhor quem ajeitou seus óculos no rosto e começou a falar, bem hesitante.

“Senhorita Talita Borges.” Ele verificou meu nome em sua prancheta. “Sou o doutor

Ignácio don Ferraz, diretor da Clínica Divino Fruto, e eu receio termos cometido um terrível engano.”

Eu arqueei a sobrancelha, me perguntando por que o diretor estaria ali para falar comigo pessoalmente. Aquela clínica devia atender centenas de pessoas todos os dias e Jéssica me garantiu que remoção de óvulos era um procedimento bem corriqueiro.

“Tem algo errado com os meus óvulos?” Perguntei, sentindo um gelo na espinha.

“Não, senhorita. Pelo contrário, seus óvulos são plenamente saudáveis. É só que...” O diretor suspirou e precisou sentar. Ele apontou à cadeira no lado oposto da mesa. “Por favor, sente-se. Temos um grande mal-entendido a resolver.”



Grávida.

Eu quase bati a bicicleta no caminho de casa. Grávida. Grávida. Grávida. A palavra pulsava nos meus ouvidos como se aquele médico ainda estivesse na minha frente, me contando a história mais absurda do mundo.

Já ouvi falar de erros médicos, mas como as coisas deram *tão* errado? Eu entrei naquela clínica para doar meus óvulos, e de algum jeito me confundiram com a barriga de aluguel de algum cliente qualquer. Eu dormi durante toda a inseminação artificial.

E então... naquele exato instante... um bebê crescia dentro da minha barriga??

Aaah! Eu queria gritar que nem uma louca e me jogar de bicicleta num rio! O que eu iria fazer?? O diretor falou em leis, e benefícios, e quantidades imensas de dinheiro, mas quem presta atenção em detalhes depois de ouvir que foi inseminada enquanto dormia?

Tudo na minha mente era uma bagunça de palavras, informações e números que não faziam sentido.

A roda da bicicleta derrapou no meio fio e eu quase me arrebentei na calçada. Os motoristas do carro começaram a me estranhar como se eu estivesse bêbada, eu descii antes que me arrebentasse.

Tremendo, eu peguei meu celular e fiz uma ligação.

“Alô? Bárbara? Deixa seus trezentos filhos com a sua mãe e aparece lá em casa. Temos

uma emergência.” Eu suspirei em puro desespero. “Vamos precisar de sorvete.”



Bárbara parou a colher de sorvete a caminho da boca.

“Espera aí... o quê?” Ela me olhou como se eu fosse louca.

Eu enterrei a cara nas almofadas do meu sofá, querendo sumir.

“Grávida. Aqueles idiotas da clínica ferraram com a minha vida.”

Bárbara ficou quieta, o que era absolutamente raro. Ela enfim abocanhou o sorvete já derretido na colher e se babou toda sem perceber, completamente desnorteada.

“Cara... que doideira.” Ela disse. “Mas vamos pensar com calma. O engano aconteceu ainda hoje, certo? Então ainda é cedo para se preocupar.”

“Como assim?” Eu levantei minha cara amassada do sofá para olhá-la nos olhos.

“Credo, Talita, você não entende mesmo de gestação, então aprenda com a profissional.” Bárbara batucou sua barriga de cinco meses. “Demora uns dias até a concepção vingar de verdade. Tem gente que faz tratamento um monte de vezes até funcionar, pode ser que você nem engravide.”

“Eu não tinha pensado nisso.”

Bárbara riu e me ofereceu um dos cinco potes de sorvete espalhados pela mesa. Dessa vez eu aceitei e sentei direito para comer.

“Pensa que você deu sorte, mulher! Provavelmente o bebê nem vai vingar, e ainda assim você tá super rica! Imagina a fortuna que vai tirar daquela clínica, processando eles? Ou pode enriquecer ainda mais fazendo algum acordo, nunca mais vai precisar pisar naquele salão de beleza!”

Eu dei risada e saboreei meu delicioso sorvete de morango. Para alguém que se considerava minha melhor amiga, Bárbara precisava aprender a me conhecer direito.

“Não quero nenhum dinheiro deles, já disse isso ao diretor Ignácio. Sou uma boa manicure, Bárbara. Mesmo que o pior aconteça vou dar um jeito de superar por conta própria.”

Bárbara abriu a boca, ainda mais estarecida que antes.

“Espera... você recusou a compensação por terem enfiado um bebê dentro de você?” Ela deixou o sorvete na mesinha e jogou os braços pro ar, exasperada. “Talita, você é completamente louca da cabeça? Primeiro rejeita o ricoço gostoso e agora recusa uma indenização milionária! Você odeia dinheiro, é isso?”

“Não quero enriquecer por causa de um engano, Babi. Gente que ganha demais por trabalho de menos acaba virando arrogante e idiota como aquele idiota da semana passada.” Eu dei de ombros, abocanhando outra colherada de sorvete. “E não é como se eu fosse ficar com o bebê.”

“...Quê? Como assim, não vai ficar com o bebê?”

“Não prestou atenção? Me inseminaram como barriga de aluguel. Algum casal em algum lugar quer esse bebê, então é um problema temporário.”

Bárbara continuou me olhando como se eu fosse uma piroca voadora. Eu esperava que ela fosse ser a voz da razão naquele momento de desespero, mas pelo visto eu era a única pensando com calma.

Não adiantava pensar nas mil possibilidades como uma dupla de dementes. Eu terminei o meu sorvete e dispensei a Bárbara para ir cuidar dos filhos dela, garantindo que sim, eu estava maravilhosamente bem sobre talvez ter um bebê dentro de mim.

Quando deitei para dormir eu quase aceitava aquela situação de forma razoável. Eu pretendia doar meus óvulos, e ao invés disso doei meu útero para que algum casal muito amável tivesse seu bebezinho. Uma doação ainda maior para garantir o meu lugar no céu.

Hahah, quem eu estava tentando enganar?

Eu estava ferrada pra caralho.



Capítulo 07

Jean-Lucc

Quanto mais o diretor falava menos eu compreendia. Tudo parecia uma brincadeira de mau gosto mas, pela reação da loirinha linda, o engano era real e todos ali receberiam um processo bem grande dos meus advogados.

Ah, maldição... meus advogados. O bebê. Como as coisas deram tão errado?

Minha mente ainda rodopiava enquanto o tal diretor Ignácio nos acompanhou à frente da clínica e se despediu. Eu queria fazer um escândalo, mas naquele momento uma garota estava chorando ao meu lado e por algum motivo minha prioridade foi abraçá-la.

“Ei, nós vamos resolver isso.” Eu apertei seu ombro magrinho e ela devolveu um tapa na minha mão, me encarando com o olhar molhado.

“Não tem nada a ser resolvido! Eu só posso ser idiota. Doar meus óvulos...” Ela esfregou a mão no rosto, borrando a pouca maquiagem que se mantinha no lugar. “Eu devia imaginar algo assim. É típico de gente como você querer herdeiros sem uma mulher para incomodar. E aposto que fez isso com algum objetivo financeiro.”

Eu inflei as bochechas, começando a me irritar. Ela pensava que aquilo era culpa minha? Eu não deveria julgá-la por reagir mal após uma notícia tão desastrosa, mas aquelas acusações me ofendiam... embora fossem verdade.

“O que pretende fazer?” Perguntei.

Minha pergunta a fez parar de chorar. Ela respirou fundo e me fitou com seus olhos inchados e maquiagem de panda.

“Como assim?”

“Você ouviu o diretor. Geralmente uma barriga de aluguel não tem direito algum sobre o feto, mas no seu caso poderá escolher o que fazer dele.”

Talita tremulou os lábios, chocada.

“Você... você é feito de gelo? Tem um bebê dentro de mim, Janluque, e o bebê é seu!”

“E também é seu!” Falei sem pensar e engasguei nas minhas palavras, muito vermelho.

Eu afrouxei o colarinho do terno, precisando mais do que nunca de uma boa dose de whisky e alguns analgésicos.

Talita permaneceu congelada e muda, como uma adorável estátua de cachos loiros. Até bagunçada ela era uma gracinha, mas ela havia se tornado mãe do meu filho e nós nunca sequer transamos!

Maldição... não resolveríamos nada ali, parados na calçada da clínica. Talita parecia um tigre encurralado, louca para destroçar o pescoço de alguém. Eu precisava ser razoável.

“Ainda vamos ter nosso encontro?” Perguntei, sorrindo.

“Vai a merda!!” Ela gritou na minha cara e marchou até o bicicletário.

Talita arrancou sua bicicleta com os gestos de um bicho selvagem e disparou avenida abaixo, me deixando sozinho sem entender coisa nenhuma.

Ai, ai... eu adorava uma mulher com personalidade, mas aquela era meio... complicada.



O sol iluminava o interior da mansão em tons alaranjados, anunciando o fim daquela desgraça de dia.

Cheguei na sala de estar já tirando os sapatos e afrouxando a gravata. A empregada apareceu para me receber com uma travessa de pães e geleias, mas eu não conseguia nem ver comida.

“Mais tarde, Francisca. Viu o George por aí?” Perguntei, enquanto abria a garrafa de whisky,

“Deve tá preparando o banho do senhor, o patrão chegou cedo. Quer que chame ele?”

Eu bebi o copo de whisky em um só gole então segui para a minha suíte. Pelo som de água vindo do banheiro, o palpite da Francisca estava certo.

“Quero uma refeição leve. Pensando bem, a equipe de cozinha está dispensada por hoje. Não estou com humor para refeições.” Eu entreguei o copo a Francisca e fui para o minha suíte, ignorando seus resmungos sobre cuidar da saúde, ou se poderia preparar só uma saladinha.

Quando entrei no banheiro não encontrei George, apenas a banheira ainda enchendo de

água. O vapor aromático e a camada de espumas eram o convite perfeito para relaxar e processar mais lentamente os eventos daquele dia.

Eu desabotoei a camisa e lentamente tirei minha roupa, o tempo todo pensando bebê e na manicure revoltada, que naquele instante o carregava dentro da barriga. Pelo reflexo no espelho embaçado observei meu corpo, resultado de anos de academia: peito rígido, ombros largos mas não a ponto de eu parecer um ogro, barriga cavada para dentro com oito gominhos bem salientes. Meus bíceps volumosos ainda podiam ser trabalhados, fiz uma nota mental para discutir isso com minha personal trainer.

Ao terminar de me despir eu joguei as roupas no cesto e entrei na banheira. Meu corpo arrepiou com o calor gostoso e eu logo deitei e descansei as costas, suspirando em relaxamento sob a densa camada de bolhas.

Como resolver uma situação tão estranha? Minha intenção inicial era processar a clínica, quebrar financeiramente todos os envolvidos até que as dívidas chegassem aos bisnetos, mas naquele momento, apreciando um banho quente e massageando óleo de castanhas nos ombros, fechar uma clínica de fertilidade me parecia exagero. Depois do corte de verbas ao orfanato eu só recorreria aos meus advogados como último recurso.

Meu pensamento mais urgente era conseguir outro bebê. Talvez eu pudesse fechar um acordo e conseguir uma nova barriga de aluguel.

Alguém abriu a porta do banheiro casualmente e travou ao me ver.

“Patrão Charles, não percebi seu retorno.” George virou o rosto, encabulado.

“Gegê, preciso que investigue o mercado negro na Deep Web.” Falei.

“Com que finalidade?” George arqueou uma sobrancelha.

“Gestações demoram muito tempo. Deve existir algum site que venda bebês.”

George abriu a boca, um tanto assustado. Ele me encarou de relance esperando que eu desse risada e voltou a olhar pro chão.

“Charles, não podemos comprar um bebê! Mesmo que exista um site assim, creio que teríamos problemas muito maiores que o fechamento do orfanato.” Disse George. “E pensei que o senhor tivesse resolvido esta situação. Não era hoje que conheceria sua barriga de aluguel?”

“Sobre isso...” Eu deslizei as costas pela porcelana da banheira, mergulhando nas bolhas até a linha do nariz.

George cruzou os braços e bufou, apoiando as costas na parede.

“Aconteceu algum imprevisto?” Perguntou ele.

Eu voltei a fitá-lo, com um sorriso nervoso.

“Sou um empresário, George, lido com imprevistos todos os dias.” Eu revirei os olhos, fazendo minha melhor voz de pouco caso. “Hoje acabou o papel da minha impressora, o estagiário derramou café no carpete, eu engravidei a manicure e precisei trocar o óleo do Mercedes.”

“Você engravidou a manicure??” George gritou, horrorizado.

Droga, eu tentei que a conversa não chegasse nisso. Eu ergui a palma da mão, pedindo que George pelo menos tentasse me ouvir.

“Calma, calma, *engravidei* foi uma palavra muito forte. Eu não engravidei ela, exatamente, engravidaram ela de mim, entendeu?”

Pela cara que George fez, ele não entendeu coisa nenhuma. O coitado nem respirava.

Eu esfreguei água morna no rosto casualmente e me debrucei nas bordas da banheira, como se estivessemos conversando sobre o tempo ou trocando dicas de roupa.

“Um pequeno desvio nos meus planos, mas tudo vai dar certo. Se não conseguirmos comprar um bebê, contrato uma nova barriga de aluguel. Duvido que os idiotas daquela clínica me cobrarão por isso.”

“Outro bebê? Charles, você é louco? Onde mora essa mulher? Não pode ficar gerando bebês por aí, você será um pai!”

“*Pai* também é uma palavra muito forte, Gegê. Prefiro me considerar um... um... um bilionário gostoso e rico que nunca, de forma alguma, passou sua carga genética adiante de forma estúpida e irresponsável.” Eu balancei os ombros em desdém. “A garota não quis nada disso, ela vai decidir o que fazer da criança e, se precisar de qualquer auxílio, o diretor da clínica terá a obrigação de atendê-la. Não tenho nada a ver com isso.”

George esfregou a testa e sentou na bancada da pia, completamente estarecido.

“Você vai ser pai.” Ele disse.

“Não, eu não vou.” Falei, entoando o meu incômodo em precisar me repetir. “Vou continuar sendo um bilionário gostoso e rico que...”

“Precisamos encontrar aquela mulher.” George tirou o celular do bolso e começou a

digitar. “Você disse que ela trabalha perto da clínica? Tem o número daquele lugar?”

“Já é noite, Gegê. Gente pobre também tem vida, sabia? Nesse momento ela está assistindo novelas de gosto duvidoso, ou praticando tiro ao alvo com minha foto de capa da revista People, ou enchendo a cara, fumando e... oh meu Deus.” Uma sensação gelada estremeceu meus ossos. “E se aquela louca encher a cara? Ela não pode fazer isso com o meu filho!”

“Até que enfim a ficha caiu. Vou investigar algum contato que... Ah!!” George gritou, tapando o rosto com as mãos quando eu deixei a banheira bruscamente.

Não havia tempo para os tramas do George. Eu enrolei a toalha na cintura e penteei o cabelo brevemente no espelho antes de voltar para o quarto.

“Espera, não posso invadir a casa dela sem um plano. Gegê, tem alguma idéia?” Gritei do quarto, enquanto secava o corpo.

George permaneceu dentro do banheiro, ilhado. Eu nunca entenderia o constrangimento dele em me ver despido, nós crescemos juntos como irmãos. E o problema com certeza não era inveja dos meus músculos tonificados: por baixo do uniforme de mordomo, George também escondia um porte físico exemplar, resultado de anos limpando minhas muitas mansões.

Mas claro que eu era o mais gostoso da dupla.

“Gegê...”

“O patrão sabe qual será minha sugestão, mas se a garota engravidou contra a vontade, creio que precise de um tempo sozinha.”

“Para quê? Para envenenar meu filho com álcool, tabaco, Coca-Cola chinesa e crack?” Eu vesti um terno limpo, Hugo Boss azul marinho com gravata cinza, sapatos Louboutin e abotoadeiras de topázio. Um look básico, mas a pressa não me permitia combinar acessórios da mesma estação. “Qual seria esta sua sugestão? Espera, não está pensando em...”

“O código laranja é nossa melhor opção, Charles.”

Eu revirei os olhos e comecei a rir, vestindo minhas meias.

“Pensei que esta fosse uma conversa séria, George. Não podemos usar o código laranja em uma garota inocente.”

“Inocente por enquanto, mas será uma luta contra o tempo até que ela comece a ter ideias que destruam seu império. Se o patrão deseja encontrá-la ainda hoje eu posso descobrir o

endereço, mas é imperativo que coloque o plano em ação.”

Eu suspirei, sentindo um aperto no peito.

“Pensarei sobre isso, tá bom? Não importa o ângulo, este plano me parece estúpido.”

“Não se engane, patrão, é um plano terrivelmente estúpido.” George espiou se já podia sair, então juntou-se a mim no quarto. “Mas conhecendo o patrão, é o único jeito de fazê-lo convencer aquela garota.”

“Convencê-la de quê?” Eu passei gel no cabelo e o arrumei no espelho da penteadeira, manipulando cada fio à posição perfeita.

“Como assim, *convencê-la de quê?* Você a convencerá a completar a gestação e entregar-lhe a guarda do bebê, óbvio.”

Eu franzi a testa para George, levemente chocado.

“Não posso convencê-la a isso, mulheres não são galinhas chocadeiras, Gegê.” Eu baforejei uma risada. “De qualquer forma, me surpreenderia ela interromper a gravidez. Apesar de ser grossa como um chagal faminto aquela garota tem... não sei... algum tipo de energia radiante. Mesmo que ela tenha o bebê será escolha dela o que fazer dele.”

“Então *faça-a querer* o que for mais conveniente para o senhor, patrão. Apenas se tudo falhar teremos o código laranja como cartada de emergência.”

Eu concordei com a cabeça, começando a me assustar com os raciocínios do George. Mas era este mesmo raciocínio que me tirou do orfanato e me lançou ao topo do mundo, então seria estupidez desconsiderar suas sugestões.

Já perfeitamente arrumado, eu tentei deixar o quarto e George bloqueou o caminho da porta. Ele me encarou com seu olhar trêmulo e vívido..

“Não entendo sua fixação por aquela mulher, Charles, mas ela não carrega apenas o seu bebê, e sim o futuro do seu orfanato, das suas empresas, tudo. Aquele bebê não é um simples pedaço da sua carga genética. Ele é o seu herdeiro. Enquanto estiver em posse do bebê aquela mulher pode te destruir.”

Eu suspirei, novamente concordando com ele. Por mais complicada que a situação fosse, eu não imaginava Talita me destruindo de forma alguma. Também era improvável que machucasse o bebê de propósito, mas agressiva e estabonada como ela era, eu precisava intervir o quanto antes.

Cansado de lidar com George, eu o contornei e deixei o quarto. Ele gaguejou algum

resmungo e eu ergui a mão para que se calasse. Ele me seguiu em silêncio.

“Pedi preparasse Limusine, não pedi?” Falei, enquanto atravessava os salões na direção da cozinha. “Já disse que conversarei com a Talita então acalme-se, nós partiremos depois que eu fizer um lanchinho. Dona Francisca preparou uns pães com geleia maravilhosos.”



Capítulo 08

Talita

O celular tocou no meio dos lençóis. Outra ligação da Bárbara. Eu abafei o toque irritante embaixo do travesseiro e virei na cama querendo continuar dormindo, de preferência para sempre.

Era simplesmente tão assustador. Eu não nasci pra ser mãe. Como eu poderia, se nem mãe eu tive? Minha única experiência com maternidade era assistindo novela ou esperando a Bárbara amamentar suas trezentas crianças, para então conseguir que ela assistisse novelas comigo. Ter um bebê nunca passou pela minha cabeça.

Mas ali estava eu, Talita Borges, solteirona e grávida de um ricaço estúpido e mimado.

Ah, e eu ainda precisaria ter um encontro, porque claro que uma tragédia dessas não impediria Janluque de tentar entrar nas minhas calças. Ele deve ter pressa, precisa agir antes que minhas tetas virem bolas de leite e minhas pernas inchem com mil varizes.

Eu não me considerava uma mulher vaidosa mas eu não queria virar um boto coberto de estrias, e não queria trocar fraldas, e não queria feder a leite azedo e Hipoglós como a Bárbara fedia nas semanas após cada parto.

E, principalmente, eu não queria a parte mais insuportável: lidar com o pai da criança. Janluque podia ter salvado meu emprego e ter sido gentil após as grandes notícias, mas eu já havia sacado o joguinho dele. Me engravidar não estava nos planos, mas ele se aproveitaria disso. Bilionários nasciam com tato para transformar adversidades em vantagem pessoal.

Ainda assim, ele disse eu poderia escolher o que fazer do bebê. Digo, óbvio que qualquer escolha seria minha, considerando que havia um bebê surpresa dentro da minha barriga, mas Janluque cedeu fácil apesar do bebê também pertencer a ele. Talvez ele simplesmente não se importasse.

O silêncio mortal no quarto foi entrecortado pela campainha.

Eu cobri a cabeça com o travesseiro e me escondi embaixo das cobertas meladas de sorvete. Maldita Débora, eu já havia ligado, contado a grande notícia, e dito a ela que não queria ver ninguém. Meus planos do fim de semana envolviam me embolar na cama e chorar comendo gordices na minha camisola, que na verdade era uma camiseta de partido político tamanho GGG, da eleição de uma década atrás.

Pensando bem, tirando a parte das lágrimas, era um plano bem semelhante ao de todos os meus fins de semana.

A campainha tocou de novo. Mas que droga!

Eu me levantei e cocei a bunda, toda suada pelo calorão e porque fechei as janelas e cortinas, querendo sofrer na penumbra solitária do meu apartamento. A campainha não dava trégua então me arrastei até a porta já pensando em todos os palavrões que diria à Bárbara.

Minha calça e a minha calcinha continuavam pendurados no braço do sofá, em meio aos potes de sorvete vazios. Eu considerei vestir mas a Bárbara não se importaria em me ver como um pé-grande maltrapilho.

“Já vai, caralho.” Reclamei, tentando encontrar a chave certa. Eu abri a porta já bufando de raiva. “Bárbara, eu já disse que...Aaah!”

Não era a Bárbara. Definitivamente não era ela, a menos que Bárbara tivesse mudado de sexo e se tornado um homem gostosão, cheiroso, e extremamente sem limites de espaço pessoal.

“Janluque, essa é a minha casa!” Eu gritei, indignada e surpresa. “Como você me encontrou?”

O ricaço metido desceu o olhar por mim e torceu a boca, então pegou seu celular — o iPhone mais novo, modelo dourado — para me mostrar a tela. Minha foto apareceu logo acima dos meus dados pessoais, eu toda sorridente com um boné de Sob a *Luz do Teu olhar* e pompons nas cores temáticas da novela.

“Você descobriu meu blog.” Eu engasguei, chocada.

“Não precisei ser um detetive. Que tipo de maluca coloca o endereço no perfil de um blog de novela mexicana?”

“Tenho milhares de fãs, tá bom? Tenho esperança que um deles, um dia, me peça uma pizza.” Falei, preferindo não admitir que foi uma ideia bem estúpida, e que o blog teve apenas cinquenta acessos desde o lançamento.

Janluque guardou o celular de novo e ficou me olhando. Dessa vez ele cheirava super gostoso a castanhas e perfume de laranja, mas seu cheiro era tudo o que prestava.

“Não vai me convidar pra entrar na sua... casa?” Ele tentou espiar para dentro. “Parece bem aconchegante.”

“O que você quer?” Eu apoiei a mão na cintura, indignada. “Aliás, eu sei o que você

quer. Mas o que você *quer*, que não pode esperar até o nosso maldito encontro?”

Janluque sorriu, super contente. Ele pegou o celular de novo e digitou alguma coisa.

“É bom que tenha perguntado. Seu intelecto pouco treinado talvez não absorva tudo o que tenho a dizer, então tomei a liberdade de escrever uma lista no caminho para cá. Seu blog tem seu endereço e até sua conta bancária, mas por algum motivo absurdo não contém nenhum e-mail. Como posso te mandar o arquivo?”

Eu revirei os olhos, querendo me livrar dele o mais rápido possível para me lamuriar em minha noite de sofrência. O único jeito era passar logo o meu e-mail, que Janluque anotou imediatamente em seu iPhone.

Meu celular apitou no quarto, e pelo sorriso do Janluque eu percebi que não me livraria dele.

“Espera no sofá e não mexe em nada.”

Eu fui buscar o celular na cama e quando voltei pra sala avistei Janluque no sofá, brincando com um pedaço de tecido colorido.

“Amarela com estampas de emoji. Quantos anos você tem, doze?” Perguntou ele.

“Minha calcinha!” Eu me joguei em cima daquele palhaço e arranquei a calcinha das mãos dele. “Você é um perverso, sabia disso?”

“Pelo menos eu estou usando roupas de baixo. Cueca box preta da Dolce & Gabbana, apropriada para minha faixa etária.”

Eu rosnei de raiva e de vergonha e marchei para o banheiro para vestir minha maldita calcinha. Janluque mal havia chegado e eu já refletia se era possível matar alguém jogando-o de uma janela no terceiro andar.

Devidamente vestida nas partes íntimas, eu voltei para a sala já verificando o celular. Entre as muitas notificações de ligação da Bárbara havia um alerta de e-mail. No e-mail não havia nenhum texto, apenas um arquivo chamado aasdaasdad.docx.

“Você nomeia seus arquivos batendo no teclado e eu quem tenho doze anos?” Falei.

“Apenas abra a lista.” Ele cruzou as pernas, fitando discretamente a bagunça apocalíptica da sala e a montanha de louça na pia da cozinha. Se ele queria um cafezinho ficaria esperando.

Querendo terminar logo com isso, eu sentei ao seu lado no braço do sofá e abri o arquivo.

Lista de deveres da futura mamãe Talita

- * Não beber álcool.

- * Não falar palavrões.

- * Não se estressar excessivamente.

- ** Caso excesso de estresse seja inevitável, tomar medicamentos prescritos pelo médico recomendado por Charles Jean-Lucc.

- ** Pensando bem, todos os remédios deverão passar por aprovação do meu médico.

- * Ouvir apenas música clássica.

- * Alimentar-se de forma saudável.

- * Cantar apenas melodias lentas e apropriadas a crianças.

- * Evitar conteúdo chulo que possa influenciar o bebê negativamente.

- ** Isto inclui novelas mexicanas.

- * Vestir apenas algodão e outros tecidos naturais (posso recomendar marcas maravilhosas)

- * Realizar acompanhamento pré-Natal com equipe médica qualificada.

- *Parar de combinar vestido de estampa com sapatos listados (nada a ver com o bebê, mas é muito estranho então apenas pare).

- * Dormir pelo menos oito horas por noite, alterando a posição no mínimo três vezes durante o sono.

- *Parar com o refrigerante.

- * Não fumar crack.

...

Eu joguei o celular no braço daquele idiota.

“Como assim, *não fumar crack*? Que tipo de mulher você pensa que eu sou??” Gritei, indignada.

“Continue lendo, é muito importante para o futuro do Jeremy.” Charles tentou me devolver o celular.

“Jeremy?? Em primeiro lugar, este bebê ainda não tem nome, e em segundo lugar, essa lista é uma completa estupidez em dezesseis páginas! Dezesseis! Como conseguiu escrever tanto no caminho para cá?”

“Tenho dedos ágeis.” Ele sorriu com safadeza.

Eu bufei e voltei para o quarto, fervendo de ódio.

“Não vai terminar de ler? Pode pular para a página oito, onde listei as marcas de queijo que você pode...”

Eu bati a porta do meu quarto e me joguei na cama, querendo meter fim naquela noite interminável.

Incapaz de me livrar daquele ricaço, eu simplesmente fechei os olhos e dormi. Se com isso Janluque não percebesse o momento de ir embora, era porque nada funcionaria.



Acordei com o barulho de uma porta fechando. Pelo visto Janluque finalmente havia cansado e ido embora, eu poderia enfim deixar o quarto.

Eu levantei bocejando e estranhei o relaxamento no meu corpo, descansado demais para quem tirou um breve cochilo.

Desconfiada, eu abri uma fresta da cortina e me torci para o brilho intenso, como um vampiro.

Nossa, que horas eram? Eu havia deixado o celular na sala, mas pela altura do sol já devia ser meio dia, ou perto disso. E Janluque só deixou minha casa naquele momento?

Com o coração acelerado, eu saí do meu quarto ainda mais bagunçada que na noite anterior, e para o meu espanto havia alguém no meu sofá. Um palhaço de terno que lia confortavelmente um dos meus livros de romance erótico.

“Janluque, você não tem casa?” Perguntei, totalmente frustrada. Pensava ter ouvido ele ir embora, mas claro que eu não podia ter boas notícias nem uma única vez.

“Por que todos os heróis e mocinhas começam se odiando?” Perguntou ele, sem tirar os olhos da leitura. “Se é um romance, não seria mais apropriado os dois personagens serem românticos?”

“Se os personagens já começassem apaixonados não teria história pra contar, agora devolve o meu livro e vai pra casa!”

“Era o que eu pretendia, mas não posso. Enquanto você dormia pensei em vários acréscimos importantes para a lista. Já enviei o arquivo atualizado e desta vez você lerá integralmente.” Ele sorriu docemente e deu um tapinha ao seu lado, no sofá. “Ou podemos ler juntos, adoro tudo o que envolve papai-e-mamãe.”

“Me dá isso aqui.” Eu peguei o celular e sentei ao lado daquele insuportável, já abrindo o meu e-mail.

Havia algo estranho no clima da sala, algo que minha mente sonolenta não processava muito bem, mas eu só queria encerrar aquela miséria.

Outro e-mail sem nenhum título ou texto, apenas um arquivo sdfdsdfs.docx de setenta e oito páginas. Setenta. E. Oito. Páginas.

“Pensando bem, vai a merda.” Eu joguei o celular no sofá e me levantei para ir à cozinha. Eu precisava de uns dez litros de café, alguns analgésicos, e possivelmente um revólver.

E então eu descobri o que havia de errado. Não sabia como demorei tanto a perceber, mas o espanto quase me fez gritar.

A pilha de louça suja havia sumido. Todos os meus pratos e talheres estavam organizados e empilhados nos armários, o tampo da pia reluzia em limpeza e até o chão havia sido esfregado. Toda a bagunça da sala também havia desaparecido e meus livros e DVDs foram organizados cuidadosamente nas estantes.

Tanta limpeza ia muito além de uma simples faxina. Meu apartamento parecia um hotel de luxo, sem nenhuma poeira, lixo ou cheiro estranho. Havia até uma cesta de frutas na mesa de jantar e um prato com torradinhas e geleias.

“Nossa, você fez tudo isso?” Perguntei, estarecida.

“É inaceitável que nosso filho se desenvolva em um ambiente pútrido. Infecções por mofo negro podem ser muito graves e você poderia tropeçar nos destroços e machucar a barriga.”

Eu deveria xingá-lo por tanto exagero, meu apartamento era bagunçado, mas longe de ser considerado pútrido e mofado.

“Isso foi terrivelmente invasivo, mas obrigada” Falei, verificando as gavetas. Até os talheres limpos foram lavados novamente e separados nas divisórias certas. “Não sei como agradecer.”

“Tenho várias ideias, a maioria delas envolve você ler minha lista e concordar com suas novas obrigações.” Ele balançou meu celular, com o olhar brilhante de um cachorro pidão. “Por favor? Só quero o melhor pelo nosso bebê.”

Nosso bebê? Só me faltava essa. Mas tudo bem, eu devia um favor por ele limpar meu apartamento, ainda surpresa porque Janluque não aparentava ser um homem prendado. Alguém que conseguia esfregar manchas de sorvete do carpete sem sujar ou amassar o terno merecia pelo menos um prêmio de consolação.”

“Dá isso aqui, vou ler sua maldita lista até o fim.” Eu sentei com ele novamente, suspirando em tédio. “Pelo menos me diz que não vou ter que assinar nada.”

“Você pode concordar com um registro de voz e impressão digital, se preferir.”

Eu ignorei a resposta absurda e comecei a ler, então alguém bateu na porta e entrou antes que eu atendesse. Era uma senhora de avental branco e pano na cabeça.

“Patrão Charles, acho que esqueci meu escovão, posso pegá-lo?” Perguntou ela.

“Claro, Francisca, fique à vontade.” Janluque fez um gesto para que ela entrasse.

A senhora me cumprimentou, buscou o escovão no banheiro e acenou para nós, saindo tão rápido quanto chegou.

O tempo todo eu a acompanhei com o olhar, petrificada por diversos motivos.

Janluque casualmente endireitou-se no sofá e voltou a ler seu livro.

“Ah, o poodle da mocinha morreu de câncer, odeio quando o autor mata os animais.” Disse ele.

“Você... você chamou uma faxineira para o meu apartamento?” Perguntei.

“Não é uma simples faxineira. Eu não confiaria a higienização desse muquifo a ninguém menos que a minha empregada Francisca. Como pode ver, ela faz milagres.”

Tá certo, a situação havia passado dos limites há muito tempo. Eu agarrei a gravata daquele animal revoltante e o puxei com força, obrigando-o a levantar para não morrer

sufocado.

Janluque me seguiu até a entrada, totalmente confuso.

“O que está fazendo?”

“Você invadiu a minha casa e convidou sua empregada como se morasse aqui. Pra mim chega, Janluque, vai nadar na piscina, ou passear de helicóptero, ou caçar rinocerontes, sei lá o que bilionários fazem quando estão com tédio.”

“A gente faz sexo estranho.”

“Obrigada pela informação, agora tchau.” Eu empurrei Janluque pra fora e bati a porta, trancando-a no mesmo instante.

Enfim silêncio e solidão. Eu descansei as costas na porta e deslizei até sentar, tão estressada que eu já queria dormir de novo. Meu olhar cansado desceu e eu massageei minha barriga através do tecido.

“Jeremy... de onde aquele idiota tirou um nome tão... ahm, não é um nome péssimo, mas você não diga isso a ele, tá bem?”

Minha barriga permaneceu exatamente igual e eu me senti uma completa boba.

Talvez essa coisa de maternidade não fosse algo tão horrível assim.



Capítulo 09

Jean-Lucc

Enfim havia chegado a noite do nosso grande encontro, e eu estava um gato. Terno novo, perfume italiano, abotoadeiras de diamante e meus novíssimos sapatos Prada que faziam par com o relógio. Tudo em mim gritava macho alfa, era simplesmente impossível que Talita não derretesse por mim.

Enquanto eu me namorava no espelho do quarto, George ajeitava a parte de trás do meu cabelo e verificava minhas roupas por qualquer fiapo ou poeira que precisasse ser removido. E ele não encontrou nada porque eu era perfeito, e naquela noite provaria isso àquela manicure revoltada.

“Gegê, qual alfinete acha que escolho? Tenho esse de rubi, mas o de marfim combina tão bem com a fivela do cinto.”

“Qualquer um.” Ele respondeu.

Eu murchei os lábios. Já haviam se passado dias e George continuava azedo. Tá certo, eu me enrolei e não dei início ao plano laranja, mas como eu poderia prever que Talita se trancaria no quarto por dez horas? E no dia seguinte ela me jogou pra fora como um cão! George deveria pelo menos reconhecer meu esforço.

“O plano ainda está de pé, Gegê, apenas mudamos o dia para hoje. Melhore este seu humor.”

“Aquela mulher não o trata com o merecido respeito, patrão. Devo insistir que consiga a guarda do bebê o quanto antes e livre-se dela. Está deixando poder demais nas mãos de uma manicure qualquer.”

“Não é uma manicure qualquer. Hoje mesmo dominarei o coração daquela besta selvagem e com isso ela ficará mais suscetível a nos favorecer. Não é o suficiente?”

George suspirou, alisando um minúsculo vinco atrás da minha gola.

“Tenha o seu encontro, se é o que precisa para desencantar dessa garota, mas já liguei para meus contatos. Hector o aguardará no lugar combinado.” Ele suspirou. “Depois me conte como se saiu.”

“Contarei todos os detalhes, até os mais tórridos.” Eu sorri com implicância ao George,

que não se impressionou em nada. “Já colocou os champanhes no frigobar da limusine?”

“Seus advogados ligaram novamente, nesta manhã. Se o patrão me permitir, hoje conversarei com eles pessoalmente para acalmar os ânimos. Tentarei segurar a verba do orfanato por mais um tempo.”

“Não sei o que eu faria sem você, Gegê.” Eu dei um tapinha em suas costas e deixei o quarto. “Boa sorte para nós dois, vou impressioná-la com o meu Mercedes.”



Eu parei o carro na frente do prédio, um pouco nervoso sobre aquela vizinhança. Não era exatamente um cenário de pós-guerra, mas o letreiro da padaria estava queimado e diversos edifícios precisavam urgentemente de uma pintura. As árvores mal podadas e lajotas tortas na calçada me causavam arrepios.

Não podia imaginar meu filho crescendo ali e já havia mencionado isso no item 762 da lista 5, que Talita certamente já havia lido no tempo em que não nos falamos. O pequeno Jeremy cresceria em um condomínio fechado e seguro, longe de bandidos, casas feias e cheiros estranhos. Eu mesmo estaria apavorado com a possibilidade de roubarem meu lindo Mercedes, se não fosse tão simples comprar outro igual.

Eu verifiquei a hora, confirmando que havia chegado pontualmente às sete da noite, e nada de Talita aparecer. Talvez tivesse esquecido do encontro, mas isso era improvável. A julgar por sua personalidade ela podia estar correndo pela casa procurando roupas que combinassem, ou pregando alfinetes em um vodu com o meu rosto. As duas possibilidades eram bastante plausíveis.

Quando eu considerava ligar para ela alguém abriu a porta externa do prédio. Olhando rápido pelos vidros escuros pensei que fosse outra pessoa, então olhei de novo e meu queixo caiu.

Vestidinho branco até o joelho, sapatos de salto, pulseiras coloridas e um intenso batom vermelho, que eu mal podia esperar para borrar. Até o cabelo Talita penteou graciosamente, longos cachos de mel encobrindo o decote um pouco grande, mas longe de parecer vulgar.

Talita estava simplesmente fantástica, e não apenas pela roupa e maquiagem. Seus passos firmes e postura confiante lhe conferiam um raro ar de nobreza. Eu simplesmente não consegui desgrudar o olhar mesmo quando ela abriu a porta do carro e sentou.

“Demorei?” Perguntou ela.

“Você está linda.” Falei, com toda a sinceridade.

Ela revirou os olhos, me lembrando que sim, por trás daquela princesa elegante ainda morava um chagal assassino.

“Onde raios você quer me levar?” Perguntou ela.

“É uma surpresa.” Eu liguei o motor e segui pela rua.

“Se esta surpresa não envolve uma cova rasa no meio de um pântano, então acho que tudo bem.” Ela esboçou um raro sorriso. “Belo carro. Mas sabe o que dizem sobre homens com carros grandes?”

“Que eles tem espaço o suficiente na mala para esconder um corpo?” Devolvi, provocante.

Talita torceu os lábios vermelhos, afinando o olhar pra mim.

“Não, mas boa resposta.”

“Relaxe, mãe do meu filho, e deixe o bilionário metido te ensinar sobre diversão.” Eu abri o porta-luvas e retirei uma caixinha. “Aceita chocolates?”

“Aceito enterrar a minha mão na sua cara.”

“Suave como uma arara choca. Essa noite será inesquecível.” Falei, embora por dentro eu tremesse um pouco.

Talvez coubesse mesmo um corpo dentro da mala do carro, e se Talita descobrisse o plano, este corpo seria o meu.



O terraço do Happerton's estava lotado naquele fim de tarde. Empresários e nobres abastados ocupavam as elegantes mesas de jantar, cada uma atendida por seu próprio garçom.

Talita percorria o olhar por cada canto daquele lugar, impressionada com a cobertura de trepadeiras floridas, e com a vista que alcançava a cidade toda, incluindo o Central Park e os muitos prédios, todos mais baixos que o Happerton's. Os faróis dos carros e letreiros

luminosos tingiam a paisagem com o colorido vívido e intenso que apenas Nova York poderia oferecer.

Mas a maior atenção de Talita era no cardápio. A quantidade de talheres, copos e pratos a assustou um pouco, mas bastou verificar as opções de refeição para o chagal faminto apreciar o ambiente.

“Será que peço isso... mas este parece bom...” Ela sussurrava para si mesma.

Eu chamei nosso garçom particular, que se inclinou em um breve cumprimento.

“Vamos querer todas as opções do cardápio.” Eu pedi a ele. “Para mim o melhor vinho da casa, e para ela suco de uva.”

“Ei! Ah, é. O bebê.” Ela bufou, me dando razão uma vez na vida.

O garçom retornou à cozinha e eu sorri triunfante para a minha donzela, que não parecia tão feliz quanto eu esperava.

“Vinho faz tanta falta assim?”

“Não é isso. É só que... vai sobrar um monte de comida.” Ela falou encabulada. “Tinham uns seis pratos no cardápio, não vamos conseguir comer tudo.”

Realmente... talvez minha tentativa de impressionar tenha sido um tiro no pé. Mas aquele problema era muito fácil de ser resolvido.

“Conheço um orfanato, vou pedir que entreguem o que sobrar para as crianças. Eles vão adorar.”

Talita sorriu, bastante empolgada. Mas algo em sua expressão mantinha um constante ar de deboche.

“Para alguém que preferia gerar um filho com uma barriga de aluguel, você se importa demais com crianças órfãs.”

“Mais do que imagina.” Provoquei. “Eu adotaria todos os órfãos do mundo, se pudesse, mas infelizmente meus propósitos exigem um herdeiro de sangue.”

“Que por acaso está crescendo aqui dentro e eu posso querer ficar com ele pra mim.”

“Seria uma pena isso acontecer, mas tenho nove meses para convencê-la do contrário.”

“Como assim?” Perguntou ela.

O garçom chegou com nossas bebidas. Ele entregou a Talita um copo de suco com

guarda-chuvinha e canudo espiral, e para mim serviu a maior taça. O aroma amadeirado do vinho rosé já sugeria uma bebida de excelente qualidade.

Eu provei o vinho, e nossa, era digno do restaurante mais caro e seletivo de Nova York. Normalmente a fila de espera do Hupperton's se estendia por dois anos, mas tudo era um jogo sobre qual ricaço conseguia as melhores influências e os melhores contatos. Consegui reservar na semana anterior.

Talita me assistiu beber o vinho, inquieta.

“E então? Como assim, me convencer do contrário?”

“Quer saber? Vamos apenas nos divertir por hoje. Você vai enlouquecer quando provar o confit de pato.” Falei, lhe estendendo minha taça. “Um brinde ao pequeno Jeremy.”

Talita deu um longo suspiro, e por fim ergueu seu copo.

“Um brinde ao nosso bebê que definitivamente não se chamará Jeremy.”

“Que gracinha.” Eu cobri a boca, segurando o riso. “Ela disse *nosso* bebê.”

Talita avermelhou como um tomate e socou as bordas da mesa, chamando a atenção dos clientes próximos. Ela rapidamente voltou à postura de boa moça enquanto eu me matava de rir por dentro.

“Eu sei que tudo isso é uma piada pra você, mas estou lidando com a situação do jeito que consigo.” Ela baixou o olhar, ainda vermelha. “Não escolhi este bebê e com certeza não escolhi o pai dele.”

“Mas aqui estamos nós, nos divertindo à luz da lua no melhor restaurante ocidental do Guia Michelin.” Eu brindei minha taça e continuei a beber. “Conhece aquele ditado, se a vida te der limões, plante as sementes e torne-se um magnata do mercado de cítricos.”

“O ditado não é assim!” Talita murchou os lábios mas não conseguiu segurar o riso. E meu Deus, ela ficava ainda mais encantadora quando sorria. “Eu entendo o que quer dizer. Até que este lugar não é ruim.”

“E por que seria? Minha linda manicure merece apenas o melhor.” Eu afinei o olhar, com um olhar felino. “E o nosso filho também.”

Dessa vez Talita não teve nenhum ímpeto homicida, ela apenas riu de novo e apoiou o rosto nas mãos, admirando as centenas de prédios que recortavam o horizonte noturno.

“Aproveite enquanto o bebê está aqui dentro, porque crianças não combinam muito com lugares assim.”

“Não?” Perguntei em surpresa, então disfarcei. “Digo, claro que não. Mas com o pequeno Jeremy podemos... visitar museus e... apostar corridas de cavalo.”

Talita riu tanto que formaram lágrimas no canto dos olhos.

“Nossa, você entende de crianças ainda menos do que eu.” Ela disse, recuperando o fôlego. “E não estamos nos apressando? O bebê é nosso, mas não significa que existe um *nós*. Eu prometi um único encontro, caso tenha esquecido.”

“E neste momento está se batendo por dentro, porque quer tanto, tanto me conhecer melhor.”

“Você é muito arrogante.”

“E você me lembra um documentário que assisti sobre diabos da Tasmânia.”

Talita abriu a boca, profundamente indignada.

“Você elogia assim todas as quinhentas mulheres com quem você sai?” Perguntou ela.

“Não. Apenas as mais interessantes.” Devolvi, bebendo o último gole da taça e me satisfazendo ao notar o vermelho em seu rosto.

Pela cara da Talita ela buscava muito uma resposta à altura, mas logo um rangido metálico a fez arregalar os olhos para trás de mim.

Eu me virei para descobrir o que ela tanto olhava.

Uma caravana de garçons se aproximava da nossa mesa, atraindo a atenção até mesmo dos clientes mais ricos. Cada garçom empurrava um carrinho com redomas de prata e ouro.

Um a um, cada garçom deixou seus pratos em nossa mesa, retirando as redomas e apresentando os nossos muitos pedidos.

Quando o último garçom se foi não dava nem pra avistar a toalha da mesa, que estava totalmente sobrecarregada de carnes, massas, petiscos e saladas.

Aquele não era meu primeiro encontro, nem sequer meu primeiro encontro no Happerton's, mas todas as minhas acompanhantes tinham o péssimo hábito de pedir apenas uma saladinha de alface sem tempero, e então passavam o jantar discutindo as calorias do meu filé assado, ou roubando as batatas do meu prato para vomitar depois. Isso quando a garota não era vegana e passava o jantar me acusando de assassinato.

Eu sentia que com Talita a experiência seria totalmente outra. E pelo maravilhamento em seus olhos de esmeralda, eu não estava errado.

“Olha pra isso! Tem uma codorna dentro desse pato! E um ovo dentro da codorna!” Ela atacou o pato com o próprio garfo e faca, tentando arrancar um pedaço grande.

“É um turducken tailandês, a montagem pode demorar até três dias e o conjunto todo é assado dentro de um porco. Acredito que seja este aqui. “Eu aponte para um longo ribeye ao molho barbecue, ricamente adornado com tâmaras, damascos e flores comestíveis.

“Deve ser delicioso!” Ela levou um pedaço de pato à boca e deu um longo gemido satisfeito. “É tão macio, você precisa provar.”

Eu concordei e também me servi, utilizando os talheres apropriados para cada tipo de prato. Meus bons modos me diziam para começar com a salada e depois partir aos pratos quentes, mas já comecei forrando o prato de carne como um pedreiro em um buffet livre. Naquela noite eu iria me divertir.

Os clientes das outras mesas cochichavam e tentavam nos observar com discrição, mas o espanto em seus olhares era cômico. Certamente a alta sociedade nunca viu uma dama tão linda agarrando uma coxa de pato com a mão, ou empanturrando-se de comida daquele jeito.

Até eu me assustei um pouco e me perguntei como Talita conseguia ser tão magrinha, mas era impossível não me divertir com a alegria dela. E o menu do Happerton’s continuava delicioso como nunca. As rãs marinadas em ragu de cogumelos estavam simplesmente um espetáculo.

Pelo resto do jantar nós conversamos, rimos, e lutamos para provar um pouco de tudo. Em algum momento Talita enfim se rendeu e ergueu a mão, implorando que eu não colocasse outro filé em seu prato.

“Tão bom...” Ela passou o guardanapo nos lábios delicadamente, como se não tivesse passado a última hora se empanturrando como o chacal que ela escondia por dentro. “Mas realmente sobrou um monte.”

Eu concordei, embora tivesse sobrado bem menos que o esperado. O turducken havia se tornado uma pilha de ossos.

Limando os lábios, eu pedi uma caneta ao garçom então anotei o endereço do Orfanato Aura atrás de um dos meus cartões de negócios.

“Por favor, embale o que não foi consumido em pequenas embalagens e entregue neste local.” Eu entreguei o cartão ao garçom.

O garçom retirou nossos pratos e voltou para a cozinha. Meu olhar retornou para Talita, que me olhava como se tivesse algo na minha cara.

“Que foi?” Perguntei.

“Não, nada.” Ela baixou o rosto, tímida. “Eu tinha certeza que você inventou a parte do orfanato.”

“Por que eu inventaria algo assim?” Eu ri. “Não preciso desses artifícios baratos para impressionar uma dama.”

Imaginei que Talita jogaria alguma coisa em mim, mas ela sorriu docemente, seus olhos verdes brilhando à luz da lua.

“É, não precisa mesmo.”

Nós permanecemos mudos, sorrindo um ao outro sem buscar assunto ou algo mais interessante pra ver. E então percebi algo terrível que fez gelar meu sangue.

Ah, meu Deus. Meu coração batia quente, e durante toda a noite eu não pensei em levar Talita pra cama uma única vez. O que era este sentimento esquisito dentro de mim?

“No que está pensando?” Perguntou Talita.

“Que precisamos ir. Vou fechar a conta.”

Eu paguei a conta e logo nós deixamos o restaurante. O vallet já aguardava com meu carro na frente do Happerton's, então eu abri a porta para Talita e juntos seguimos pela noite nova-iorquina.



Capítulo 10

Jean-Lucc

Talita permanecia animada durante nosso passeio, comentando sobre seus pratos favoritos, e sobre a decoração do restaurante, e sobre como meu Mercedes era confortável e bonito, mas eu não conseguia prestar tanta atenção.

Havia um plano a ser seguido, ou pelo menos deveria haver. Sempre que eu encontrava uma mulher interessante, em dois dias no máximo ela já estaria na minha cama, nua e sob o meu corpo, implorando por mais. Talita desde o começo foi diferente, um desafio excitante no meu mundo de mulheres fáceis. Após tanta espera eu deveria estar em ponto de fogo para dominá-la em meus braços, mas aquele encontro estava indo além de um simples ritual de cortejo.

Eu estava... me divertindo.

“Este não é o caminho da minha casa.” Talita olhava para fora, mais curiosa que desconfiada.

Eu suspirei e forcei um sorriso a ela, meu olhar indo automático para a pasta de documentos no meu banco de trás.

Minhas mãos tremeram no volante.

Não bastasse Talita ser uma companhia mais agradável que o esperado, ainda havia o plano laranja. E George encheria meus ouvidos se eu enrolasse uma segunda vez.



Talita desceu do carro e juntos seguimos pelo estacionamento vazio.

“Sério? Um passeio no Shopping Sunlight?” Ela sorriu em implicância. “Eu esperaria mais criatividade, vindo de você. Ou pelo menos alguma inteligência, porque são duas da manhã. O shopping já está fechado.”

“Não duvide da minha inteligência, mocinha. Tenho plena ciência dos horários de funcionamento do Shopping Sunlight, o maior centro de varejo das empresas Jean-Lucc.”

Talita abriu a boca, surpresa.

“Você tem um shopping? Aliás, esquece. Não sei porque isso me surpreendeu, gente como você deve ter lojas até na Lua.”

“Está nos planos, mas os alienígenas são péssimos consumidores.”

Talita riu, tão feliz e radiante que nem parecia o animal hostil de sempre. Ela baixou o olhar para as minhas mãos.

“Por que trouxe essa pasta? Precisa manter aparência até com o shopping fechado?”

Um arrepio desceu pela minha coluna. Eu passei a pasta para a mão oposta e segui adiante.

“Apenas alguns documentos que preciso entregar no escaninho do gerente. Vai demorar menos de um minuto, espero que não se incomode.”

“Eu deveria me aborrecer, mas comi uma codorna dentro de um pato, hoje nada pode me abalar.” Talita sorriu a mim e inclinou a mão para o lado, roçando a ponta dos nossos dedos. “Não se ache demais, ouviu? Estou apenas curiosa sobre seus planos, mas depois você vai me deixar em casa.”

Meu coração acelerou e novamente um sorriso bobo estampou meus lábios. Eu segurei sua mão delicada, tão menor e mais suave que as minhas.

“Como a senhorita desejar.” Falei. “Espero que aprecie minha surpresa.”

O guarda noturno destrancou as portas do Shopping e eu e Talita entramos, as únicas duas almas nos infinitos corredores de concreto e vidro.

Talita circulava o olhar empolgada, seu corpinho esguio cada vez mais próximo ao meu enquanto nossos passos ecoavam no silêncio total. Em algum momento ela abraçou meu braço e eu notei seu pelos arrepiados.

“Oh, vejam só. A manicure revoltada tem medo de shopping center.” Eu ri, tentando me descontraír.

“De noite, sim. Admita que é meio assustador esses corredores vazios. Sabia que existem seis filmes de zumbi que se passam em shoppings vazios?” Perguntou ela.

“E devo supor que você já assistiu todos.”

“Eu disse que gosto de novelas, não de filmes de zumbi!” Ela fez um biquinho encabulado. “Mas sim, já assisti todos.”

Eu ri e a puxei mais para perto, então a abracei de lado, na cintura. Minha intenção era confortá-la, mas uma coisa logo me impressionou.

“Sua barriga é algum tipo de vórtex?” Eu belisquei a lateral magrinha, fazendo Talita gritar. “Olha pra isso, onde foram parar todos aqueles bifes?”

Talita estapeou minha mão e se livrou do meu abraço.

“Você é muito grosso!” Ela disse, apressando o passo. “Me mostra logo sua tal surpresa, esse encontro já durou tempo demais.”

Eu tentei me manter sério mas comecei a rir, correndo para alcançá-la. Infelizmente, o escritório já aparecia logo adiante.

“Tenta não se perder, vou entregar isso e logo você terá sua surpresa.” Falei, mudando a direção para uma portinha lateral, de acesso restrito.

Talita virou-se para mim e cruzou os braços. Ela era péssima em parecer brava de verdade.

“Vai logo, antes que os zumbis apareçam.” Disse ela.

Eu acenei e me apressei para dentro dos escritórios.

O setor administrativo do Shopping era bem maior do que aquela portinha sugeria, com diversos corredores e salas de escritório. Eu também tinha minha própria sala ali, óbvio, mas naquele momento meus negócios eram no setor de segurança.

Eu abri a porta com o coração no pescoço, e meus batimentos aceleraram ainda mais ao encontrar um homem sentado em uma das mesas. Eu rezava que Hector tivesse esquecido nossos planos.

“Boa noite, patrão Charles.” Hector alisou para trás o cabelo meio grisalho e levantou, endireitando os ombros de seu terno preto.

“Já entendeu o que deve fazer?” Eu abri a maleta sobre a mesa e retirei os papéis.

“O George já me explicou a situação, só fiquei confuso sobre os motivos. Pelo que entendi a garota é uma simples manicure?”

“Você não precisa entender, precisa apenas que ela assine.” Eu entreguei os papéis a ele e fechei a maleta. “Aqui estão os papéis da desistência de guarda. É importante que ela não leia.”

“Fique tranquilo, patrão Charles, alguma vez o código laranja deu errado? Não comigo,

tenho certeza.”

“Mantenha-se no plano, isso realmente não pode falhar.”

“A garota só vai descobrir quando o bebê nascer, até lá nunca conseguirá lembrar o que assinou, nem quando.” Disse Hector.

Eu suspirei. Detestava recorrer a técnicas tão baixas, mas as artimanhas do George já salvaram meus negócios diversas vezes. No mundo dos altos investimentos, aqueles plenamente honestos sempre são os primeiros a serem devorados.

Apesar disso, o código laranja era usado apenas em bilionários canastrões e empresários farsantes que tentavam me passar a perna primeiro. Nunca imaginei que usaria em uma garota inocente, e que definitivamente não merecia isso.

Bem, era apenas uma medida de segurança, que George insistiu ser de extrema importância. Eu ainda pretendia convencê-la a desistir da guarda de maneiras muito mais suaves, então aqueles documentos nunca precisariam ser utilizados.

Hector escondeu os papéis por dentro do terno e deixou a sala. Eu contei um minuto antes de também sair, embora Hector tivesse deixado o prédio pela saída externa. Tudo precisava ocorrer perfeitamente.

Talita me aguardava nos bancos do corredor deserto, verificando o celular. Eu endireitei os ombros, sorri confiante e fui ao seu encontro.

“Novela cafona?” Perguntei.

“Quê? Não! Só estou respondendo a Bárbara.” Talita guardou o celular na bolsa e me segurou minha mão. “Ela tem certeza absoluta que estou na sua cama. Até ela não consegue acreditar que você é capaz de um encontro romântico.”

“*Romântico* é o meu sobrenome.” Eu mantive o sorriso meio forçado. “Venha, é por aqui.”

Nós viramos no corredor principal e entramos em um espaço amplo, de carpete escuro e muitos pôsteres nas paredes. Apesar do shopping estar vazio as máquinas de refrigerante e pipoca permaneciam acesas, piscando suas luzinhas coloridas.

Talita abriu um sorriso enorme e eternamente implicante.

“Sério, o cinema? Vamos ver um filme agora?” Ela soltou minha mão e saltitou empolgada até os cartazes dos filmes em estreia. “Podemos escolher qualquer um?”

“Podemos, mas o filme faz parte da surpresa.”

Eu contornei a bomboniere e vasculhei o painel da pipoqueira, tentando encontrar o botão de ligar. Eu apertei o botão vermelho e aquele trambolho começou a zunir e estourar, me fazendo recuar com o susto.

Talita deu risada e debruçou-se no balcão para assistir minha desastrosa tentativa em operar aquela coisa.

“Além de empresário você é pipoqueiro? Que homem cheio de talentos.”

“E você ainda não conhece metade deles.” Eu pisquei a ela, mas minha pose desapareceu quando um estouro me fez gritar. Eram apenas as pipocas começando a transbordar no compartimento de acrílico.

Eu peguei o maior balde e comecei a encher de pipocas, só então notando Talita ao meu lado. Ela nos servia copos gigantes na máquina de refrigerante.

“Se toda essa comida não me matar, chame a NASA para que estudem o couro do meu estômago.” Ela disse, com um mega-copo de refrigerante em cada mão. “E não tente me proibir de beber isso, nosso bebê é apenas uma bola de células.”

Eu suspirei e espiei as salas adiante, onde o tremular de uma sombra indicava que não estávamos sozinhos.

“Vamos.” Respondi, a acompanhando até o corredor das salas.

Talita bebia tranquilamente seu refrigerante, quando algo a fez erguer os olhos adiante.

“Tem alguém ali no balcão de conferir ingressos.” Ela disse.

É, realmente tinha. Hector disfarçou-se perfeitamente bem naquele uniforme amarelo e vermelho de atendente de cinema, completo com boné e avental.

“Sou um homem de muitos talentos, mas projetar filmes não é um deles. Pedi que um funcionário cuidasse desta parte.” Falei.

“Ah. Nossa, você realmente pensou em tudo.”

Eu e Talita cumprimentamos Hector brevemente e nos encaminhamos à última sala. Mas assim que passamos Hector chamou nossa atenção.

“Com licença, patrão Charles, mas o senhor já conseguiu a autorização do sindicato?” Perguntou ele.

“Autorização?” Eu me virei ao Hector e bati na testa como se eu fosse um idiota esquecido. “Ah, droga, eu sabia ter esquecido alguma coisa. E agora?”

Hector coçou o queixo, pensativo. Para um agente especializado em transações obscuras ele era um excelente ator.

“Podemos tentar passar o filme sem a autorização, mas você conhece o sindicato. Nem mesmo o patrão impediria o fechamento do cinema.”

Talita olhava de um a outro, bastante confusa. Ela enfim não resistiu e entrou na conversa.

“Como assim, autorização? Aconteceu alguma coisa?”

“Não, não é nada. O sindicato de cinema exige um registro de todas as sessões diárias, mas sessões menores e particulares estão liberadas com a assinatura dos espectadores.” Eu dei de ombros. “São uns vampiros gananciosos, sedentos por dinheiro.”

“E eles sempre descobrem. Os projetores são interligados ao sistema central do sindicato.” Disse Hector.

Talita bebeu outro gole de seu refrigerante, pensando conosco.

“Bem, podemos fazer outra coisa, tipo ir no fliperama.” Ela me disse.

“De forma alguma, quero que nossa noite seja perfeita como você.” Eu conduzi Talita para dentro da sala e virei-me ao Hector. “Pode rodar o filme.”

“Mas patrão...”

“Devo ter uma autorização reserva no meu escritório. Leve durante o filme e nós assinaremos antes que o sindicato perceba qualquer coisa.”

“Sim, patrão.” Hector se retirou às pressas, na direção do escritório.

Perfeito. Até aquele momento, tudo ocorria perfeitamente. Esquemas assim eram o padrão no mundo dos grandes negócios, minha vitória seria simples como uma brincadeira. Então por que eu não parava de suar?

Enquanto tremor e ansiedade tomavam conta do meu corpo, Talita sorria e apressava o passo em direção às salas. Pela primeira vez desejei que ela voltasse ao modo louca e psicótica, porque pelo menos assim, talvez, meus atos se justificassem.

Ao invés disso, uma mulher linda, sorridente e ingênua se aproximava de uma armadilha.



Capítulo 11

Jean-Lucc

Talita deu um gritinho empolgado ao ver o interior da sala: um cinema iMax VIP de dois andares, com espaçosas poltronas de couro e veludo e a área super-VIP, que dispunha de sofás e camas, todas já arrumadas com travesseiros macios e chocolates.

“Nossa! Tem até baldes de champanhe.” Ela percorreu os corredores estreitos, apreciando cada detalhe.

O cinema VIP era reservado à membros da elite e eventos importantes, como estreias de filmes famosos. E também para minha diversão pessoal com as melhores companhias, é claro.

Mas, por algum motivo, meu humor não estava muito para diversão. Eu apenas segui Talita e esperei que escolhesse seu lugar favorito.

E óbvio que ela escolheu uma das camas. Elas sempre escolhiam as camas.

Talita sentou no colchão macio e encostou as costas na cabeceira da cama, com um sorriso encabulado e feliz no rosto. Ela bateu no lado para que eu sentasse com ela e deixou o mega-refrigerante no porta copos.

Eu sentei ao seu lado abraçado no meu balde de pipocas, tão tenso que meus músculos doíam.

Não havia motivo para nervosismo. Eu estava apenas protegendo minha empresa e meus negócios e tentando salvar o orfanato da minha infância. Talita era interessante, divertida e engraçada mas também era um risco a tudo o que importava a mim. E de qualquer forma o documento seria apenas uma proteção de último caso, Talita nunca precisaria saber sobre isso.

As luzes se apagaram e a enorme tela iluminou. Eu me encostei ao lado de Talita e juntos assistimos os trailers, até o grande começo do filme.

Eu espiava Talita a cada segundo, ansioso em ver sua reação quando reconhecesse a minha surpresa para ela. A princípio ela mantinha seu sorriso meio travesso e cínico, de quem tinha plena ciência que era uma mulher linda na cama com um cara lindo, então seu sorriso caiu lentamente em uma expressão de espanto crescente, conforme ela reconhecia a

música de abertura e o estúdio. Então apareceram os primeiros atores e ela deu um grito.

“Não.” Ela disse, com os olhos do tamanho de bolas de basquete.

Apesar do meu nervosismo, eu não evitei rir. Foi como eu havia imaginado.

“Quer trocar de filme?” Provoquei, sorrindo com o canto da boca.

Talita gaguejou, emudeceu, apertou uma mão na outra em completa aflição, como se aquilo ainda pudesse ser uma pegadinha elaborada demais. Então apareceu o título e ela quase teve um troço: *Sob A Luz do teu Olhar - O Filme*.

“Como... como? Apenas como? Esse filme só vai sair no mês que vem!” Exclamou ela.

“Tudo é possível quando se tem os contatos certos. Pensei que gostaria de uma surpresinha a mais após nosso jantar.”

“Nossa, eu nem acredito...” Ela enterrou a mão no meu balde de pipoca e mandou para dentro de seu estômago sem fundo. “Os fãs do mundo todo estão alucinados pra assistir. Não é à toa que precisamos de uma autorização.”

Meu coração bateu apertado. Eu descansei o travesseiro na cama e olhei para o teto escuro.

“Escuta, Talita...”

“Shh! Agora começou de verdade.” Ela disse, sem tirar o olho da tela.

Eu suspirei e decidi prestar atenção no filme, que era exatamente o que eu esperava. Em três minutos consegui prever absolutamente tudo o que aconteceria, incluindo o final. O clássico caso de mocinha do campo que se apaixona por um playboy da família inimiga. No décimo minuto de filme o casal que nem se conhecia no começo já trocava juras de amor no topo de uma montanha, e em trinta minutos o rapaz pediu a garota em casamento antes que ela morresse, vítima da queda daquela mesma montanha. E era tão óbvio que ela sobreviveria e se casaria com ele. Provavelmente no topo de um penhasco, ao pôr do sol.

Tudo era tão previsível e exagerado, mas o brilho no olhar de Talita fazia tudo valer a pena. Suas íris cintilavam como esmeraldas em profundo maravilhamento a cada vez que o playboy falava alguma cafonisse.

Minha vontade de zombar daquelas cenas chegava a dar coceira, eu não conseguia me conter, tudo era tão brega que atravessava o limite do ridículo e se tornava sinceramente engraçado. Na metade do filme eu já temia explodir de tanto que segurava o riso.

Mas aí alguém apareceu, cutucou meu braço, e a única coisa a explodir foi a minha

tranquilidade.

“Perdão incomodá-los, patrão Charles. Encontrei uma autorização.” Hector me estendeu uma prancheta com uma folha de papel.

Eu peguei aquele maldito documento em meus dedos trêmulos, o mesmo que entreguei ao Hector mais cedo. Talita distraiu sua atenção do filme por um breve segundo, e quando notei que me olhava eu assinei na parte de baixo e passei a prancheta para ela.

Ela apertou os olhos tentando ler, e por um instante meu sangue se tornou gelo.

“Nossa, tem um monte de cláusulas, né? Tá difícil ler nesse escuro.”

“Burocracias do sindicato.” Disse Hector.

“Hum, entendi.” Ela forçou bem a visão, com a prancheta quase grudando na cara. Então o casal do filme caiu de uma segunda montanha e ela arregalou os olhos para o telão novamente. Ela assinou a parte de baixo do papel e devolveu ao Hector sem tirar os olhos do filme.

“Isso deve acalmar o pessoal do sindicato.” Hector se despediu com um gesto da cabeça e nos deixou. “Um bom filme a vocês. Acredito que o patrão saiba desligar o projetor?”

“Claro, está dispensado por hoje.” Eu disse a ele, com o coração mais apertado que nunca. Quando Hector deu as costas eu estendi a mão quase que por instinto. “Ah, espera.”

Hector virou-se a mim novamente, com uma sobrancelha erguida em sincera curiosidade. Aquilo não fazia parte do plano.

“Pois não?” Perguntou ele.

“Me deixe com isso, eu mesmo entrego ao sindicato.” Falei.

“Mas... mas Charles...” Ele sussurrou e eu o interrompi.

“Minha acompanhante deseja assistir o filme sem interrupções. Por favor.” Eu estendi a mão um pouco mais, assertivo.

Desconfiado, Hector me devolveu o documento e despediu-se novamente.

“Se o patrão sabe o que está fazendo, então posso me retirar.” Ele disse, e então nos deixou a sós.

Eu bufei, olhando para aquele papel que mal podia ser lido na penumbra do cinema. A assinatura de Talita entrecortava a parte de baixo, bem ao lado da minha e abaixo da cláusula

que a proibia de ver o filho após seu nascimento.

“Janluque, não perde essa cena, o puma vai atacar a cunhada do Adamastor.” Ela disse.

Eu subi meu olhar à tela e voltei a olhar aquele maldito papel. Como eu pude ser tão imbecil?

Em um gesto discreto, eu arranquei o documento da prancheta e rasguei em pedaços, balançando o balde de pipoca para disfarçar o som. Então escondi o papel destruído no bolso para jogar fora mais tarde.

Talita gritou e eu dei um salto. Ela viu? Ela percebeu o que eu fiz? E se ela exigisse ver o documento? Mas não, ela apenas se assustou quando cinco pumas devoraram uma mulher gordinha. Essas novelas mexicanas podiam ser bem sombrias, às vezes.

O plano laranja estava arruinado. Eu nem queria pensar no que George diria, mas pela primeira vez desde que pisei naquele shopping eu consegui relaxar de verdade e apreciar o momento.

Alguma coisa tocou minha mão, que descansava sobre a cama. Os dedos suaves de Talita. E ela também parecia bem mais próxima do que antes.

Eu me virei a ela, fitando seus lindos olhos que também observavam os meus, e então aproximamos nossos rostos.

Talita me beijou com timidez no começo, mas logo a insegurança virou vontade e ela gemeu macio contra a minha boca, provocando meus lábios com a língua.

Eu aceitei a provocação e devolvi o beijo, já percorrendo minhas mãos atrás do pescoço, deixando que seus cachos macios se enroscassem em meus dedos.

Talita não tentou resistir ao meu toque, apenas deitou na cama completamente e deixou que eu subisse sobre ela, nossos corpos esquentando e seus gemidos causando uma rápida reação nas minhas partes baixas.

E então houve outro grito na tela e Talita me empurrou para o lado, espantada.

“Ah, nossa! Os pumas vão devorar o Adamastor também!” Ela disse, totalmente vidrada na tela.

Eu lambi meus lábios, perplexo, mas acabei rindo e voltando a deitar na posição de antes.

Esperei semanas para ter Talita em meus braços, e certamente podia esperar até o final do filme.



Capítulo 12

Jean-Lucc

Eu abri a porta e ajudei Talita a descer do carro.

Vários vizinhos olhavam para nós das janelas, apesar de ser madrugada. Carros de alto luxo deviam ser uma visão incomum naquela região, ou talvez fosse o fato que Talita chegou gritando pela janela do teto, tão empolgada que eu poderia jurar que aquele refrigerante era tequila.

“Obrigada pela noite, Janluque. Eu me diverti muito.” Ela disse.

Eu a conduzi até a porta do prédio e desci minha mão até a curva de sua cintura, puxando-a para perto e roubando outro beijo de seus lábios macios.

Talita abraçou por trás do meu pescoço, tão mais baixa que eu que precisou erguer-se na ponta dos pés, mesmo de salto-alto. Nossas línguas exploraram uma à outra, me instigando a descer a mão e agarrar uma parte mais interessante de seu corpo.

Quando enfim afastou-se de mim, Talita arfava discretamente, com um sorriso travesso em seu rosto corado.

“Ahm... então...” Ela pegou minha mão e a observou, massageando carinhosamente. “Prometi refazer suas unhas.”

Eu dei risada, ainda saboreando o gosto de seus lábios. Parte de mim vibrava pela noite mais divertida que já tive com uma mulher, e outra parte gritava em desespero, acostumada a encerrar os encontros de forma muito, muito mais... carnal.

“Unhas tem esse problema, elas crescem, precisam de cuidados... infelizmente precisarei voltar no seu salão diversas, diversas vezes.”

Talita torceu a boca e deu um soquinho no meu braço.

“Não me enrola, seu ricaço metido. Você é todo esnobe, mas sei que aparecia apenas para me irritar.”

“Ficou tão óbvio assim?” Eu baixei a voz no mesmo tom de provocação. “Porque devo dizer, aparecer no escritório de cutículas aparadas atraiu alguns olhares estranhos.”

“Não precisa fazer as unhas para ter uns minutinhos do meu tempo.” Ela gaguejou e

avermelhou, olhando para os próprios pés. “Digo... podemos ter uns minutinhos agora... se quiser tomar um café, ou coisa assim.”

Meu lado safado gritou dentro de mim, soltando fogos de artifício, desfilando de carro alegórico e girando o pau em meio à chuva de confetes. Mas consegui ocultar perfeitamente bem e apenas aumentar o sorriso um pouquinho.

“Adoro café.” Falei.

Talita entrelaçou os dedos nos meus e destrancou a porta do prédio.

Enquanto esperávamos o elevador eu desci discretamente o olhar para aquela bunda empinada, perfeitamente modelada pelo vestidinho branco que em breve estaria jogado em um canto da sala. Hum... com alguma sorte ela gostaria de uns tapinhas.

Nós subimos até o apartamento, cada segundo se arrastando por uma eternidade. Talita parecia uma estátua de tão tensa e nervosa, mas meu coração acelerava no tipo bom de ansiedade. Era aquela ansiedade de quem sabia que logo, logo iria se dar bem.

O mesmo tipo de ansiedade que começava a esticar minha cueca também, deixando óbvio o volume nas minhas calças.

Talita abriu o apartamento e assim que eu entrei, abri a boca em espanto.

“A Francisca esteve aqui dias atrás! O que é esse apocalipse?” Perguntei, passando o olhar pela sala.

Vestidos, meias, calcinhas, casacos, uns trinta sapatos... parecia que um tornado invadiu uma Forever 21 e arremessou o conteúdo da loja inteira pela janela do apartamento. Não se avistava mais o sofá, tudo era caos.

Estranhando o silêncio de Talita eu me virei para ela. Meu queixo caiu ainda mais, se é que isso era possível.

Talita estava encostada na estante de livros, seus olhos verdes me fitando alongados e sensuais, apesar do vermelho em seu rosto expor sua timidez. Em gestos hesitantes ela massageava o alto do peito, mostrando que sim, ela havia aberto o zíper atrás do vestido, e o tecidinho branco agora cedia até os cotovelos, expondo o alto dos seios e quase, quaaase o cor-de-rosa dos mamilos.

“Eu... eu vou deixar claro que não costumo fazer isso, tá?” Ela suspirou e encolheu os ombros como se fosse flagrada em um momento indecente. “É isso o que você quer, e... eu... acho que eu também.”

Meu corpo ardeu como o sol. Eu abracei Talita e agarrei firme seu quadril, beijando apalpando, sentindo aqueles lábios nos meus enquanto tropeçávamos um no outro até cairmos no sofá.

“Ah...” Talita soltou um gemido engasgado quando agarrei sua bunda. Àquela altura seu vestido branco enroscava-se bem acima dos joelhos, revelando o alto de suas coxas magrinhas e depiladas.

Mas um vestido embolado ainda era tecido demais, então em um gesto bruto eu o puxei para baixo e neste simples movimento expus os seios dela, causando outro gemido erótico.

O rosto de Talita parecia um pimentão. Apesar do óbvio nervosismo ela relaxou as costas no sofá — ou na pilha de bagunça onde o sofá deveria estar — e então agarrou minha gravata e forçou o nó para baixo.

“Só eu vou ficar nua?” Perguntou ela.

Eu poderia comentar que ela ainda vestia uma calcinha, e uma calcinha bem infantil com estampas de unicórnios, mas não queria cortar o clima lembrando-a que aquela parte da noite realmente não devia estar em seus planos. Ao invés disso eu levantei lentamente, deslizando as mãos por seu corpo ao fazer isso e arrancando outro gemido quando meus polegares *acidentalmente* escorregaram por seus mamilos.

Com meu olhar fixo naquela mulher escultural, eu me levantei e terminei de tirar a gravata. Então abri o paletó do terno e o descii pelos ombros, tentando não parecer tão experiente quanto eu era em fazer um strip-tease. No imaginário popular geralmente era a mulher que se despia dessa forma, mas eu sabia bem o que as mulheres curtiam: admirar meu corpo pouco a pouco, conforme as peças do meu terno cediam ao chão.



Capítulo 13

Talita

Eu abri a boca e não consegui mais fechar.

Pedi a Janluque que tirasse a roupa, e já me sentia horivelmente ousada por isso, mas aquele bilionário louco decidiu ir muito além. Ele parou diante do sofá e começou a tirar as peças lentamente. Só faltava uma música Techno ao fundo e eu teria certeza que fui teleportada a um clube de strip, onde o stripper mais gostoso do mundo fazia um showzinho especialmente pra mim.

Meus seios ainda formigavam pelo toque de seus polegares, e eu queria me matar por não vestir uma calcinha melhor. Na minha cabeça aquele encontro seria um verdadeiro inferno, e uma calcinha ridícula seria o repelente perfeito para escapar, se por descuido as coisas fossem longe demais. Nunca imaginei que seria eu a convidar Janluque, ainda mais me oferecendo de forma tão vulgar. Mas a noite havia sido tão maravilhosa que era difícil não vê-lo por outras lentes: Janluque era um homem lindo e sedutor, com um olhar intenso de quem poderia rasgar suas roupas e te dominar a qualquer momento.

E eu estava prestes a conhecer ainda mais da beleza daquele homem, e a expectativa me fazia molhar os unicórnios da minha calcinha. As roupas sob medida modelavam bem os músculos de Janluque, então eu já sabia que seria um espetáculo inesquecível.

Janluque jogou o paletó para trás, deixando-o cair em uma pilha de sutiãs e camisas que, meu Deus, eu deveria ter devolvido ao armário ou pelo menos escondido em algum lugar. Quem mandou eu passar a tarde escolhendo o que vestir? Pelo menos as coisas avançaram tão rápido que ele não teve tempo de me avacalhar.

Ainda me devorando com seus olhos de safira, Janluque começou a desabotoar a camisa. Seu peito apareceu pouco a pouco, saliente, musculoso e com poucos pelos. Ombros fortes, mamilos castanhos, e um tanquinho que tirou o ar dos meus pulmões. Oito gominhos salientes com uma linha de pelos escuros abaixo do umbigo, que cresciam em forma de triângulo até desaparecer dentro da calça.

Janluque jogou a camisa no chão e eu tive visão total de seu torso e bíceps volumosos, do tipo capaz de firmar uma mulher no lugar e desmontá-la por completo. Eu estremeci só de imaginar essa última parte, e o strip estava apenas na metade.

Sem perder tempo, Janluque soltou a fivela do cinto e desceu o zíper da calça. Nessa parte eu engoli seco e contive o instinto de cobrir o rosto, de tão vermelha que eu estava. Mas apesar de me sentir uma completa desavergonhada eu não mandei ele parar, nem mesmo quando o calorão começou a me alterar de verdade, acelerando minha respiração e empinando os bicos dos meus mamilos.

Eu queria aquele homem. Mal podia esperar pra ver tudo, e pelo sorriso arrogante do Janluque ele sabia disso.

As calças desceram lentamente, o tecido de alta-costura enrugando-se em vincos a cada centímetro revelado. A cueca era azul marinho, com o logotipo da Prada gravado no elástico. Ele desceu um pouco mais e quando pensei que veria... ahm... o objeto de interesse... Janluque virou de costas. E então a calça cedeu de vez, revelando uma bunda redonda, perfeita e durinha, a divisão perfeita entre aquelas costas largas e as coxas musculosas.

Nossa... que delícia. Fiquei tão hipnotizada pelas curvas e músculos salientes que até esqueci do homem por trás de tanta beleza... ou de sua personalidade terrível.

“Pode apertar ou pedir uma dancinha no seu colo, mas vou cobrar extra.” Ele contraiu e relaxou os músculos das nádegas, dançando a bunda enquanto me espiava por cima do ombro com um sorriso debochado.

“Cala a boca! Eu não pedi nada disso.” Eu afinei os olhos e bufei, morta de vergonha.

“Ah, pediu sim.” Ele lambeu os lábios em provocação, adorando avacalhar meu momento.

“Eu pedi que tirasse a roupa, porque sei lá, é uma parte obrigatória do que estamos prestes a fazer??”

Aquele idiota enfim virou de frente para mim, satisfeito e sorridente, enfim revelando a parte principal: uma enorme barraca armada em sua cueca azul, tão apontada para cima que passava da altura do elástico. Uma gotinha de umidade escurecia o tecido na ponta.

Não tive muitas experiências anteriores para comparar, mas aquilo era gigante! Minha calcinha molhou ainda mais e com certeza ele viu, porque só então percebi que eu estava apoiada nos cotovelos e de pernas bem abertas que nem uma vadia.

“E o que é que estamos prestes a fazer?” Provocou ele enquanto alisava o lado interno das próprias coxas, às vezes subindo seu toque por cima da cueca e pinçando o elástico, o descendo uns poucos centímetros e expondo ainda mais pelinhos.

Tentei responder algo agressivo, mas soltei apenas um grunhido engasgado. Minha

respiração rápida me fazia inalar o perfume gostoso dele, que agora se misturava ao sutil cheiro de suor e excitação. Um homem tão forte e experiente como Janluque me faria ver estrelas e galáxias, e com um pauzão daqueles... ah, eu precisava ver.

Ansiosa, eu esperei que Janluque arrancasse aquela última barreira de tecido, mas ele apenas provocou os dedos no elástico e na saliência, fazendo-a pulsar. Quando eu quase gritava de tanta frustração ele deu um passo a frente e parou bem diante do meu rosto.

“Essa parte é você quem vai tirar.” Ele disse.

Eu arfei em surpresa, meu lado curioso e meu lado orgulhoso travando uma guerra dentro de mim. Aquele era o homem que eu detestava até poucas horas antes, e ali estava eu seminua e me oferecendo a ele, quase babando na ansiedade em ver a totalidade de seu corpo.

Meu lado curioso venceu e eu segurei os lados de seu quadril, enganchando os polegares nas laterais do elástico. Sua pele estava quente, a vontade de agarrar sua bunda quase me sufocava, mas eu já me sentia sem-vergonha o suficiente e não queria parecer uma completa puta.

Tentando manter algum recato — se é que ainda existia algum, considerando-se nossas posições — eu desci a cueca até os joelhos, fazendo seu pau saltar para fora em liberdade.

Não era ilusão minha. Realmente era enorme, tão grosso quanto comprido, com poucas veias e pelinhos bem aparados. A cabeça rosa apontava para cima, já úmida e pronta para mim. E eu queria. Ah, eu já estava na seca por tanto tempo.

Janluque apoiou a mão na minha cabeça e nem precisou dizer nada. Eu abandonei qualquer orgulho e lambi a ponta, sorrindo satisfeita ao ouvi-lo gemer.

As unhas dele fincaram no meu couro cabeludo em um espasmo de prazer. Doía um pouco, mas era tão excitante que eu quis explorar suas reações e continuei lambendo, aos poucos avançando a boca em seu mastro.

Nossa, aquilo era tão grosso que meus lábios esticaram ao redor, as poucas veias pulsando quentes contra a minha língua. Eu avancei até onde conseguia e segurei na base, cada movimento acelerando a respiração dele pouco a pouco, até pontinhos de suor umedecerem a pele. Eu comecei a ir e vir lentamente com a boca, pegando ritmo e saboreando cada arfada e gemido dele como uma vitória.

Janluque desmontaria meu corpo e eu sabia disso, mas primeiro eu mesma abalaria suas estruturas com a melhor chupada da minha vida.

Eu fui e voltei com a cabeça cada vez mais rápido, meus seios atizados balançando a cada movimento e minha calcinha formando uma verdadeira piscina. O meio das minhas pernas já latejava em um calor intenso suplicando por atenção.

Quando enfim comecei a mamar realmente rápido, Janluque agarrou meus cabelos com as duas mãos, enroscando minhas mechas nos dedos e gemendo alto. Suas pernas tremiam e seu pau pulsava contra a minha garganta.

Janluque grunhiu e estremeceu, então um jato quente inundou minha boca. Eu apertei os olhos para o gosto horrível, mas ele gozou tão no fundo que acabei engolindo tudo.

Após ir-e-vir mais algumas vezes eu afastei o rosto e lambi os lábios, voltando a fitar seus olhos azuis. Para a minha satisfação, o ricaço metido estava todo vermelho e suado, plenamente derrotado pelas minhas habilidades.

“Você é bem safada, para uma manicure.” Ele disse, ofegante.

“E quem disse que manicures são santas?” Eu sorri com o canto da boca e cocei meus seios, apenas para lembrá-lo do quanto eles estavam carentes.

Já totalmente nu, Janluque segurou meus ombros e me empurrou a deitar no sofá. Assim que minha cabeça cedeu nas almofadas ele subiu em mim e desceu a boca no meu peito. Ele chupou um dos bicos cor-de-rosa com vontade, enquanto sua mão pinçava e beliscava o outro.

Eu recurvei as costas e gemi de prazer. Meus mamilos eram tão sensíveis, e ele sugava com tanta vontade. Minha fenda aqueceu a ponto de ferver e estar de calcinha tornou-se insuportável. Mas quando desci as mãos para tirar meu último tecido, Janluque segurou meu braço e ele mesmo começou a descê-la, suas chupadas viraram beijos no meu peito, na minha barriga, no meu umbigo...

E então, quando já estava lá embaixo, ele arrancou minha calcinha e expôs o que faltava do meu corpo. Por milagre eu estava devidamente depilada, porque nem em meus sonhos mais selvagens eu imaginei que a noite terminaria assim.

Janluque parou um momento para admirar meus pelinhos loiros como meu cabelo, em tom mais escuro. Então ele desceu o rosto mantendo o olhar nos meus, sedento pela reação que eu teria quando seus lábios finalmente chegassem lá.

Arfando e aquecendo como um vulcão, eu observei aquela delícia de homem beijar e lamber a minha fenda molhada. Sua língua deslizou pelo meu ponto mais sensível e eu gritei em êxtase, excitada demais para lembrar do meu orgulho.

Enquanto eu me contorcia, gemia e me enroscava nas roupas bagunçadas do sofá, Janluque continuava lambendo e chupando. E quando ele meteu a língua lá dentro eu saí de mim, vendo todas as estrelas e galáxias que eu imaginei que veria, com um homem tão experiente.

Janluque continuou suas lambidas, suas mãos pressionando minhas coxas e forçando-as abertas e para cima, lhe dando acesso total às minhas áreas mais íntimas.

Eu senti o calor acumular dentro de mim e acelerar minha respiração. Uma última lambida e eu explodi em êxtase, arqueando o corpo e cravando as unhas nos cabelos dele. Meu orgasmo chegou tão intenso que dobrou minha visão e me levou para outro planeta onde só existia eu, Janluque, e sua língua dedicada em me satisfazer.

Quando a explosão acalmou, Janluque enfim levantou o rosto e sorriu a mim com safadeza. Seus lábios brilhavam com a minha umidade e seus olhos azuis encaravam os meus como um falcão diante da presa.

Cansada demais, eu me mantive na posição que ele me deixou, com os joelhos pressionando meu peito. Era uma pose convidativa demais, mas danem-se os bons costumes. Se Janluque me deixou assim com a língua, como me deixaria com aquele tronco de árvore no meio das pernas?

Janluque admirou a cena diante de si por um breve momento, deliciado. Devia ser apenas uma cena normal pra ele, mais uma mulher se entregando aos seus talentos, mas por algum motivo eu sentia algo a mais em seu olhar. Talvez fosse o fato dele ser o pai do bebê dentro de mim. Ou talvez eu fosse apenas uma tola.

Eu podia me preocupar com nossos sentimentos depois. Naquele momento meu lado devasso gritava mais alto, ansioso por mais prazer.

Percebendo minha ansiedade, Janluque apoiou a mão do lado do meu peito e baixou o rosto para beijar meu pescoço. Um gesto sensual e doce se não fosse a ação de sua outra mão lá embaixo. Ele tomava mira com o pau, cutucando minha entrada com sua ponta lisa.

Em um gesto bruto e rápido ele avançou o quadril, me penetrando e me alargando. O ar sumiu de dentro de mim e eu abracei com firmeza seu pescoço, sentindo uma pontinha de desconforto em meio a um oceano turbulento de sensações deliciosas. Era tão grande, nunca fui tão esticada.

Janluque arfou contra o meu pescoço, entre lambidas e beijos eróticos, tão extremamente excitado e ainda assim me esperando acostumar com o tamanho. Ele meteu tão fundo que seus pelinhos da virilha fizeram cócegas nos meus lábios de baixo.

Eu me entreguei por completo, relaxando o corpo como sinal para que ele me virasse do avesso.

E Janluque não demorou nada. Ele deu um último beijinho no canto do meu lábio, ajeitou o corpo e começou a meter. Seus músculos fortes o faziam bombar com a força de uma máquina, indo e vindo tão rápido que nossas peles úmidas estalavam.

Eu gritei e gemi de prazer, balançando no sofá ao ritmo de suas estocadas. Era tão gostoso. Eu recém havia gozado e já sentia outro orgasmo vindo, ainda mais forte que o primeiro.

Janluque continuou bombando cada vez mais rápido, até pontinhos de suor formarem em seu rosto corado. Ele mantinha os olhos fechados mas as vezes me espiava, suas pupilas dilatadas em um prazer tão intenso quanto o meu.

Outra explosão de prazer ferveu meu corpo, me fazendo morder o lábio ou eu gritaria até acordar os vizinhos. O orgasmo mais longo da minha vida pulsou na minha virilha até meus dedos formigarem, em espasmos tão violentos que eu até enterrei as unhas nos ombros dele.

“Ah... Talita...” Janluque gemeu, estremecendo o corpo. Seu êxtase quente invadiu meu corpo, em tanta quantidade que transbordou pela fresta das minhas nádegas.

Nós dois arfamos, exaustos. Após um tempinho se recuperando, Janluque saiu de dentro de mim e sentou na ponta do sofá, ainda ofegando em cansaço.

Eu fechei as pernas para recuperar um mínimo de decência e continuei amortecida e sem peso, plenamente satisfeita. Aquilo foi inacreditável.

Janluque sorriu pra mim. Não era seu habitual sorriso sedutor de ricaço sem-vergonha. Talvez minha visão pós-sexo nublasse meu julgamento, mas ele parecia simplesmente feliz. Embora seu sorriso recuperasse parte da safadeza quando ele olhou para a minha barriga.

“Eu estava certo. Seu estômago realmente é um vórtex.” Ele disse.

“Cala a boca!” Eu me sentei rápido, escondendo a barriga com as mãos. Tá certo, eu continuava bem magrinha após o jantar exagerado, mas ele precisava mesmo estragar aquele momento? “Sabia que é rude comentar a barriga de uma mulher?”

Janluque riu da minha reação. Sua risada continuava irritante, mas um pouquinho fofa.

“Deveria se acostumar, afinal logo vai ganhar volume e não será pela comida.” Ele sorriu com a safadeza de um gato. “A menos que o bebê também cresça dentro de um vórtex.”

“Nossa, você é um idiota.” Eu me levantei e pesquei uma calcinha limpa em meio à

bagunça, vestindo-a rapidamente.

“Por quê?” Ele imitou o gesto e também vestiu sua cueca, o que me causou uma faísca de frustração. Não tive chance de ver sua bunda.

“Porque você repara demais na aparência das mulheres. Aposto que vai me descartar no momento que minha barriga crescer, se não fizer isso ainda antes.” Meu peito bateu dolorido e eu bufei, lhe dando as costas. “...Tipo depois dessa noite.”

Janluque riu.

“Ué, não foi você quem insistiu em *apenas um único encontro*?”

Eu murchei os lábios, me arrepiando como um coelho encurralado, o que fez Janluque rir mais ainda. Mas que completo desgraçado.

“Talvez eu tenha dito isso.” Eu forcei uma risadinha enquanto colocava meu vestidinho novamente. “Aliás, claro que eu disse. Não sou o tipo de mulher que faz essas coisas. Aconteceu dessa vez, e foi maravilhoso, mas eu tenho muito no que pensar.”

Janluque me abraçou por trás, contornando as mãos na minha cintura. Meus nervos aflorados estremeceram no prazer de seu toque quente, e quando ele beijou a curva do meu pescoço o meu coração deu um salto.

“Quando tiver pensado o suficiente, volte a me procurar.” Ele sussurrou no meu ouvido.

Eu paralisei em surpresa, e prazer, e confusão, meus hormônios e meus neurônios eletrizando em completo curto-circuito.

Janluque me soltou e continuou se vestindo. Ele subiu as calças e abotoou a camisa com um sorriso calmo no rosto, então pegou seu paletó na pilha de sutiãs no canto da sala.

“Agradeço pelo café, estava uma delícia.” Ele piscou para mim, enquanto abria a porta.

“Espera, você já vai?” Perguntei.

“Preciso estar no escritório em seis horas, e vamos admitir que preciso de um banho.” Ele alisou o cabelo suado para trás, sorrindo a mim como o sem-vergonha que ele era.

Eu tentei disfarçar minha profunda frustração. Só isso? Digo, eu mesma havia rejeitado ele, mas porra, podia pelo menos ficar para um cafezinho de verdade.

“Tá... ahm... tudo bem. Então tchau, eu acho...” Gaguejei, ainda atordoada.

Janluque passou o paletó por cima do ombro e saiu, fechando a porta e mergulhando meu

apartamento em um silêncio frio e sufocante.

Como o imaginado, aquele palhaço simplesmente me comeu e foi embora. Eu sentia que ficaria extremamente puta sobre isso mais tarde, mas naquele momento meus pés formigavam e meu corpo amolecia, ainda arrepiado em faíscas de prazer. Nunca um homem havia satisfeito tanto do meu corpo.

E a gente nem precisou usar camisinha, pelo óbvio motivo de que eu já estava grávida dele.

Quando lembrei do bebê eu deitei no sofá novamente e massageei a barriga por cima do tecido branco. Apesar de Janluque ter me revoltado com seus comentários, era um pouquinho impressionante que eu continuasse esbelta após um jantar tão farto, delicioso e inesquecível. E também era verdade que minha silhueta logo mudaria. E muito.

Eu, grávida de um bilionário arrogante mas que fodia bem pra caramba. Talvez eu pudesse me acostumar com aquela situação louca. Pelo menos seria obrigada a me acostumar, quando o pequeno monstinho transformasse minha silhueta de boneca em um corpo de ogro das cavernas.

Por enquanto, eu realmente precisava pensar. E pensar, nesse caso, significava ligar para a melhor amiga e contar todas as novidades.



Capítulo 14

Talita

Eu ofereci uma xícara de café à Bárbara, que tentava encontrar um espaço para sentar no caos da minha sala. Talvez eu devesse ter arrumado só um pouquinho depois que acordei, mas ela já era família, e quando resumei no telefone os eventos da noite ela simplesmente disparou para a minha casa. Mal tive tempo de tomar um banho.

Bárbara empilhou minhas roupas no braço do sofá e sentou, mantendo uma constante sobrelance arqueada para demonstrar sua intensa desaprovação.

“Você recebeu Charles Jean-Lucc nesse buchicho?” Ela me perguntou.

“Sim.” Eu beberiquei meu café.

“E vocês treparam até o seu cérebro explodir?”

“Sim.”

“E não usaram camisinha porque você *já está* grávida dele?”

“Sim.”

Bárbara abriu a boca, com os neurônios em pane.

“Caralho, amiga...” Ela bebeu longos goles de café, com o olhar para o nada. “E agora?”

Eu sentei ao seu lado, em cima do vestido da noite anterior e mais pilhas de outras coisas.

“E agora não sei, esperava que você me dissesse. Aquele cara é arrogante e idiota, e simplesmente sumiu quando conseguiu o que queria. Mas foi um encontro tão... mágico. Ele me levou em um restaurante incrível, depois fomos ao cinema e assistimos um filme maravilhoso, e...”

Bárbara levantou as mãos até eu parar de falar.

“Na, na, na, não. Pode parar. Eu sei onde você vai chegar com isso e não, Talita. Você teve um simples encontro com jantar, cinema e sexo, só isso. Pode ter certeza que é a programação normal daquele cara e só foi exagerado porque Jean-Lucc tem dinheiro brotando do cu. Não começa a pensar que teve algo de especial, o que você menos precisa é se apaixonar por aquele homem.”

Eu balancei a cabeça, totalmente perplexa.

“Eu... eu não estou apaixonada.” Gaguejei, sentindo o coração acelerar. “E qual é a sua, Babi? Foi você quem me empurrou a sair com ele e agora mudou de ideia?”

“Não mudei de ideia. Só mandei você ter um encontro sem pensar demais, sem investir emocionalmente. Homens como Jean-Lucc tem encontros exatamente assim várias vezes por semana com uma multidão de mulheres. Talvez hoje mesmo ele repita a noite anterior com alguma outra qualquer.

Meu coração afundou aos pés e meus olhos umedeceram. Eu bebi meu café sentindo-o ainda mais amargo. Tudo o que Bárbara dizia era verdade, então por que machucava tanto?

“Tem razão, acho que me empolguei demais. Deve ter sido o sexo, foi o melhor da minha vida. “ Eu sorri a ela, ainda remoída por dentro. “Eu realmente me senti especial.”

Bárbara deu um tapinha no meu ombro.

“Você *foi* especial, Talita. Por uma noite. Agora supera aquele cara e já comece a pensar no próximo. Você ainda terá muito o que lidar com Jean-Lucc e conversar sobre fraldas e pediatras não é nem um pouco sexy. Acredite, eu sei.”

Eu suspirei, descansando a cabeça no encosto do sofá. Realmente, apesar da nossa relação ter durado uma única noite, o bebê nos manteria grudados por um longo tempo. O meu corpo se arrepiou quando imaginei nosso reencontro, eu só podia torcer que fosse pouco constrangedor.

“Acha que ele vem visitar o filho às vezes? Digo, não preciso da ajuda daquele cara, nem nada assim, mas...” Eu baixei a cabeça, sentindo um amargor por dentro. “Mas eu sei o quanto é difícil crescer sem um pai.”

Bárbara passou o braço atrás dos meus ombros, em um abraço amigo.

“Se aquele cara procurou uma barriga de aluguel, pode ter certeza que ele quer esse menino. Não se preocupe com isso agora, Talita. Ainda tem nove meses pela frente.”

“Eu sei, só é tão difícil... Ontem Jean-Lucc mandou comida para algum orfanato, e acabei lembrando do Orfanato Aura. Espero que a dona Isaura esteja se virando bem após todos esses anos, as coisas lá sempre foram tão complicadas.”

“Foi difícil mas os tempos mudam, pelo que vi na TV as condições melhoraram muito para os órfãos. Um patrocinador misterioso reformou o galpão de ferramentas e instalou ar condicionado em todos os quartos.”

“Eu deveria instalar um aqui também, mas a vida me fez uma manicure pobre.”

“A vida te fez alguém que odeia dinheiro.” Bárbara me acotovelou, rindo. “Mas é sério, Talita, esquece aquele homem. Foi super legal da parte dele doar comida para um orfanato, mas você sabe que ele só fez isso pra te impressionar.”

“Já entendi, Babi.” Eu revirei os olhos e ergui a mão em pose de juramento. “Eu, Talita Borges, prometo encontrar Charles Jean-Lucc apenas para discutir a guarda deste bebê.”

“Não acredito em você, mas é um começo.” Bárbara riu e deixou a xícara vazia na mesinha. “E sobre a guarda, vocês chegaram a conversar sobre isso?”

“Ainda não, é muito cedo. A clínica me deixou com direito total de decidir sobre o bebê, mas guarda compartilhada me parece o ideal. Aquele ricaço é meio bobo, mas é considerado e bondoso. Acredito que será um bom pai.”

Bárbara concordou com a cabeça e se levantou.

“Foi uma noite bem louca, isso é certo. Espero que tenha aprendido uma importante lição.”

“Ahm... permitir que os homens mostrem seu lado interior pode trazer boas surpresas?” Perguntei.

“Não, que transar de vez em quando é bom pra caralho e você precisa fazer isso mais vezes.” Bárbara deixou nossas xícaras na pia e foi para a porta de entrada. “Agora eu preciso buscar o Ivan e o Bruno na creche, e você precisa incendiar este apartamento e mudar-se para outro que não pareça um estábulo. Nos falamos no trabalho!”

“Até mais, e obrigada por ter vindo!” Eu acenei à Bárbara.

Bárbara fechou minha porta e eu fiquei sozinha, apenas eu e minhas muitas, muitas peças de roupa.

Ai, ai... os conselhos da Bárbara faziam sentido, mas ela podia ser tão dura, às vezes. Eu devia saber o que esperar de uma mulher solteira com quatro filhos de pais diferentes. O lance da Bárbara era curtir a vida, dançar em festas barulhentas e beber a ponto de esquecer que camisinhas existem. Apesar de ser minha melhor amiga, ela pensava diferente demais.

Bárbara nunca compreenderia que talvez, apenas talvez, Janluque pudesse ser o homem certo. Digo, ele era grosseiro, idiota e entendia um pouco demais sobre moda, mas proporcionou um jantar tão maravilhoso, com uma conversa tão agradável. E também conseguiu o filme que eu mais queria ver, era simplesmente impossível que eu fosse apenas *mais uma*. Eu nunca teria o convidado ao meu apartamento de outra forma.

Cansada de tanto pensar, eu levantei e comecei a arrumar a sala. Pouco a pouco a bagunça foi se tornando pilhas de calças e camisas, cuidadosamente dobradas lado a lado para serem devolvidas ao armário.

Uma parte de mim desejou, bem lá no fundo, ter o telefone daquela tal de Francisca, mas apesar do caos de calças e sutiãs, o chão permanecia limpo e encerado, o que era um bom conforto.

Demorou um tempo, mas logo meu apartamento tornou-se quase apresentável novamente, ou pelo menos já era possível ver os móveis. Eu definitivamente precisava vender as roupas em excesso, mas antes disso faltava guardar a pilha de sutiãs no canto da sala, então eu sequei o suor da testa e fui terminar aquele último pedaço de bagunça.

Diferente das minhas calcinhas, meus sutiãs não tinham estampas coloridas ou cores berrantes, mas acabei criando ódio deles, mesmo assim. Antes eu nunca me importaria com a aparência de uma roupa de baixo, mas aqueles sutiãs eram tão bege e sem graça, grandes demais, com alças perdendo os fiapos e nenhum farelo de sensualidade. Pelo menos o decote do vestido me forçou a dispensar sutiãs, porque Janluque riria deles ainda mais que das minhas calcinhas, isso se não saísse correndo.

Com as costas doendo por ficar tanto tempo abaixada, eu dobrei o último sutiã da pilha e então umas tiras de papel caíram. Eu franzi a testa ao notar letras minúsculas no papel rasgado, porque com certeza não estavam nas minhas roupas quando as joguei ali.

Eu peguei as tirinhas e apertei os olhos, tentando entender aqueles montes de jargões de advogado, que eram ainda mais incompreensíveis por causa dos rasgos. Talvez o vento da janela tivesse derrubado aquilo de alguma estante, mas eu não lembrava de ter documentos assim em casa, e muito menos tê-los picotado.

Então eu notei algo azul em um dos fragmentos. Riscos do que com certeza era a minha assinatura. Eu me orgulhava da minha assinatura bonitinha, então ao notar as linhas tortas logo lembrei do cinema, quando acabei assinando de qualquer jeito.

“A autorização do sindicato...” Falei a mim mesma, enquanto ajeitava os pedaços sobre a mesa e tentava encontrar a ordem correta.

Pensando bem, foi naquela pilha que Janluque jogou o paletó na última noite. O papel devia ter caído de seu bolso, mas pelo que eu havia entendido aquele documento era urgente e não fazia sentido ele ter rasgado tudo. Então por que?

Confusa, eu vasculhei minha estante de livros em busca de fita adesiva e logo a encontrei, agradecendo internamente à arrumação da Francisca. Com a fita em mãos eu tratei de juntar

os pedaços novamente, até formar o documento completo.

E aquilo não podia estar certo.

Eu aproximei o papel do rosto e li as minúsculas cláusulas. Logo no título eu me assustei.

“Autorização de desistência de guarda... Através deste documento, eu, Talita Borges, desisto da guarda do bebê em meu ventre e entrego todo e qualquer direito ao seu pai Charles Jean-Lucc. A desistência é total e não revogável, tornando-se proibidas visitas e divulgação pública de seu envolvimento biológico na concepção do bebê.

“Para todos os fins, eu, Talita Borges, abduco tanto deste bebê como de qualquer direito em considerá-lo meu filho, ou em considerar-me sua mãe. Em caso de quebra de contrato será aplicada uma multa de...”

Não consegui continuar a leitura, precisei sentar no sofá ou desmaiaria, minha pressão despencando aos pés até meu rosto tornar-se gelo.

O choque foi tanto que só percebi minhas lágrimas quando elas borraram o papel em minhas mãos. A assinatura de Jean-Lucc espalhou-se na página branca.

Eu amassei aquela porcaria e desabei a chorar.

Como eu pude ser tão idiota? Claro que aquele imbecil não seria carinhoso e amável de graça. Ele apenas usou minhas fraquezas para conseguir o que queria. Todo aquele encontro foi uma farsa.

Entre soluços sentidos e desesperados eu procurei o celular para chamar a Bárbara, mas logo desisti da ideia. Ela iria apenas mostrar o quanto estava certa e o quanto eu fui estúpida.

Não. Se algo havia se tornado claro, era que Jean-Lucc precisava muito ter o bebê que crescia em mim. E se aquele imbecil queria meu filho, eu faria de tudo, tudo mesmo, para destruir seus planos.

Aquele bilionário arrogante escolheu a mulher errada para tentar enganar.



Capítulo 15

Jean-Lucc

Após duas horas de estrada, o cenário de árvores e montanhas dissolveu-se em uma paisagem aberta e nostálgica, que trouxe um sorriso inevitável ao meu rosto.

George também costumava sorrir quando pegava o desvio e seguia pela estradinha de terra, que desaparecia em meio aos pinheiros da reserva florestal. Mas, como nos últimos dois dias, ele continuava emburrado.

Eu decidi ignorar as birras dele. Como meu mordomo, a função do Charles era obedecer os meus desejos. Se ele odiava o fato de eu não ter enganado Talita, isso não era problema meu.

Alguém divertida e bela como Talita não merecia ser vítima de falcatruas, e nós dois certamente encontraríamos um meio-termo justo sobre a guarda do pequeno Jeremy. O plano laranja foi um exagero ridículo desde o começo.

Ainda assim, o silêncio entre nós dois começava a me irritar.

“Acha que a dona Isaura vai se lembrar de mim?” Perguntei, sorrindo a ele pelo retrovisor.

“O patrão visita o orfanato todos os anos. A menos que minha mãe tenha Alzheimer e eu não esteja sabendo, então creio que sim, ela lembrará do senhor.”

Eu bufei e desisti de puxar assunto. George era tão genioso às vezes.

Nós seguimos pela estradinha floresta adentro e logo um descampado surgiu diante de nós. No meio do descampado florido, sobre uma colina, havia um pitoresco casarão de arquitetura antiga. Três andares de tijolo aparente, com vinhas crescendo pelas paredes e janelas de madeira colorida, abertas para aproveitar o sol da tarde.

Parecia o cenário de um conto de fadas, e para as diversas crianças que brincavam no jardim talvez fosse mesmo. Um cenário nada parecido com o da minha própria infância.

Era imensamente agradável notar tantas mudanças. E saber que eu e George fomos os responsáveis por tudo.

George estacionou a limusine e contornou para me abrir a porta. Eu desci e assim que

ergui o olhar à casa novamente, avistei uma senhora gordinha e animada descendo o monte e acenando para nós.

Não importava a idade, dona Isaura mantinha os mesmos olhos joviais e vívidos do George. Mas, diferente dele, ela sorria o tempo todo e demonstrava sua empolgação em nos rever.

“Charles, George! Pensei que nunca mais visitariam esta velha senhora.” Ela abraçou George apertado e fez o mesmo comigo, amassando meu melhor terno da Hugo Boss. Mas se era a dona Isaura, eu não me importava.

“Como estão as crianças?” Perguntei enquanto alcançava minha maleta no banco de trás.

“Ah, estão todos maravilhosos. A maioria não desgruda daquela sala de videogames que você mandou construir.” Ela continuava falando e rindo, super animada. “Mas precisava mesmo ter mandado aquelas comidas esquisitas? Rãs, pato e cogumelo?”

“Crianças devem se acostumar desde cedo à alta culinária, dona Isaura. Quem sabe uma delas não tem uma fortuna bloqueada por algum banco?” Eu dei uma piscadinha a ela. “Não me diga que eles não gostaram.”

“Ah, é bom ter refeições diferentes, de vez em quando. As crianças adoram tudo o que vocês fazem por elas.” Ela virou-se ao George. “E você, filho, como está a vida de casal? O Charles tem te tratado direitinho?”

“Mãe, já te expliquei mil vezes que sou o mordomo dele! O mordomo!” George avermelhou.

“Claro que é.” Dona Isaura deu tapinhas nas costas dele, então deu as costas fazendo sinal que a gente a seguisse.

Eu segurei o riso para a frustração do George e chamei a dona do orfanato novamente.

Dona Isaura era uma das únicas lembranças boas em minha estadia no Orfanato Aura, sempre atenciosa e dedicada com os órfãos como se fossem seus próprios filhos. George herdou dela toda a dedicação e nada do bom humor.

“Peço perdão dona Isaura, mas receio ter pressa hoje.” Eu abri a maleta sobre o capô da limusine e dela tirei um gordo maço de notas de cem. “Viemos apenas lhe entregar isso.”

Os olhos de dona Isaura brilharam quando ela pegou o bolo de dinheiro. Ela deslizou o polegar pelas notas como se não acreditasse que fosse real.

“O que significa isso, Charles?” Perguntou ela.

“Não conseguirei reverter o corte de verbas tão cedo, então trouxe a doação em dinheiro vivo. É o único meio de os advogados não rastrearem.”

“Ah, não finja ser bobo comigo, garoto. Aquele bando de vampiros querendo quebrar esse lugar, e você acha que não vão dar falta desse dinheiro todo? Isso é da sua conta pessoal? Não posso aceitar.”

“Acha que alguns milhares de dólares me farão falta? Não é muito se considerar a quantidade de órfãos, mas deve sustentar o orfanato por mais alguns meses.” Eu suspirei, erguendo a visão para onde alguns meninos jogavam bola e riam. “Me desculpe por isso.”

“Dá pra entender esse seu namorado, filho? Ele se desculpa por tudo!” Dona Isaura disse ao George, então ela guardou o dinheiro no bolso do avental e sorriu a mim. “Sua ajuda é sempre bem vinda, Charles. Espero que resolva seus problemas logo.”

“Relaxe quanto a isso, dona Isaura, logo o dinheiro das doações retornará ao caixa do orfanato. Se faltar qualquer coisa às crianças não deixe de me avisar.”

“Claro meu amor, é tão bom ver vocês de novo. Façam uma boa viagem.”

Dona Isaura acenou novamente, enquanto eu e George deixávamos o orfanato para trás. A risada dos meninos foi a última coisa que ouvi quando retornamos à estrada.

Tudo daria certo em algum momento, mas em uma coisa dona Isaura tinha razão: os advogados logo perceberiam as doações em dinheiro vivo. Eu precisava consertar tudo, e rápido. Eu precisava daquele bebê.

Se havia algum conforto naquela situação de urgência, era que Talita compreenderia a gravidade dos meus problemas. E só em lembrar dela o meu coração já acelerava, ansioso por nosso reencontro.



Eu lachei minha gravata em um nó perfeito, endireitei os ombros do paletó e fechei a fivela de diamantes do meu cinto, admirando o conjunto completo no espelho do quarto. Dessa vez George não inspecionou o tecido em busca de felpas e imperfeições. Na verdade ele havia sumido.

Três dias após eu auto-sabotar nossos planos e ele continuava revoltado. Eu nunca entenderia aquele homem, mas não perderia meu mordomo e melhor amigo por conta de uma

bobagem.

“Ei, Gegê! Não encontro minhas meias cor-de-grafite!” Eu gritei. Apenas uma desculpa, porque quem seria louco de vestir meias grafite com gravata azul-marinho?

Silêncio.

Eu bufei. Minha mansão era grande, mas não a ponto de não ouvirem meus gritos. Talvez George estivesse cuidando do jardim, porque não havia outra explicação para ele negligenciar seus serviços.

Com a paciência despencando, eu vasculhei a mansão em busca do meu mordomo revoltado. O salão de Talita fecharia em breve e eu esperava surpreendê-la com minha maravilhosa — e impecável — presença.

“Gegê!!” Gritei, atravessando a sala de estar.

Pelas janelas eu avistava meus amplos jardins, o quintal e a piscina, mas nenhum empregado. Talvez ele estivesse em seu quarto ou no escritório. Decidi tentar o escritório primeiro.

Aborrecido, eu entrei no escritório sem bater. George ergueu a cabeça na minha direção em um sobressalto, sentado atrás da sua mesa de contabilidade.

Na poltrona à sua frente, Hector também me fitava, surpreso mas tranquilo.

“O que é esta reunião que não estou sabendo?” Perguntei.

Hector se levantou, com os ombros empinados e a postura reta. Por um instante seu paletó esbarrou no braço da poltrona, revelando o brilho da coronha de um revólver.

“Preciso ir, tenho alguns compromissos.” Hector estendeu a mão e me cumprimentou em um aperto firme e rápido. “É um prazer vê-lo, patrão Charles.”

Hector fechou a porta atrás de si e eu abri a boca para George, indignado.

“Tem alguma coisa que você queira me contar, George?” Perguntei. “Por que havia um mercenário dentro na minha casa?”

George levantou da mesa e revirou os olhos, como se fosse tão óbvio. Ele tentou passar por mim e eu parei o corpo diante da porta, de braços cruzados.

“O que está havendo?” Insisti.

“Aquela manicure não é de confiança, Charles. Pensa que gosto de lidar com gente como

Hector? Estou fazendo isso por você! E pelo orfanato que você e a mamãe tanto amam!”

“Fazendo o que, exatamente?” Eu balancei a cabeça, totalmente perplexo. “George, não vou enganar uma mulher que já está passando por um momento difícil. E aquela manicure tem nome, ok? E o nome dela é Talita Borges.”

“Talita...” George arregalou os olhos. “Você disse Talita Borges?”

Minha paciência me esgotou. Eu dei as costas para George e marchei furioso até a minha garagem, onde o Mercedes me aguardava. Se George queria agir como um pirralho mimado isso era problema dele. Talita era uma garota incrível e diferente das outras, e naquela noite eu provaria isso a ela de uma vez por todas.



Eu estacionei diante do salão Capilair e aguardei. O portão metálico já encobria metade das vitrines e a porta estava entreaberta, indicando que fechariam em breve. Algumas clientes em cabelos glamorosos deixaram o salão, e logo as cabeleireiras também.

Eu batuquei o volante e esperei que Talita aparecesse logo, nervoso sobre o que dizer a ela. Não havíamos nos falado desde o nosso primeiro encontro, e tudo sobre aquela noite não me saía da mente. A diversão, os sorrisos, o sexo tórrido e delicioso.

Apesar da devassidão de Talita me assustar em outras mulheres, eu percebia que ela agia assim pela primeira vez comigo. Eu libertava nela alguma luxúria primal e um desejo incontrolável pelo meu corpo e isso era o sonho de qualquer homem. Só de imaginar as loucuras que ela desejaria fazer comigo naquela noite o meu corpo começava a reagir.

Meus hormônios imploravam por Talita, e também o meu coração. Talvez fosse super cafona dizer isso, mas desde aquele encontro tudo em minha mente era Talita. O que estaria vestindo, o que estaria fazendo, o que estaria assistindo...

Hum, pensando bem, a última parte era fácil. Ela estaria chorando para novelas bregas. Tão bregas quanto meus próprios pensamentos naquele momento.

A primeira coisa a fazer seria dar-lhe um beijo e matar a saudade de seus lábios sedentos por mim. Depois visitaríamos qualquer lugar de sua escolha — Ela escolheria algum restaurante, eu tinha certeza disso — e então faríamos sexo louco, de preferência no conforto e higiene da minha mansão.

Mais algumas mulheres deixaram o salão e uma delas baixou o portão metálico completamente. Entre o grupinho estava a dona do lugar, a manicure tagarela e também Talita, que jogava os cabelos para trás com um ar de cansaço após o longo dia.

E então ela me viu e o cansaço em seu olhar tornou-se... fúria?

Deve ter sido impressão minha, porque logo sua expressão me pareceu perfeitamente normal, se um pouco desdenhosa. As outras mulheres, porém, continuavam me encarando como se fossem um bando de falcões diante de um rato.

Eu desci o vidro do acompanhante e Talita debruçou-se para dentro do carro.

“O que está fazendo aqui?” Perguntou ela, estranhamente fria.

“Vim convidá-la para um segundo encontro.” Eu estendi a mão para o banco ao lado, onde lhe aguardava uma fina caixa de chocolates belga.

Talita virou para as amigas e pareceu conversar por telepatia. Eu nunca entenderia como mulheres faziam isso, mas de algum jeito as mulheres dispersaram sem que outra palavra fosse dita.

“Está bem.” Talita entrou no carro e jogou a caixa de chocolate no banco de trás. “Vamos para o seu encontro.”

Eu sorri a ela e, embora um tanto desconfiado, dei partida no carro e segui com ela para os rumos incertos — e com certeza divertidos — daquela noite.



Capítulo 16

Talita

Que beleza, outro encontro com aquele bastardo rico.

Eu não sabia por que aceitei este maldito encontro. Ali estávamos nós, atravessando a noite nova-iorquina naquele carro de gente esnobe, enquanto Janluque sorria como uma besta, feliz por me enganar mais uma vez.

Mas eu não era boba. Ninguém me fazia chorar durante horas sem pagar caro.

Ok, ok, eu nunca na minha vida me vinguei de ninguém, mas minha vida de dificuldades me obrigou a ser forte. Nunca deixei ninguém me atropelar e aquele idiota não seria o primeiro.

E Janluque fez muito mais que tentar me manipular. Se fosse apenas um joguinho de playboy rico e moça simples eu poderia aceitar, aliás, isso nem me surpreenderia. Mas Janluque armou todo um circo para arrancar meu filho de mim logo após o parto, e isso eu não podia perdoar.

As meninas do salão demoraram a acreditar em uma história tão terrível. A própria Bárbara acreditou somente quando mostrei a elas o documento. Durante os últimos dias nós não discutimos outra coisa, e apesar delas insistirem que eu cortasse Janluque da minha vida, esta não era uma opção.

Em primeiro lugar, Janluque era pai do meu filho. E em segundo lugar, eu queria destruí-lo pelo que tentou fazer comigo.

A questão era: como conseguir isso? Minhas ideias fervilhavam sem que uma resposta surgisse em mente, mas eu sabia que fingindo cair no joguinho de Janluque eu pensaria em alguma coisa.

Janluque estacionou o carro após certo tempo. Estávamos na orla da cidade, de onde podíamos ver a Estátua da Liberdade. Mas eu previa que os planos de Janluque não envolviam o turismo mais clichê de Nova York, até porque havia um restaurante lindo bem diante de nós.

La Liberté. Pela temática azul, branca e vermelha, era óbvio que o restaurante era francês. Um lugarzinho simpático e aconchegante, com jeito de antigo. O extremo oposto do

restaurante do último encontro, mas não por isso menos interessante.

“Você não falou nada durante o passeio, então escolhi nosso restaurante mais uma vez. O Liberté também ganhou várias estrelas Michelin e prêmios internacionais, sem perder o clima tradicional. É o melhor lugar para saborear carré de cordeiro enquanto se admira a Estátua da Liberdade.”

Eu lambi os lábios, sentindo o cheiro trazido pela fumaça das chaminés. Carne assada, que delícia.

Espera. Ah, meu Deus, eu precisava pensar no meu plano de vingança e não me empanturrar de comida!

“Parece bom.” Falei, me concentrando para manter um certo desdém. Ah, eu sempre quis conhecer a culinária francesa!

Janluque sorriu e passou o braço no meu, me conduzindo para dentro como o cavalheiro que ele fingia ser.

Diferente da primeira noite, eu me sentia uma mendiga. Ainda estava vestindo uma camiseta e calça jeans comuns e meio suadas. Não havia maquiagem no meu rosto e meu desodorante havia perdido efeito umas cinco horas atrás. E eu não queria nem olhar para o estado do meu cabelo.

Janluque não pareceu se importar em nada com a minha aparência quando me arrastou para aquele lugar, e logo entendi o motivo: A maioria dos outros clientes vestia-se casualmente, o que destoava um pouco dos pratos mega-elegantes nas mesas, mas era um ambiente aconchegante e casual estilo casa-da-vovó.

O garçom nos conduziu às mesas do terraço, bem em frente ao rio. Àquela hora da noite já haviam acendido as luzes da estátua, que brilhava em tons verdes com sua tocha erguida aos céus.

Janluque ajeitou o guardanapo em seu colo e debruçou-se na mesa, sorrindo contente.

“Derramou acetona na língua, hoje? Você está tão quietinha.” Disse ele.

Eu deveria fingir melhor, mas era difícil conversar com o homem que me seduziu e enganou de forma tão fria. Aquele segundo encontro era o contragolpe, eu destruiria sua alma como Janluque destruiu a minha e precisava apenas de um tempinho para descobrir como.

Então chegaram as torradinhas da entrada e eu quase me babei, saboreando com o olhar todos aqueles patês, queijos e carpaccios. Pareciam tão deliciosos que eu precisei me servir

um pouquinho.

Oh, céus, que patês mais deliciosos.

Janluque segurou o riso brevemente e não aguentou. Ele começou a rir.

“Que foi?” Eu lambi meus dedos.

“Você come igual a um chagal faminto.” Ele respondeu.

Mas que audácia. Eu avermelhei de raiva e cravei as unhas no guardanapo do meu colo até quase rasgar, mas antes que meus ímpetos homicidas tomassem conta de mim o garçom apareceu.

Janluque interrompeu minha voz e apontou alguns itens no cardápio.

“Vou querer uma porção de escargot, o carré ao molho de tâmaras e o melhor vinho rosé da casa. A dama aqui vai querer...”

“Um sanduíche, por favor.”

Os dois me olharam como se eu fosse maluca, mas eu me mantive bem séria.

“O quê?” Perguntou Janluque.

“Madame, temo que nosso cardápio não contenha...”

“Dois pães. Presunto. Queijo. Qualquer bar de esquina tem essas coisas e vocês não? Quero um sanduíche. E de dois andares, por favor.”

O garçom concordou com um gesto rápido da cabeça e se apresou de volta à cozinha. Janluque manteve o olhar arregalado em mim.

“Um novo encontro, uma nova surpresa.” Disse ele, baixando o olhar para pegar uma torradinha.

Eu sorri, satisfeita com sua decepção. E no que dependesse de mim, as surpresas estavam apenas no começo.

Nossos pedidos estavam demorando, e logo as torradas e patê deixaram de ocupar o silêncio mórbido entre nós dois.

“As crianças do orfanato adoraram a comida.” Disse Janluque.

Eu sorri a ele, me sentindo duplamente trouxa. Quando Janluque passou o endereço ao garçom nem me ocupei em verificar, pensando bem ele poderia ter escrito qualquer coisa.

“Ah, é? E eu poderia saber como conheceu este orfanato?” Perguntei.

“É uma longa história, um tanto trágica.” Ele sorriu com o canto da boca, em uma expressão difícil de ler. “Posso lhe contar mais tarde em um lugar mais privado. Na minha mansão, por exemplo.”

Que completo desgraçado. Eu me perguntei o que ele diria se soubesse que eu mesma cresci em um orfanato. Que eu fui abandonada ainda bebê, e que dona Isaura foi a única mãe que conheci até meus dezoito anos, quando me expulsaram de lá para viver como uma adulta independente na maior e mais impetuosa cidade estadunidense. Se não fosse pela ajuda da Bárbara, Janluque certamente não se interessaria tanto por mim, porque eu seria uma mendiga morando embaixo da ponte, talvez ironicamente viciada em crack.

Bem, mesmo que soubesse do meu passado, Janluque iria apenas rir e pensar num jeito de distorcer minhas palavras para me conduzir à sua cama. Homens de negócios treinavam a arte da manipulação para se manterem no topo. Enganar uma manicure inexperiente deve ter sido uma brincadeira de criança pra ele.

A comida chegou. O garçom ajeitou uma redoma metálica na minha frente e na frente de Janluque, então levantou as tampas. O cheiro mais maravilhoso do universo penetrou minhas narinas... e vinha do prato dele.

No meu prato descansava um simples sanduíche de pão de forma, ainda mais sem graça do que sanduíches costumavam ser. Os cozinheiros prenderam um palito de azeitona em cima, e eu só podia torcer que fosse uma azeitona deliciosa.

Que seja. O objetivo era constranger e decepcionar aquele rico bastardo, e não provar o delicioso e suculento carré de cordeiro, coberto em um cremoso molho escuro e raspas de açafrão.

“Quer provar um?” Janluque ergueu um dos escargots com uma pinça.

“Estou bem com o meu sanduíche, obrigada.” Eu segurei meu jantar e quase soltei um gemido de agonia ao notar o recheio. Presunto e queijo de supermercado, e um creme amarelado que podia ser manteiga ou margarina. Eles bem que podiam ter usado os ingredientes metidos dos outros pratos, e para o meu desespero eles até levaram as entradinhas quando entregaram nossa refeição.

Eu abocanhei meu sanduíche absolutamente normal enquanto Janluque se esbaldava em seu próprio jantar. Ele gemia de prazer a cada pedaço de seu carré e às vezes me espiava, estudando minhas reações.

Bem, se aquela noite tinha tudo para ser insuportável, eu com certeza não estava me

esforçando para reverter a situação. Era como viver um pesadelo que em parte era culpa minha, mas eu estava tentando provar alguma coisa, seja lá o que fosse.

Maldito Janluque. Maldito restaurante. Maldito sanduíche de presunto. E maldito auto-controle, porque eu não queria demonstrar emoções e ainda assim lágrimas escaparam dos meus olhos. Eu simplesmente não conseguia contê-las.

“Quer que eu mande trocar o presunto?” Janluque segurou o riso.

“Você é um idiota.” Eu passei a mão nos olhos molhados. “Um egoísta cruel e desalmado, que me enganou uma vez e quer enganar de novo.”

Janluque mudou a postura, endireitando-se na cadeira com um olhar magoado e surpreso.

“Por que está me dizendo isso?” Ele franziu a testa, seus lindos olhos azuis tremulando sob as luzes noturnas. “Talita, nos últimos dias não fiz nada além de pensar em você.”

Uma bola amarga formou-se na minha garganta e eu devolvi o sanduíche ao prato. Ele realmente era bom nisso. Mesmo sabendo do mal que tentou me causar eu tremia de angústia ao ouvir suas palavras. Ele soava tão cruelmente ferido e sincero.

Eu não podia continuar ali. Se eu ficasse acabaria cometendo a estupidez de perdoá-lo, mesmo sabendo que era outro truque. Alguma coisa aconteceu com o primeiro documento e eu não seria tola em dar-lhe uma segunda chance de roubar meu bebê.

“Vou para casa.” Eu levantei e passei minha bolsa no ombro.

“Mas por quê? O que eu fiz de tão errado?” Janluque tentou se levantar e eu lhe ergui a mão, poupando-lhe do esforço.

“O que você fez, Janluque? Realmente, você não fez nada. Mas quase fez.” Eu meti a mão na bolsa e joguei o documento remendado sobre a mesa. “Parece pouco pra você?”

Janluque desamassou o papel e seu rosto empalideceu. Ele abriu a boca, estarrecido.

“Talita, eu... eu posso explicar...” Gaguejou ele.

“Você ouviu o doutor Ignácio. Este bebê é meu e apenas meu. E eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para que continue assim. Você nunca chegará perto desta criança.” Eu bufei de ódio e segui para a saída, porque se encarasse seu olhar úmido por mais um instante eu perderia a frieza que eu tanto precisava. Ainda assim, virei-me a ele uma última vez. “E ele não vai se chamar Jeremy!”

Deixando para trás um bilionário chocado e trêmulo, eu abandonei aquele restaurante metido e chamei um táxi, disposta a esquecer de Janluque para sempre.

Mas mesmo em toda a minha fúria e mágoa, parte de mim sabia que eu nunca seria capaz disso.



Capítulo 17

Talita

Eu deitei no colo da Bárbara e chorei, chorei, chorei.

Bárbara afagou meus cachos loiros, que àquela altura mais pareciam uma bola de feno.

Abalada pelos eventos recentes, eu pedi licença do trabalho à dona Henrica, que concedeu um dia livre não apenas para mim como para Bárbara, porque sentiu que eu precisaria da minha melhor amiga. Para uma velha intrometida e puxa-saco, dona Henrica sabia ser generosa às vezes.

Então lá estava eu, Talita Borges, encharcando o vestido da Bárbara com as minhas lágrimas.

“Você fez a coisa certa, Talita. Aquele cara era um completo desgraçado. Desculpa ter te empurrado pra ele.”

“Não precisa se desculpar.” Eu assoei meu nariz e continuei chorando. “Ninguém poderia imaginar. Sempre achei que ele fosse egocêntrico e ganancioso, mas nunca que chegaria tão longe. Eu sinceramente pensei que ele seria um bom pai e que nos revezaríamos para cuidar do bebê. Eu fui tão burra.”

“Talita, você não é burra. Foi super esperto da sua parte terminar as coisas daquele jeito escandaloso. Janluque deve ter morrido de vergonha, e que mulher traída não curte um bom barraco?”

Eu sorri com tristeza à Bárbara. Realmente, eu havia humilhado Janluque totalmente naquele restaurante. Não foi uma vingança à altura do que ele fez comigo, mas meu estômago não suportaria mais daquele convívio traumatizante.

E ainda assim meu coração doía por outro motivo. Um motivo que minha mente se recusava a aceitar.

“Você vai desidratar chorando tanto, amiga. Deixa eu levantar e te preparar um...” Algo de vidro estilhaçou no canto oposto da sala. “Bruno! Eu já mandei parar de jogar bola aqui dentro seu filhote de cruz-credo! Vem aqui!”

Bárbara levantou correndo e o que seguiu foi mais uma barulheira de crianças gritando, Bárbara soltando desaforos e palavrões, crianças chorando, e o eterno chiado de conversinhas

e risadas de seja lá quem não estivesse levando bronca. O habitual na casa dela.

Eu suspirei e enterrei a cara nas almofadas do sofá, que cheiravam a uma mistura esquisita de almôndegas, leite e pirulito de morango. Normalmente eu só visitava a Bárbara em situação e emergência, mas bem... aquela era uma situação de emergência.

Muitos gritos, risadas, coisas desabando e choradeiras depois, Bárbara retornou até mim ofegante, voltando a calçar o chinelo.

“Vou fazer um chá, tá bem?”

“Faz o meu bem forte.” Pedi, minha voz abafada pelo travesseiro.

Bárbara concordou e foi para a cozinha, me deixando a sós com sua legião de demônios que não parava de saltar no sofá e esfregar coisas grudadas no carpete.

Eu me sentei a contragosto, por simples medo de que algum chiclete fosse parar no meu cabelo.

A chaleira demorava a chiar. Meu chá não ficaria pronto tão cedo, embora o que eu precisasse mesmo era de vodka com bastante gelo e hortelã. Se não fosse o bebê dentro de mim eu já estaria em alguma dormindo em uma sarjeta de bar, abraçada em várias garrafas vazias enquanto cães de rua lambiam minha cara.

Tá certo, aquilo era um pouco de exagero, mas caralho eu queria me enterrar no chão e nunca mais sair.

Enquanto Bárbara não voltava eu procurei o controle remoto e liguei a TV. Aquela velharia não rodava aplicativos de filmes, mas talvez eu encontrasse uma novela interessante nos canais abertos. O que eu mais precisava era distrair a mente daquele idiota manipulador antes que minha choradeira prejudicasse o bebê.

A televisão ligou aos poucos, enquanto os meninos corriam de um canto a outro da sala, um deles carregando o baleiro que a Bárbara os proibiu de pegarem. Eu já podia prever mais gritaria em breve.

Na televisão também apareciam crianças brincando, mas não era um programa infantil, e sim um noticiário.

Quando reconheci o cenário ao fundo, meu coração quase saltou para fora da boca. Uma pitoresca casa de dois andares em uma colina, no coração de uma floresta de pinheiros. A pintura nas janelas foi retocada e havia muitos brinquedos novos, mas eu tive certeza: aquele era o Orfanato Aura, onde eu vivi durante toda a minha infância e adolescência.

Surpresa, eu aumentei o som da televisão para tentar vencer a gritaria de quatro crianças. A repórter começou a entrevistar uma senhorinha, que logo reconheci como a dona Isaura.

“E como será realizada a transferência dos órfãos?” Perguntou a repórter.

“Ainda é cedo para falar em transferência, minha querida. Muitas destas crianças estão aqui desde bebês, não conhecem outro lar. O Orfanato Aura já abrigou gerações de órfãos, não será um embargo financeiro que fechará nossas portas.”

“Quanto ao corte de verbas, que tipo de medidas a senhora propõe à comunidade?”

“São muitas crianças, todo mês chega alguém novo e quase nunca conseguimos adotantes, especialmente para os mais velhos. A situação é difícil, mas estamos aceitando doações e interessados em adotar.”

“Muito obrigada.” A repórter despediu-se de dona Isaura e voltou-se para a câmera. “Nossa equipe entrou em contato com a Corporação Jean-Lucc, que não quis gravar entrevista. Em nota, os advogados da empresa declararam que o reajuste de verbas foi necessário para manter a estabilidade da empresa, que já agrega bilhões de dólares em diversos investimentos. Infelizmente o Orfanato Aura parece ter os dias contados, mas aqueles que desejam ajudar podem ligar ao número que...”

Eu tirei o som da TV, incapaz de ouvir outra palavra.

Minha mente dava voltas com tantas informações. Não bastava ter me enganado, aquele desgraçado egoísta pretendia fechar um orfanato. O *meu* orfanato!

Nunca em meus piores pensamentos imaginei Jean-Lucc como um homem tão inescrupuloso. De alguma forma ele descobriu meu passado e resolveu atacar onde doía.

Quão longe ele pretendia ir pelo bebê na minha barriga? Lágrimas de medo e raiva desceram do meu rosto, imaginando o temor daquelas crianças em perder tudo o que conheciam, e tudo porque um canalha rico tinha os contatos certos e um desejo sádico por me atingir.

Bárbara retornou com uma xícara de chá em cada mão, mas eu levantei antes que ela me entregasse.

“Onde vai?” Perguntou ela, enquanto eu saltava por cima de crianças em direção à porta de entrada.

“Jean-Lucc quer me atacar atingindo o Orfanato Aura. Ele não sabe com quem está lidando.” Eu abri a porta e virei-me à Bárbara, jogando meus cachos loiros para trás. “Durma cedo hoje, Babi. Amanhã vamos cedinho ao Capilair.”

“Ahn? Para quê?” Ela eriçou o lábio, confusa.

“Para contra-atacar.”



Eu agitei meu sininho na calçada em frente ao Capilair.

“Doações! Façam sua doação ao Orfanato Aura! Ajudem as crianças órfãs!” Gritei, agitando minha caixinha de papelão. “Por favor, qualquer doação fará diferença!”

Ao meu lado, Bárbara, dona Henrica e as outras meninas repetiam os mesmos gritos, cada uma com sua caixinha de doação personalizada com desenhos de crianças, que eu e Bárbara havíamos montado naquela mesma manhã.

As caixinhas ficaram fofas e os sininhos chamavam o olhar dos vários pedestres, mas havia uma enorme distância entre atrair olhares e atrair dinheiro, porque a caixa de todas continuava quase vazia. A única caixa com dinheiro era a minha, a doação que as próprias meninas do salão haviam feito mais cedo.

Dona Henrica teve a bondade em fechar o salão durante o período de almoço para que todas nós arrecadásemos doações, mas a ausência de almas caridosas esgotava rápido sua generosidade. Ela balançou seu sininho quase na cara de um último pedestre e chegou a mim.

“Talita, meu bem, esse orfanato é tão importante assim? Minhas varizes doem.” Disse ela.

Eu suspirei e passei o braço na testa suada. Se eu mesma suplicava por um ar-condicionado naquele calor infernal, nem podia imaginar o cansaço das outras. Aquelas cabeleireiras podiam ser umas vacas a maior parte do tempo, mas derretiam no soláço do meio-dia tentando me ajudar.

Mas de que adiantava? Aquela ideia era totalmente inútil.

“Desculpa, gente. Vamos voltar pra dentro.” Eu puxei a caixinha até arrebentar o barbante no meu pescoço. “Já anotei a contribuição de cada uma, vou devolver cada centavo.”

“Nem pensa nisso, flor.” Dona Laura voltou para dentro do salão comigo e com as outras. “Você disse que cada centavo é importante, não disse? Aquela tal de Isaura vai apreciar seu esforço.”

“Hoje mesmo podemos levar as doações para ela.” Disse Bárbara. “Podemos usar o meu carro.”

Eu concordei com a cabeça, me sentindo a pior das incompetentes. No fim, Jean-Lucc era o bilionário poderoso e eu uma simples manicure. Ele podia me atropelar como um trem quando bem entendesse e já estava fazendo isso.

“Beba água minha querida, vai acabar desidratando nesse calorão.” Dona Henrica me trouxe um copo e me fez sentar. “Você não pode proteger um bando de crianças estranhas, mas deve proteger a sua.”

“Dona Henrica, isso não foi muito gentil.” Bárbara a repreendeu.

“Não, a dona Henrica está certa. O bebê deveria ser a minha prioridade e ao invés de pensar nele eu fico tentando me vingar daquele idiota e conseguindo apenas me envergonhar.”

Lágrimas empoçaram nos meus olhos, mas Bárbara me abraçou antes que eu começasse a chorar.

“Seu coração está no lugar certo, Talita. Você se preocupa com o orfanato e os órfãos, e quer apenas impedir que Jean-Lucc roube seu bebê. Não sinta vergonha em lutar por ele.”

“Obrigada, Bárbara.” Eu guardei o dinheiro na bolsa e joguei aquelas caixinhas estúpidas no lixo. “Obrigada a todas vocês.”

“Vamos manter uma caixa no balcão, nossas clientes talvez se solidarizem.” Dona Henrica ajeitou sua caixinha ao lado da agenda de horários. “Agora voltem aos seus lugares, que eu preciso ao menos pagar o aluguel dessa maldita espelunca.”

Nós concordamos e eu sentei na minha mesinha de manicure, ao lado da Bárbara. Todas nós balançávamos nossos decotes, ofegantes com o calor do lado de fora.

As primeiras clientes da tarde apareceram e a rotina do salão seguiu como de costume. Unhas vermelhas, unhas brancas, unhas com estampa de florzinha... nunca foi tão agradável ter um emprego tedioso e repetitivo, porque eu já estava exausta de reviravoltas e surpresas.

Mas o tilintar de um sino de vento mostrou que não, eu nunca me livraria das surpresas. Especialmente das surpresas desagradáveis.

Janluque atravessou o salão ate a minha mesa e todas nós emudecemos por completo. Ombros baixos, mãos nos bolsos e olhos de cachorro faminto... aquele psicopata planejava até sua postura em seus joguinhos de manipulação.

“O que você quer?” Perguntei quando ele parou diante de mim.

“Você não atendeu o celular.” Disse ele.

“Fiz melhor que isso, bloqueei seu número após a...” Eu verifiquei o histórico de chamadas. “...décima sexta ligação.”

“Escuta, nós podemos conversar?” Ele sussurrou como se trocássemos um segredo. “Em algum lugar mais privado?”

“Tipo algum cinema, ou outro lugar igualmente escuro? O que vou assinar desta vez, uma autorização para me enviarem à África após o parto?”

“Aquilo foi um mal entendido, Talita. Me deixe explicar, eu não quis nada daquilo.”

“Ah, é? Porque sua assinatura estava bem legível, ao lado da minha.” Eu girei meu frasco de acetona como se fosse um copo de whisky, e nossa, eu realmente queria que fosse. “Engraçado que eu pesquisei sobre este Sindicato de Cinema, e calcule a minha surpresa quando descobri que não existe.”

“Talita, eu...”

“Por favor se retire.” Eu o encarei com seriedade. “Você não é bem-vindo aqui, seu ladrão de bebês e torturador de crianças órfãs.”

“O que? Isso é alguma brincadeira? Nunca causei nenhum mal a você, nem muito menos...”

Janluque emudeceu ao notar que estava cercado. Todas as meninas pararam ao seu entorno e cruzaram os braços, com o olhar fino de completa desaprovação. Dona Henrica parecia especialmente assustadora, com seu corpo enorme e vista afiada. Uma autêntica mafiosa protegendo seu clã.

“Senhor Jean-Lucc, devo solicitar que o senhor se retire do meu estabelecimento.” Disse ela.

Jean-Lucc gaguejou alguma coisa, mas até mesmo um ricaço esnobe sabia compreender a própria derrota. Com o olhar magoado e os lábios trêmulos ele ajustou a gravata e deu meia volta.

“Que seja. Procure-me quando desejar resolver tudo.” Disse ele.

“Espere sentado.” Devolvi, com minha voz mais seca.

Janluque deixou o salão, e o tilintar do sino-de-vento trouxe consigo outra crise de choro,

que eu simplesmente não consegui conter.

Por que vê-lo partir me machucava tanto?



Capítulo 18

Jean-Lucc

Eu puxei outro lenço e sequei o rosto. Um gesto completamente inútil porque logo desabei a chorar novamente, com o rosto enterrado no meu travesseiro.

Aquilo era tão embaraçoso. Para um Jean-Lucc uma única lágrima já seria motivo de divórcio, então tudo naquela cena era ridículo.

Um Jean-Lucc não chorava. Um Jean-Lucc não chorava *por uma mulher*.

E ainda assim a dor era insuportável. Eu tive Talita nas minhas mãos, e não de forma calculada e previsível, mas sim porque ela apreciou minha companhia, desejou meu toque, entregou seu corpo. Eu possuí Talita da mesma forma que ela me possuiu, inundando minha mente e meu coração em sensações novas, que eu não acreditava existirem dentro de mim. Sensações intensas e quentes que eu já desejava vivenciar para sempre.

E então eu perdi tudo.

Comecei a chorar de novo então alguém bateu na porta do quarto, me fazendo secar o rosto bem rápido.

“Um momento.” Eu corri até a penteadeira e procurei alguma pomada ou base que escondesse o vermelho no meu rosto, mas a maioria daquelas coisas era de uso das minhas acompanhantes, eu não reconhecia nenhum nome ou utilidade naquelas muitas maquiagens.

A pessoa abriu a porta mesmo assim, me fazendo bufar em frustração. Era apenas o George, mas ele precisava aprender sobre privacidade e obediência. Que tipo de mordomo invadia o quarto do chefe quando ele estava de pijamas?

“Alguma emergência?” Perguntei, deixando óbvio meu tom de incômodo.

George fechou a porta atrás de si e sentou-se ao pé da minha cama, mantendo a postura ereta e comportada de um mordomo profissional.

“Eu recomendei que não retornasse àquele salão, patrão Charles. Esquecer aquela garota será o melhor para os seus sentimentos.”

“Sentimentos? Que sentimentos, George? Talita foi uma diversão de fim de semana e aquele bebê um método de proteger meus negócios. Um empresário não precisa de

sentimentos.” Eu balancei os ombros, fingindo desprezo.

George arqueou uma sobrancelha para mim e não precisou dizer nada. Era óbvio pelo meu olhar inchado que minhas palavras não diziam verdade alguma.

“É lamentável que tenha sido destrutado, patrão. Um homem como o senhor não merece sofrer atitudes desclassificadas.” Disse ele, com a voz calma e fria. “Não permita que a manicure o distraia de suas prioridades. Esqueça a existência dela e foque em obter o bebê. Aquela pirralha intrometida estará mais cautelosa, mas não pode competir com sua inteligência. Nosso próximo plano será à prova de erros.”

“Pirralha intrometida?” Eu franzi a testa, mas tanta tristeza havia esgotado meus neurônios. “Esqueça o bebê, George. Talita nunca dividirá a guarda e ela tem esse direito. Vou apenas demitir aqueles advogados, e os investidores indignados que se danem. Não preciso de herdeiro algum.”

Eu dei as costas ao George e analisei meu rosto no espelho da penteadeira. Droga, eu estava uma bagunça, meu cabelo todo espetado e os olhos vermelhos e doloridos. Eu já esperava lidar com a raiva de Talita, mas suas acusações ainda me confundiam. Eu planejei roubar seu bebê, ok, mas torturador de crianças órfãs? De onde ela havia tirado algo assim?

Uma mão apertou meu ombro. Eu me virei para encontrar o olhar preocupado de George, um pouco próximo demais do meu.

“Ninguém tem o direito de fazê-lo sofrer de tal forma, patrão Charles.” Ele logo notou sua proximidade exagerada e afastou-se um passo, sem desviar nossos olhares. “Entendo a importância daquele orfanato para o senhor. Nós crescemos juntos naquela casa, brincamos nas colinas e exploramos as florestas, apenas nós dois. Também não quero esquecer, mas o tempo avança. As crianças encontrarão um novo lar, mas você, Charles? Não lembra o sofrimento que a pobreza lhe causava?”

Eu balancei a cabeça, odiando os rumos daquela conversa.

George não teve misericórdia e continuou falando.

“Você chorava sem conseguir dormir naqueles colchões duros demais, não conseguia comer os almoços enlatados, que às vezes eram fervidos e servidos novamente durante dias, odiava compartilhar os brinquedos com dezenas de crianças, sem nada para chamar de seu. Você talvez não lembre, mas eu lembro, patrão. Eu fiz o impossível pelo fim do seu sofrimento, mesmo quando eu era um simples adolescente. Se demitir seus advogados agora o senhor perderá tudo novamente. Talvez para sempre.”

Eu suspirei, deslizando a mão pelos meus cabelos bagunçados. George tinha razão. Se eu

arriscasse e perdesse tudo, não poderia continuar financiando o orfanato. As crianças seriam expulsas de um jeito ou de outro.

“Conversarei com Talita novamente. Se conseguirmos resolver este mal entendido ela talvez ela compartilhe a guarda do bebê.”

“*Talvez* não é bom o suficiente.” George bateu palmas no ar, o sinal de chamar a empregada. “O patrão teve um dia longo e cansativo, deve descansar por hoje.”

“Descansar? Estamos no meio da semana, Gegê. Minha agenda está lotada de reuniões que...”

George tirou um caderninho do bolso e balançou no ar. Minha agenda de compromissos! Quando ele pegou?

“O patrão me perdoe, mas já tomei a liberdade de adiar ou cancelar seus compromissos da tarde. Como seu mordomo, garantir seu bem-estar é minha máxima prioridade, e hoje o patrão necessita de repouso.”

A porta abriu novamente e dona Francisca entrou toda sorridente, carregando uma bandeja com biscoitos, canapés, chá e sobremesas.

“Patrãozinho Charles, como está o senhor?” Ela deixou a bandeja na cômoda e pôs a mão na minha testa, preocupada. “Ai, adoeceu mesmo! Vê no que dá pular refeições desse jeito?”

“Não adoeci, dona Francisca, estou apenas...” Eu suspirei e sentei na cama. “Agradeço pelo lanche reforçado, foi muito atencioso da sua parte.”

“Imagina, patrão. Eu já estava de saída, aí estranhei os telefonemas do George e já entendi tudo, ele só se preocupa assim quando o patrão cai de cama.”

Telefonemas? Eu virei o rosto na direção do George, mas ele já havia sumido.

Dona Francisca inclinou o bule em uma xícara, servindo um chá aromático de camomila.

“O patrão precisa de alguma coisa? Remédios, termômetro? George deve ter ligado para uns dez médicos, mas se eu puder fazer algo...”

“Dona Francisca, seu turno já terminou há meia hora. Está dispensada por hoje.” Falei.

Minha empregada sorriu e se despediu de mim. Ela fechou a porta e eu enfim pude relaxar.

Por que nos momentos em que mais precisamos de solidão as pessoas resolvem agir ao contrário? Meus empregados eram parte da família, mas eu preferia não ser visto de pijamas,

despenteado e com a cara inchada. Eu realmente parecia um doente.

Eu provei os canapés e algumas torradas, e também bebi o chá quentinho. Doente ou não, o lanchinho de dona Francisca logo recuperou minha vitalidade, ou pelo menos reduziu minha vontade de chorar.

Recuperado daquele drama inaceitável, eu descansei a xícara no pires e refleti sobre aquele dia. Talita me acusando de absurdos, George agindo estranho comigo... Proprietários de mega-corporações precisavam de astúcia para manter-se no topo, e meus instintos apontavam algo muito errado naquele cenário, como um quebra-cabeça onde nenhuma peça encaixava entre si.

O melhor a fazer era consertar tudo em etapas. A primeira parte, e a mais importante, era me acertar com Talita. Nosso relacionamento, se é que havia um, podia estar arruinado, mas eu esperava ao menos recuperar sua boa vontade a ponto de dividirmos os direitos sobre o bebê. George surtaria se me ouvisse falando isso, mas a verdade é que Talita não representava ameaça alguma. Dividir a guarda do nosso filho seria o bastante para acalmar os investidores e salvar o orfanato.

Antes, claro, era preciso que Talita não me desejasse morto. Eu ainda queria me bater por ter derrubado o documento em sua casa, mas era o que eu merecia por seguir os planos do George. Mesmo que ela acreditasse que havia sido eu a rasgar o papel, isso não diminuiria a minha culpa. Eu tentei enganá-la e não acobertaria uma mentira com outra.

Resolvendo o problema com Talita, eu conversaria com George para compreender qual era o problema dele. Talvez ele precisasse de férias. Tanto trabalho devia estar bagunçando a cabeça dele, e a coisa só piorou quando mencionei Talita.

Este último pensamento me causou um estalo. George já estava esquisito antes, mas quando mencionei o nome da manicure as coisas realmente mudaram. Ele mantinha-se mais perto, conversava comigo nas menores oportunidades, tencionava e sumia de repente e parecia mais nervoso que o normal. Sem falar que nunca chamava Talita pelo nome, era sempre *menina irritante* ou *pirralha intrometida*, como se Talita fosse uma criança e não uma mulher de trinta anos.

Eu apertei as têmporas, sentindo a cabeça doer como se meus pensamentos ecoassem um dentro do outro. *Pirralha intrometida*... não era a primeira vez que George chamava alguém assim. Havia alguém, uma menininha loira... mas eram memórias antigas demais, eu não conseguia lembrar.

Não adiantava eu gastar os neurônios. No orfanato conheci tantas crianças que seria inútil lembrar-me de uma em específico. Minhas únicas lembranças claras eram do George, sempre

me puxando para longe dos outros órfãos para brincarmos juntos na floresta, ou para colher maçãs nas árvores, coisas assim. E ainda assim eu apenas mantinha lembranças dele porque ainda convivíamos juntos. O trauma do acidente de carro sublimou boa parte das minhas memórias.

Os únicos detalhes que me perseguiam eram a miséria e a bondade da dona Isaura. Quando deixei o orfanato eu jurei que pagaria toda a minha gratidão, e por essa promessa eu seria capaz de tudo. Menos trair a confiança da minha querida manicure.



Capítulo 19

Talita

Ai de quem tentasse falar comigo, porque eu arrancaria a cabeça e jogaria no rio mais próximo. E isso se estendia às clientes, tanto que Bárbara assumiu todo o serviço daquela tarde. Seria difícil me manter no emprego se eu cometesse assassinato.

É só que eu estava tão puta. Tão totalmente irreconhecivelmente puta.

Depois de desmascarar Janluque, parte de mim acreditou que eu nunca mais o veria. Eu não estava preparada. E ainda assim, na tarde anterior, aquele imbecil tomou a liberdade de invadir o salão e destruir o pouco que restava do meu equilíbrio mental.

Meus pensamentos davam voltas e voltas, sem que eu conseguisse colocar sentido nas atitudes de Janluque. Ele insistiu tanto em sair comigo apenas porque queria uma mulher loira na sobremesa do jantar, e ainda assim me forneceu uma noite encantadora e mágica, tão incrível que não podia ter sido mera armação, pelo menos não completamente. Bárbara insistiu que eu não me iludisse, homens canalhas como Janluque simplesmente existiam, mas meus instintos apontavam o contrário.

Algo não se encaixava. Janluque nunca quis que eu fosse sua barriga de aluguel, aliás, nas circunstâncias certas isso seria impossível, a legislação não permite que mulheres sem filhos aluguem seu ventre. Ele pretendia ter um bebê pelos meios certos, então suas mentiras comigo não foram simples joguinhos... foram uma medida desesperada.

Que tipo de desespero um bilionário poderia enfrentar? Janluque poderia ter tudo, inclusive um novo filho exclusivamente dele, através de outra barriga de aluguel. Entretanto ele precisava do *meu* filho. Mas por quê?

Ah, a cada minuto que passava, mais eu me arrependia em não tê-lo ouvido. Mas isso não mudava suas táticas ardilosas, ele realmente pretendia fechar um orfanato apenas para me pressionar. E a julgar pelo resultado medíocre da minha campanha de doação, Janluque poderia fechar o Orfanato Aura e todos os outros orfanatos do país com a tranquilidade de quem joga um saco no lixo.

“Esquece, Talita. Podemos pensar em outra alternativa.” Disse Bárbara, enquanto terminava a unha de uma cliente. Percebendo minha confusão, ela apontou com o nariz para a caixinha rosa no balcão. “Você não tira o olhar daquela caixa desde que chegamos.”

“Eu sei, é apenas tão frustrante. Bilionários como Janluque limpam a bunda com notas de cem reais, enquanto isso eu não consigo trinta dólares para auxiliar crianças carentes.”

“Mas você faz unhas maravilhosas.” Bárbara provocou sorrindo, e uma rosnada minha a encolheu no lugar. “Desculpa, só estou tentando te animar.”

A cliente se despediu e dona Henrica chegou na gente com sua expressão de velha que sabe tudo.

“A única coisa que pode animar essa moça é sexo!” Ela pigarreou. “Há quanto tempo está na seca, Talita? Desde o encontro com o bunda-mole de terno?”

“Ahm, sim, e isso faz menos de uma semana?” Respondi, indignada com aquele atrevimento.

“Exatamente! Precisa trepar com outro cara o quanto antes. É tipo um exorcismo, vai te ajudar a esquecer ele e seguir adiante.” Disse dona Henrica.

Eu revirei os olhos, frustrada e furiosa demais para discutir minha vida sexual com aquele bando de metidas.

Percebendo minha raiva, dona Henrica começou a rir e deu um tapinha no meu ombro.

“Estou brincando, Talita, meu bem. Aliás, o que eu disse é verdade, mas você precisa mesmo é de sorvete e novela. Eu lhe dei férias curtas demais, vá pra casa e aproveite a semana.”

“Eu agradeço, mas trabalhar mantém minha cabeça ocupada.” Eu peguei meu celular, soltando um longo suspiro. “Mas os episódios novos de *Sob a Luz do Teu Olhar* saíram ontem, então vou aceitar parte da sua gentileza.”

“O que precisar para se sentir melhor.” Dona Henrica retornou ao balcão, bem a tempo de outra cliente entrar.

Acabei criando trauma daquele maldito sino de vento. Mas novamente não era Janluque, embora fosse outra pessoa conhecida. A loirinha barriga de aluguel que começou aquela desgraça toda.

A barriga da Jéssica havia crescido um monte desde nosso último encontro. Ainda não era uma melancia capaz de explodir a qualquer momento, mas ela já havia trocado o vestido de alta-costura por um vestidão de poliéster enorme, com elásticos e uma estampa tão colorida que lembrava minhas calcinhas.

Jéssica pagou algum serviço com dona Henrica, que certamente não era cabelo, porque

aquela cabeleira platinada esbanjava perfeição e requinte. Então ela chegou correndo em mim e me abraçou de lado, sorrindo super empolgada.

“Talita! Você ainda trabalha aqui, que surpresa mais boa!”

Eu forcei um sorriso. Jéssica era o tipo de mulher tão radiante e alegre que era impossível se enraivecera com ela, até porque minha inseminação acidental não foi culpa dela. Sua alegria não demorou a dissolver minha raiva.

“Jéssica, há quanto tempo.” Eu fiz sinal para que ela sentasse comigo. “Sente-se. Veio fazer as unhas?”

“Ah, se não for incômodo.” Ela desmanchou o sorriso, desconfortável. “Sinto muito pelo que ocorreu na clínica. Fiquei envergonhada por tanto tempo, mas queria ver como você está.”

“Aquele diretor irresponsável, o que aconteceu com ele?” Perguntou Bárbara.

“Ah, vocês nem sabem. Diretor Ignácio pediu demissão, mas ainda assim sofreu um processo criminal. Ele pagou fiança e sumiu do país, com medo de ser preso. Agora estamos sob nova direção.” Jéssica sorriu e desceu as mãos apontando para si mesma.

“Você?” Eu sorri a ela. “Parabéns, Jéssica. Você parece mesmo competente demais para ser secretária.”

“Pois é, meus pais diziam a mesma coisa. *Você merece emprego melhor, Jéssica. Alguém com dois doutorados atendendo telefonemas e alugando a barriga é inaceitável.*” Ela torceu a boca de forma cômica, fazendo voz de homem velho.

“Dois doutorados...” Bárbara arregalou os olhos em espanto, e eu mesma mal contive o choque. Jéssica era o tipo de loirinha eufórica e enérgica que parecia completamente oca dos ombros para cima.

“Parabéns, Jéssica. Alguém tão nova como diretora de clínica... isso é incrível.” Falei, já começando a limpar seu esmalte gasto.

“Obrigada! Também estou super feliz, então espero que não desistam dos nossos serviços.” Ela piscou pra gente, como um poço de alegria infinita. “Sob o meu reinado aquela clínica nunca mais cometerá enganos.”

“Acho que chega de doações de óvulos pra mim.” Eu dei risada e abri o esmalte que Jéssica havia escolhido.

Enquanto eu fazia as unhas dela, nós três conversamos e rimos animadamente. Jéssica

teve a gentileza de não comentar sobre Janluque ou a gravidez, e eu era muito grata por isso. Mesmo que eu já tivesse aceitado a gestação, ainda era um assunto muito novo e assustador para uma conversa casual. Sem contar que ao falar do bebê inevitavelmente falaríamos do pai dele.

Quando terminei de pintar eu passei o spray secante. As unhas de Jéssica eram lindas como ela, bastante compridas e bem cuidadas, sempre em cores luminosas. Naquela tarde o azul-piscina foi substituído por rosa-chiclete, e pelo olhar da Jéssica ela adorou o resultado.

“Ah, meu namorado vai pirar nessas unhas. Rawr!” Jéssica deslizou as unhas no ar como um gato arranhando a mobília. “Obrigada, Talita. Vocês duas são excelentes... ei, o que é aquilo no balcão?”

Eu já me ocupava em guardar os alicates, então subi o olhar para responder a Jéssica.

“Ah, é só uma caixa de doações.” Eu suspirei. “O orfanato onde eu cresci vai fechar por falta de dinheiro, estamos tentando impedir de algum jeito.”

“Nossa, que espécie de desalmado arranca dinheiro de um orfanato?” Jéssica fez um biquinho indignado e tentou meter a mão na bolsa. Quando viu que não conseguiria sem estragar as unhas, ela voltou para a minha mesa e agitou a bolsinha de cabeça pra baixo.

Um monte de tranqueiras caiu na minha mesa. Eu imaginava uma bolsa impecável com cheiro de rosas, vindo de alguém como Jéssica, mas haviam clipes, borrachas, papel de bombom, guardanapos... e muitas, muitas notas de cem dólares.

“Que é isso, Jéssica?” Eu catei aquela chuva de dinheiro e organizei em um maço alto, a fim de devolver para ela.

Jéssica levantou a mão em recusa e sorriu para mim casualmente.

“Diretora de clínica ganha dinheiro demais, nem sei o que fazer disso tudo.” Ela deu de ombros. “Além do mais, meu namorado é rico e adora pensar que me sustenta, não vou estragar a diversão dele.”

Eu movi a boca, mas o choque travou minhas palavras por um longo tempo. Era tanto dinheiro que minha mão mal fechava em torno do maço. Como cabia tanto em uma bolsa tão pequena?

“Não posso aceitar, Jéssica. É muita coisa.” Falei.

“Considere um presente, ou um pedido de desculpas, não sei.” Ela abriu um enorme sorriso inocente e meigo. “Se eu tivesse crescido em um orfanato, também odiaria vê-lo fechar. Espero que seja o suficiente.”

“Deve ser. Eu agradeço muito.” Falei, à beira de lágrimas.

“Somos amigas, Talita. Se precisar de mais alguma coisa, pode contar comigo.” Jéssica verificou a hora em seu escandaloso relógio rosa-pink. “Ah, preciso ir. Estou atrasada pra minha sessão de aromaterapia. Tchau, tchau!”

Nós nos despedimos de Jéssica então ficamos em silêncio, todas no salão olhando abismadas a montanha de dinheiro em minhas mãos.

Eu abracei aquele maço e comecei a rir sozinha. Meus esforços não foram inúteis, afinal.

“Bárbara...” Falei, e ela me interrompeu.

“Já entendi.” Ela me entregou as chaves do carro dela. “Manda um oi pra dona Isaura por mim, ela parece ser uma velhinha legal.”

Eu avistei o relógio de parede, e para meu grande alívio já era hora de ir. Eu não perderia tempo se fosse para ajudar meu orfanato.



Assim que mudei de pista e peguei a rodovia estadual, meu coração acelerou. Há anos eu não deixava a cidade, e mesmo que o Orfanato Aura ficasse a poucas horas de distância, em meio a uma reserva florestal, era impossível não me sentir nervosa. Pela primeira vez desde os meus dezoito anos eu voltaria ao lar que precisei deixar. Uma fase da minha vida que eu jurei deixar para trás, e ainda assim não desgostava a ponto de querer sua destruição.

As boas lembranças no Aura aqueciam meu coração, mas eram tão raras. Dona Isaura fazia o possível para animar nossos dias, servindo pão em pratos coloridos, e recortando cenouras no formato de bichinhos, tudo para nos distrair do fato que, novamente, nosso almoço seria pão e meia cenoura.

Nunca tive nada para chamar de meu, o pouco que eu ganhava dos visitantes era roubado pelas outras crianças. E a pior parte eram os visitantes em si. Dezenas de possíveis pais, com suas roupas caras e sorrisos nervosos. A maioria adorava conversar comigo e alimentar minhas esperanças, e então eles partiam com um bebê. Eles sempre escolhiam os bebês.

Quando me tornei adolescente finalmente abandonei qualquer expectativa, mas quando era pequena cada decepção era uma facada no peito. Eu deitava sob os pinheiros e chorava, até aquele menino aparecer e me consolar. Depois a gente brincava e conversava e...

Espera, minhas memórias distantes sempre bagunçavam nessa parte, mas dessa vez lembrei um pouco mais. Eu não lembrava o rosto ou o nome do menino, mas havia mais alguém. Um menino mais velho que não era um dos órfãos, embora também morasse no orfanato. Seus olhos castanhos eram como gelo ao olhar para mim.

Ah, era o filho da dona Isaura. Jordan, ou Gian, ou Jaime... eu não lembrava o nome, mas ele sempre convencia o meu amigo a acompanhá-lo e me deixava sozinha. Por isso eu não me lembrava do menino que eu gostava, nós passamos pouquíssimo tempo juntos.

Por que eu estava me lembrando disso, naquele momento?

As memórias voltavam amargas e perturbadoras, me desconcentrando da estrada. Como pude me esquecer do outro menino por tanto tempo? Quando eu me encontrasse com a dona Isaura eu perguntaria sobre seu filho e certamente teria muitas respostas.

E se eu encontrasse o filho dela, também encontraria o menino por quem eu me apaixonei na infância. Uma paixão abandonada, mas nunca esquecida.

Animada e esperançosa, eu peguei a rua secundária que atravessava a reserva florestal. Era um trequinho estreito de terra batida, cercado pela densa floresta de pinheiros da periferia nova-iorquina. Tudo parecia tão igual ao passado, daquele ponto em diante. Era como uma viagem no tempo.

Perdida em meus pensamentos, notei tarde demais um carro preto atravessado na pista.

Eu enterrei o pé no freio e puxei o freio-de-mão. As rodas derraparam e ergueram uma montanha de poeira. Apesar de eu estar de cinto e andando devagar, o airbag do volante inflou contra o meu peito.

Ah, trocar airbags custava uma fortuna, a Bárbara iria me matar. Quem era o idiota que resolveu estacionar no meio da pista?

Eu desci do carro e abanei a mão, tossindo para a poeira ainda alta. Mesmo através da névoa marrom estranhei o formato daquele carro. Era muito comprido e elegante. Uma limusine?

Passos ecoaram no chão de terra. A poeira enfim baixou o suficiente e eu me virei rápido para o lado, com o coração zunindo no peito.

Pela sombra nos vidros escurecidos avistei um homem de chapéu dentro do carro, e também um homem sombrio que se aproximava de mim, ajeitando as luvas de seu uniforme de mordomo. Seus olhos castanhos me fitavam com frieza, duas pedras de gelo que me pareciam muito familiares.

Ele enfim parou diante de mim. Um sorrisinho escapou no canto de seus lábios.

“Enfim nos reencontramos, Talita Borges.”



Capítulo 20

Talita

Duas mãos agarraram meu braço direito e duas o meu braço esquerdo. Meus sapatos arrastaram pelo chão de terra e depois pelos gravetos entre as árvores. Tudo estava escuro e eu tremia, assustada e sem ideia de para onde estavam me carregando.

O rangido de uma porta ecoou em meio ao som dos passarinhos. Fui carregada para dentro e forçaram meus ombros para baixo até eu sentar em uma cadeira.

“Hnng, hungg!” Eu grunhi, tentando perguntar onde eu estava, mas a mordaca na minha boca não permitia.

A porta rangeu de novo e fechou. Alguém arrancou a venda dos meus olhos e a mordaca.

Eu arregalei os olhos para o alto encarando o mordomo de olhos frios.

“Você é o George, filho da dona Isaura.” Eu tentei levantar, mas por trás de mim a segunda pessoa agarrou meus antebraços e os amarrou, prendendo-os ao encosto da cadeira de forma que minhas mãos continuassem livres. “Por que está fazendo isso?”

George deixou escapar uma risada, como se a resposta fosse óbvia. Bem, não era óbvia pra mim. Eu não via George desde os tempos do orfanato. Ele sumiu pouco depois do meu amigo ser adotado, aparecia apenas às vezes para visitar a mãe, mas nós nunca conversamos.

As intenções do outro cara eram um mistério ainda maior, porque quando ele surgiu diante de mim para sussurrar algo ao George, eu tive certeza que já o havia visto. Um cara de meia idade com sobretudo, chapéu escuro, botas pretas e um olhar sombrio e cadavérico impossíveis de esquecer. Era o cara dos ingressos no cinema.

George não parecia disposto a me responder, então olhei os arredores. Era uma espécie de galpão pequeno. Pela limpeza e cheiro de madeira nova, era um lugar recém construído e a quantidade de ferramentas e caixas dava a entender que era um depósito. O calorão do telhado de zinco fazia verter suor pelo meu rosto.

Por que raios eu estava ali? Não havia sido uma caminhada longa. Depois que George e o outro cara me agarraram e vendaram, andamos por menos de dez minutos até chegar ali. Não podia ser tão longe do orfanato ou da estrada.

George acompanhou o outro homem para fora do depósito a passos suaves e discretos, o

que confirmava que não estávamos tão longe de um possível resgate.

“Socorro! Alguém me ajude!! Socorro!!!” Eu gritei.

George se apressou até mim e em segundos me amordaçou novamente.

“Ah, Talita, como sempre a pirralha metida não reconhece sua própria posição no mundo.” Ele fechou a porta, sozinho comigo no galpão meio escuro. Ele tirou as luvas e jogou no chão. “Lamentável nos reencontrarmos novamente. As coisas poderiam ter sido diferentes. Tão, tão diferentes.”

“Hggg gnnng!” Eu me debati na cadeira, tentando soltar os braços. Arrepios de pavor estremeciam meu corpo e molhavam os meus olhos.

George não parecia nada abalado. Ele mantinha a expressão calma e quase entediada, como se sequestrar mulheres fosse um típico inconveniente em seu cotidiano. Ele puxou uma cadeira e sentou diante de mim.

“Uma pena precisar amordaçá-la, também. Apesar de nossos... interesses conflitantes... eu gostaria de ouvir o que tem a dizer. Mas suponho que estamos aqui apenas pelas negociações.” Ele disse.

Negociações? Do que ele estava falando? Eu nem conhecia George direito, ele era apenas mais um entre dúzias de crianças do orfanato. Eu não sabia para onde ele havia sumido e nem o que fazia da vida, porque simplesmente não me importava. Mas pelo visto eu era a única a sentir indiferença.

Uma lágrima escorreu até molhar a mordaca em minha boca. O que iria acontecer comigo? Eu passei as mãos no meu colo procurando a minha bolsa, mas óbvio que eles não a trariam junto. Eu não podia ligar para ninguém, e ninguém me procuraria. Barbara pensaria apenas que escolhi pernoitar no orfanato.

Eu mordi o pano na minha boca tentando arreventá-lo e dessa vez George riu.

“Você deve estar se perguntando *O que eu fiz? Por que estou aqui?* Porque bem, convenhamos pequena Talita, astúcia nunca foi o seu ponto forte.” Ele verificou as próprias unhas casualmente, sem a menor pressa. “A verdade é que reencontrá-la me desagrada tanto quanto a você, mas foi inevitável. Você teve sua chance de fazer o certo, e meu patrão teve a chance de resolver de seu próprio jeito, mas como sempre tudo caiu nas minhas costas. Não estou reclamando, longe disso. Será um prazer enorme resolver nosso impasse de uma vez por todas.”

“*Imphache?*” Perguntei através da mordaca.

“Patrão Charles já tem tudo o que precisa para ser feliz, eu me garanti quanto a isso. Não será uma manicure burra que destruirá tudo o que ele construiu, ou o orfanato que ele tanto ama!” George levantou a voz, avermelhando de raiva.

Eu franzi a testa, tentando processar tantas informações. Charles... Charles Jean-Lucc? O ricoço mimado que pretendia me sabotar? Como assim, salvar o orfanato?

George revirou os olhos e chegou perto de mim, causando outro arrepio de medo. Ele passou as mãos atrás da minha cabeça.

“Se gritar, não serei generoso novamente.” Ele desatou a mordança e eu arfei alto, um tanto sufocada. “Meu associado vai demorar com os documentos, sua tolice poderá me entreter até lá.”

“Você conhece o Janlu... digo, o Charles?” Perguntei, e no mesmo instante algo clicou dentro de mim.

Lembranças nubladas tornaram-se nítidas, e um vago sorriso infantil tornou-se um rosto que eu reconhecia bem, apesar da passagem dos anos.

Charles. Charles Jean-Lucc era o meu amiguinho do orfanato. O primeiro grande amor da minha vida.

Divertindo-se com o espanto no meu rosto, George riu e começou a aplaudir.

“Você finalmente percebeu. Devo dizer, no começo tive certeza que a reaproximação de vocês era algum plano seu, mas a vida tem dessas coincidências. Dois amigos de infância se reencontram anos depois, ele um bilionário perfeito, lindo e bem sucedido, ela uma simples manicure que não sabe a hora de desistir.”

Apesar do medo, eu sorria. Então Janluque era o menino... Eu gostava dele, e ele também gostava de mim. Não me surpreendia Janluque também ter esquecido, porque fazia tanto tempo.

E então me lembrei das armações horríveis dele, e as lembranças doces amargaram como café.

“Foi Charles quem te enviou? Ele planejou isso tudo?” Perguntei.

“Eu poderia dizer que sim, mas neste momento o patrão está de cama, adoecido de tanto chorar por quem não vale a pena. Tudo o que ele queria, tudo o que ele *precisava*, era da guarda deste bebê que você roubou. O orfanato da mamãe não será salvo de outra forma.”

Quê? Qual a ligação entre ter a guarda de um bebê e salvar um orfanato? Eu não entendia

e precisava de explicações, mas essas explicações não viriam de um mordomo louco.

Eu precisava que Janluque me salvasse, mas mesmo que eu tivesse meu celular, o número dele permanecia bloqueado.

Alguém abriu a porta novamente. Era o mesmo cara de sobretudo e chapéu, dessa vez com uma maleta nas mãos. Ele fechou a porta e entregou a maleta ao George, que sorriu muito satisfeito.

“Obrigado, Hector. Que descuido o nosso esquecer esta preciosidade no carro. Capturar nossa donzela grávida nos deixou tão distraídos, mas não precisamos nos demorar mais.”

George acomodou-se diante de mim novamente e abriu a maleta, mantendo seu olhar no meu pela simples satisfação em perceber meu medo. Então ele removeu um papel e uma caneta e colocou ambos no meu colo.

Eu olhei para baixo e minhas pupilas tornaram-se um pontinho em meus olhos. Eu conhecia aquele documento. *Autorização de Desistência de Guarda*. Era o mesmo papel que Janluque me fez assinar.

“Meu estimado patrão possui uma inteligência incomparável, mas ele pode ser tão sentimental às vezes. Ele só precisava que você assinasse um destes, mas acabou por ceder às suas manipulações femininas. Um erro que não se repetirá desta vez.” Disse George, calmo e frio como sempre.

“Assine.” O segundo homem disse com gravidade e guardou as mãos nos bolsos, deixando aparecer o revólver em seu cinto.

Meu peito acelerou e eu senti revirar minha barriga, como se meu bebê sentisse meu desespero e se desesperasse comigo. Não fazia sentido, claro. Ele era apenas uma bolinha de células, mas era uma bolinha de células que fazia parte de mim e eu não desistiria dele de jeito nenhum.

Percebendo minha hesitação, George cruzou as pernas na cadeira da frente e descansou as mãos sobre os joelhos.

“Isto pode acontecer do jeito fácil ou do jeito difícil, pirralha mimada. E meu associado Hector adora o jeito difícil.”

“Você é louco, George. Pensa que Janluque aprovaria isso? Ele vai descobrir e ele vai te odiar!”

“Improvável, mas possível.” George deu de ombros, mas eu o notei estremecer por um breve instante. “Eventualmente patrão Charles testemunhará o resultado dos meus esforços.

Não se preocupe, farei os melhores cursos de maternidade e o filho de Charles terá uma educação exemplar. Uma educação que uma manicure pobretona jamais teria condições de fornecer.”

Eu comecei a rir de nervosismo, passando meu olhar de um ao outro como se a qualquer momento fosse entrar uma equipe de filmagem e revelar que era tudo uma pegadinha.

Mas não era uma pegadinha e meu bebê estava em perigo.

Tentando parecer corajosa, eu debati as pernas e derrubei o papel e a caneta no chão.

“Não sei por que Janluque precisa desse bebê, mas não vou assinar nada e o Orfanato Aura não será fechado. Eu mesma posso salvá-lo, então me deixem ir!”

George e Hector se entreolharam e começaram a rir. George enfiou a mão no avesso do paletó.

“Está falando disso?” Ele tirou um largo maço de dinheiro e percorreu o polegar nas cédulas, contando-as grosseiramente. Era a doação que eu entregaria à dona Isaura. “Quarenta e duas crianças em uma enorme pensão com diversos cuidadores. Quanto tempo acha que esta esmola duraria? Apenas uma mendiga simplória pensaria que isto faria qualquer diferença.”

Eu engoli amargo, completamente angustiada.

“Há quanto tempo Janluque te sustenta, seu completo louco? Dinheiro não é lixo. Mesmo que eu doasse dois dólares, ainda assim eu estaria fazendo diferença! Foi a própria dona Isaura, sua mãe, quem me ensinou a pensar assim!”

“Todos nós crescemos em situação muito difícil, mas alguns de nós souberam dar a volta por cima, enquanto que alguns outros...” George arqueou a sobrancelha para mim, sorrindo em deboche. “... alguns outros aprenderam a conviver com a pobreza.”

“Seu cretino...” Eu rosnei. “Janluque vai saber de tudo isso.”

“O nome dele é Charles Jean-Lucc, e ele é o único capaz de salvar o orfanato da mamãe.” George recuperou a seriedade, afinando seus olhos com tanta ameaça que eu empalideci. “Assine este documento. Agora.”

“Não!” Retruquei de imediato, incerta se estava sendo valente ou estúpida.

George e Hector se entreolharam novamente. George recolheu suas luvas do chão e levantou enquanto Hector lhe abria a porta.

“Que seja.” George abanou-se com as luvas, também começando a suar. “Algumas horas

de reflexão devem amaciar sua teimosia.”

“Vocês não podem me deixar aqui!” Gritei, e George realmente voltou.

“Como fui tolo, quase me esqueci disso.” Ele amarrou a mordaca na minha boca novamente. “Até a noite, querida Talita. Ou até amanhã, talvez? Faz tanto tempo que não janto com a mamãe, ela vai adorar minha companhia.”

Hector e George bateram a porta, e eu ouvi o tilintar de correntes e chaves no lado de fora.

Eu me debati e mastiguei a mordaca, tentando me soltar, mas era inútil. Eu estava presa e solitária em um galpão sem janelas, onde o teto metálico vertia o calor do sol poente e transformava o pequeno espaço em um verdadeiro forno.



Capítulo 21

Jean-Lucc

Após um dia e uma noite inteiros descansando, meu corpo enfim recuperou a vitalidade. Ou pelo menos eu não me sentia mais uma bola de lágrimas patética e inútil, o que era um bom começo.

Eu abri as cortinas e avistei o cor-de-rosa do alvorecer. Talvez fossem umas cinco ou seis da manhã, difícil dizer, mas mesmo àquela hora o calor me fez ligar o ar condicionado. O verão daquele ano castigava Nova York sem clemência.

Cansado de tanto repouso, decidi trabalhar em dobro naquele dia e recuperar todo o tempo perdido. Eu separei um terno, sapatos e gravata sobre a cama e fui para o banheiro da suíte, estranhando encontrar a banheira ainda cheia da água do meu último banho.

Estranho. Uma das muitas obsessões do George era manter a banheira sempre limpa e preparada para mim de acordo com meu horário de retorno. Talvez porque permaneci no quarto George não teve a oportunidade de limpar o banheiro, mas eu sentia que não era isso. George não era o tipo que aprendia a respeitar minha privacidade, ele trocava minha roupa de cama comigo ainda dormindo em cima se julgasse necessário.

Bem, talvez meu aborrecimento na tarde anterior tenha enfim ajuizado o meu mordomo. Por um lado eu agradecia o raro respeito ao meu espaço pessoal, por outro lado eu realmente queria tomar banho, e nem pensar que eu usaria a mesma água duas vezes.

Resignado, eu me despi e tomei banho no chuveiro, mesmo. A água morna escorreu pelo meu cabelo e aliviou meu rosto ainda aflorado pela tristeza.

Eu nunca mais me deixaria abater tanto. Talita nunca mais me olharia na cara e eu merecia isso, mas um Jean-Lucc nunca colocava os sentimentos acima dos negócios. Minha prioridade seria controlar o caos na empresa, que já devia estar um circo após minha ausência prolongada.

Após terminar o banho, eu vesti meu terno e chamei George para remover qualquer fiapo perdido, mas ele não respondeu. Será que ainda estava dormindo? Eu raramente acordava tão cedo, mas, pelo que ouvi, George começava o serviço às três ou quatro da manhã.

Eu fechei o nó da gravata, confirmei minha aparência impecável diante do espelho e desci as escadas para o café.

“George?” Eu chamei, olhando os arredores. Novamente ele não estava nos jardins. “Ei, George!”

Alguém apareceu da cozinha e eu senti um breve alívio, mas era a dona Francisca. Em suas mãos ela carregava uma larga bandeja de prata com café, pães e bolo.

“Caiu da cama, patrão Charles? É tão bom vê-lo disposto!” Ela sorriu e começou a ajeitar as coisas na mesa de jantar. “As torradas logo ficarão prontas e o senhor não venha com frescura! Precisa comer bem e se recuperar.”

Eu concordei e sentei à mesa para saborear meu desjejum. Estava sinceramente faminto, e dona Francisca havia caprichado.

“Quando George acordar, mande trocar a água da minha banheira.” Eu abocanhei um pedaço do bolo de laranja, que desmanchou macio e delicioso na minha boca.

“Pedirei a ele, quando encontrá-lo.” Dona Francisca riu, encabulada. “O George ainda não voltou.”

“Ele não dormiu nos aposentos dele?” Eu franzi a testa. “George nunca passou a noite fora.”

“Sempre estranhei o jeito do seu mordomo, tão obcecado com o serviço, mas alguma hora ele acordaria pra outras coisas.” Dona Francisca sorriu com safadeza. “Ele deve ter conhecido alguém interessante.”

Eu quase cuspi o meu café, desatando a rir. A idéia de George namorando era surreal, dona Francisca não exagerava em considerá-lo casado com seu emprego. Mas se fosse verdade, eram ótimas notícias. George precisava urgentemente aliviar a tensão.

“Em que mundo estamos vivendo. George com alguém e eu sozinho.” Falei, trocando risadas com dona Francisca. Então eu sequei a boca e levantei em busca da minha maleta. “Outro café delicioso, dona Francisca. Agora preciso ir, quero chegar cedo ao escritório.”

“Tenha um bom trabalho, patrão Charles!” Dona Francisca acenou enquanto recolhia a louça.

Eu agradei e saí com o meu carro, não deixando de reparar que a limusine não estava na garagem. George realmente queria arrasar em seu encontro secreto.



Eu segui para o trabalho batucando o volante. Meu corpo parecia recuperado, mas dirigir por aquela região fazia meu peito torcer de forma horrível. Era o bairro meio desclassificado onde Talita morava.

George certamente arrancaria minhas orelhas por isso, mas eu precisava dar só uma passadinha no apartamento dela. Àquela hora Talita devia estar se arrumando para o trabalho, era minha única chance de encontrá-la sozinha em casa, longe daquelas harpias sofríveis do salão.

Apenas cinco minutos. Se Talita não aceitasse ouvir minhas palavras então aí sim eu desistiria de verdade. Minha primeira desistência desde que ergui meu império, mas Talita merecia ser feliz como escolhesse, ela e o seu filho.

...Nosso filho, que legalmente pertencia apenas a ela.

Eu estacionei diante do prédio e subi o elevador, já preparando meu longo discurso sobre arrependimento, amor, e outras cafonices que ela adorava ouvir nos filmes. Mas apesar de bregas, meus sentimentos eram verdadeiros e eu faria tudo para que Talita compreendesse.

Nervoso mas determinado, eu desci do elevador e percebi outra pessoa na porta de Talita, tocando a campainha. Logo reconheci como a outra manicure.

“Meio cedo para visitas, não concorda?” Eu perguntei, ciente da ironia no meu comentário.

A moça me olhou surpresa e assim que me reconheceu afinou o olhar como uma cobra.

“O que você quer aqui?” Ela meteu a mão na bolsa. “Você já feriu a Talita o suficiente. Eu tenho spray de pimenta no meu chaveiro!”

Eu me protegi com as mãos automaticamente.

“Sem spray de pimenta, por favor. Eu errei e eu fui um idiota, mas eu quero me desculpar.”

“Quê? Os caras se desculparam sobre esquecer-se do aniversário ou sobre derramar cerveja no carpete. Você tentou roubar o filho dela, seu ricaço babaca! Não tem como perdoar algo assim!”

“Não sei por que Talita dá tanta importância ao Orfanato Aura, mas eu não quero destruí-lo, quero salvá-lo!”

A manicure — era Bárbara o nome dela? — afinou os olhos ainda mais, e num gesto brusco arrancou o chaveiro da bolsa e apontou um tubinho na minha cara.

“Sabe que eu até tinha esquecido do orfanato? Você é um completo cretino! A gente acompanhou na TV, são os advogados da sua empresa que vão fechar aquele lugar!”

Eu cobri meu rosto e me encolhi contra a parede. Aquela mulher era louca!

“Sem spray! Se controla! Você está certa sobre os advogados, eles querem falir o orfanato e eu estou tentando impedi-los. Aquele orfanato também é importante pra mim!”

Bárbara manteve o tubinho apontado no meu rosto, então relaxou e o devolveu à bolsa.

“Por que o Orfanato Aura é tão importante para você?” Ela perguntou, desconfiada.

“Porque...” Eu suspirei, percebendo que discutíamos no corredor há vários minutos. “Tem certeza que tocou a campainha?”

“Sim, toquei várias vezes, eu estou à meia hora tentando que ela atenda.”

Meu incômodo tornou-se preocupação.

“Já tentou ligar pra ela?” Eu mesmo peguei o celular e tentei ligar, mas a chamada não completou.

“Tentei várias vezes. Eu queria saber como foi no orfanato, mas desde ontem a Talita não atende.” Bárbara vasculhou a bolsa e pegou o chaveiro novamente, me fazendo recuar amedrontado. “No começo pensei que não pegasse celular no orfanato, depois pensei que tivesse pernoitado naquele lugar, mas ela precisaria voltar para se arrumar antes do trabalho...”

Bárbara separou uma chave e passou na fechadura, fazendo-a clicar. Ela entrou e eu a segui logo atrás, invadindo a sala ligeiramente bagunçada.

“Talita?” Bárbara explorou os poucos cômodos do apartamento. “Talita, onde você se meteu?”

Eu ajudei Bárbara a procurar, mas não havia muito onde uma pessoa se esconder, e vários detalhes me causavam um péssimo pressentimento. Havia diversas xícaras de café velho na pia, nenhum que parecesse ter sido bebido naquela manhã. A cama estava arrumada e o calor abafado indicava que as janelas não foram abertas há algum tempo.

E então a ficha caiu.

“Meu mordomo também sumiu, nesta manhã.”

“Nossa, que fascinante, Jean-Lucc. Conte-me mais sobre a rotina dos seus funcionários.” Disse Bárbara, cheia de sarcasmo. “Minha melhor amiga sumiu, caso não tenha percebido!”

“Estou falando sério. Quero dizer...” Meu coração acelerou, conforme as atitudes de George começavam a fazer sentido. “Acho que sei com quem Talita está.”

“Espero que você tenha um carro, porque ela sumiu com o meu.”

“Com quem pensa que está falando?” Eu abri a porta e nós corremos pelas escadarias, apressados demais para esperar o elevador. “Continue tentando o celular dela. Você disse que ela tentou chegar no Orfanato Aura?”

Bárbara concordou com a cabeça, trêmula, nervosa, e correndo demais para alguém com um barrigão grávido.

“Talita pretendia doar dinheiro, não queria que o orfanato fechasse de jeito nenhum.”

Eu franzi a testa, me perguntando que relevância o Aura teria para ela. Em algum momento eu descobriria, mas naquele momento a prioridade era encontrar Talita. E salvá-la.



Como eu temia, ao ligar para dona Isaura ela me confirmou que ninguém havia aparecido com doações. Em algum momento no trajeto entre o salão e o orfanato Talita havia desaparecido, e George não atendia nenhum dos meus telefonemas.

“Falta muito pra gente chegar?” Bárbara perguntou pela décima vez.

“É no meio daquela floresta de pinheiros. Logo chegaremos.” Apesar da minha aparente calma eu acelerei o Mercedes ainda mais, acumulando todas as multas possíveis por excesso de velocidade. “Você nunca esteve no Aura?”

“Quando conheci a Talita, ela já tinha saído de lá. Ela pediu comida na porta da minha mãe e a gente convidou pra morar conosco um tempo, depois conseguimos aquele emprego de manicure. Ela diz que chegou bem longe pra uma órfã.”

“Talita também é órfã?” A informação desceu como uma martelada. “Ela também cresceu no Orfanato Aura?”

“Dãã, pensei que bilionários fossem mais espertos. Vocês estão sempre se pegando pelo pescoço e nunca conversaram sobre a família de cada um? Talita viveu no Aura desde bebê, por isso ela quer tanto salvá-lo.”

“Nós dois temos a mesma idade...” Balbuciei, pensando alto.

“É como dizem, uns com tanto, outros com tão pouco... não te culpo de ser rico, essas coisas de comunista não são comigo e eu curto um ricaço às vezes, mas a vida da Talita foi complicada. Ela até inventou um amigo imaginário, um menino que brincava com ela nas florestas de pinheiros.”

Minha cabeça começou a latejar, doendo no esforço em lembrar-se de algo. Mas tudo o que voltava era a pobreza, os colchões duros, os abraços da dona Isaura e George me puxando para longe... para longe de alguém. E este alguém tornou-se nítido pouco a pouco, uma menina de cabelo loiro e lindos olhos verdes.

O susto quase me fez bater o carro no meio-fio.

“Era a Talita. Eu brinquei com Talita quando era pequeno, naquele mesmo orfanato.”

“Tá certo.” Bárbara revirou os olhos, sarcástica. “Vou vestir minha coroa de trouxa e acreditar que você quer salvar as criancinhas órfãs, Jean-Lucc, mas quer que acredite que você fazia filantropia aos seis anos? Dirige mais e fala menos.”

“Não era filantropia, eu realmente era pobre! Quando meus pais morreram o banco congelou todos os meus bens. Foram anos até conseguir reaver minha fortuna e deixar o orfanato com a ajuda de um amigo adolescente.”

“Tá certo, e você também é o menino das lembranças românticas dela...” Bárbara começou a rir, ainda mais sarcástica que Talita, então sua risada aos poucos desmanchou e ela arregalou os olhos para o nada. Sua voz ficou séria. “Ah, meu Deus. Você é o menino das lembranças românticas dela.”

“É possível que sim.” Eu avermelhei.

“Ah, nossa...” Bárbara balançou a cabeça, perplexa. “Talita vai pirar como uma arara no cio.”

“É possível que sim.” Repeti, desviando o carro até a estradinha de terra. “Mas precisamos encontrá-la primeiro.”



Capítulo 22

Talita

Minha língua grudava no céu da boca, nunca havia sentido tanta sede e calor. Meu corpo inteiro doía pelo tempo que fiquei sentada, e as cordas começavam a esfolar doloridamente os meus braços.

Eu não podia me render. Mesmo trancada em um depósito no meio do nada eu precisava ser forte, mas também sensata. A Talita de um mês antes não teria ressalvas sobre gritar, saltar, se jogar nas paredes com cadeira e tudo até que alguém me ouvisse. Mas naquele momento um bebê crescia em meu ventre e eu não podia arriscar sua segurança.

Era impossível descobrir a quantas horas eu estava amarrada, mas a temperatura havia caído e recentemente tornara a subir, indicando o começo de um novo dia e um novo motivo para o meu desespero.

Se o pôr-do-sol foi o bastante para ferver aquele depósito, como eu sobreviveria ao sol do meio dia? Aquele era o verão mais quente dos últimos anos, e George devia saber disso. Era exatamente assim que ele pretendia me quebrar.

Uma lágrima teria descido pelo meu rosto se não fosse a desidratação. Eu precisava beber qualquer coisa.

A porta rangeu, me fazendo erguer a cabeça com esforço. George e Hector retornaram, George bebendo uma garrafa de água que parecia geladinha.

“Bom dia, Talita. Como passou a noite?” George brindou sua garrafa no ar e bebeu outro gole lentamente, deixando gotas escorrerem pelos cantos dos lábios. “Minha noite foi maravilhosa. Há tanto tempo eu não dormia no orfanato, no quarto que costumava ser meu e do Charles. Os colchões novos são muito confortáveis.”

“Hnggghn!” Grunhi, com a mandíbula doendo.

Hector me livrou da mordaca e cruzou o dedo na boca. Como se eu fosse capaz de gritar, com a garganta tão seca... tão desesperada por líquido.

George sentou na cadeira à minha frente e catou o documento que eu havia derrubado na tarde anterior. Ele descansou a garrafa de água ao seu lado e cruzou as pernas casualmente.

“O que foi? Pensei que nosso retorno a agradaria. Mulheres adoram ter com quem

papear.”

“Você é insano.” Falei.

“Insano? Não, Talita. Sou um mordomo perfeitamente dedicado e fiel ao patrão, utilizo medidas extremas apenas como último recurso.” Ele bateu as costas da caneta no documento. “Espero que a noite tenha lhe feito pensar na minha proposta.”

“E se eu ainda me recusar?” Perguntei, com o olhar fixo naquela garrafa de água e nas gotinhas que desciam pelo plástico gelado.

George percebeu meu foco e bebeu mais alguns goles lentamente. Ele arfou refrescado e deixou a garrafa no chão novamente.

“Uma simples assinatura e tudo acaba aqui. Você terá sua liberdade, prosseguirá com a gestação da forma que bem entender, e poderá beber essa aguinha refrescante. Está uma delícia.” Ele riu. “Caso contrário, eu e Hector podemos voltar depois, e depois, e depois... um bebê sem utilidade ao Charles é um bebê sem utilidade a mim, e não vamos nem falar na importância que dou a você.”

“Isso é loucura.” Eu cedi ao desespero e soluzei, assustada. “Por favor, me deixe ir.”

“Pode ir quando quiser.” George colocou o papel e a caneta no meu colo. “Você só precisa assinar.”

Tão chorosa que as lágrimas borravam minha visão, eu segurei a caneta sobre o papel e tremi tanto que minha assinatura mal seria reconhecível.

Eu apertei a caneta na folha e respirei fundo, rezando que Janluque ao menos permitisse visitas ao bebê, de vez em quando.

Quando tracei o primeiro risco, o motor de um carro ecoou ao longe, seguido do estalido do freio de mão e das portas batendo.

“Caralho, por que tem uma limusine nesse fim de mundo?” Perguntou uma voz distante de mulher.

“É a minha limusine. Talita não pode estar longe.” Respondeu uma voz masculina que disparou meu coração.

“Janluque! Janluque, eu estou aqui!!” Gritei com toda a força dos meus pulmões.

George empalideceu com o olhar na porta, que não demorou a arrebentar com um chute violento.

“Ah, acho que estraguei meu sapato.” Janluque olhou para os pés, frustrado.

“A porta nem estava trancada, seu machão exibido.” Disse Bárbara, surgindo ao seu lado.

Eu controlei as lágrimas, imensamente feliz em vê-los.

“Babi! Janluque!” Chamei, e eles enfim me avistaram.

“Talita!! Ai, meu Deus, o que fizeram com você?” Bárbara correu até mim e ajoelhou para desatar as cordas.

Eu chorei de alegria e alívio, embora o olhar de Janluque me arrepiasse. Ele encarava George com o olhar fino e hostil de um tigre.

“O que significa isso, George?” Ele marchou na direção do mordomo, que recuou até bater as costas nas estantes de ferramentas. “Por que Talita estava amarrada?”

“Patrão Charles, tente entender. Tudo o que faço é pelo seu bem.” Disse ele, com a voz trêmula e nada da postura arrogante de antes. George parecia um coelhinho assustado.

Janluque virou-se para Hector com um olhar que arrancaria respostas até de um surdo-mudo.

“George requisitou meus serviços para um novo plano laranja, a fim de obter a guarda exclusiva do seu filho.” Ele respondeu calmamente e então virou-se ao George, que empalideceu como papel. “Não me olhe assim, George. Jean-Lucc é meu patrão e é a ele quem devo satisfações.”

Bárbara enfim soltou as cordas, e também me trouxe a garrafa de água que eu bebi como uma louca.

Janluque enraivecia mais a cada instante, seus olhos azuis brilhando como fogo ardente.

“Se eu sou o patrão você deveria me consultar primeiro!” Ele gritou com Hector, que se mantinha perfeitamente calmo. “Maldição! Será que tenho apenas subordinados incompetentes?”

George murchou os ombros com as últimas palavras, mantendo o olhar no chão.

Minha mente ainda girava pelo calor e desidratação. Eu provavelmente não conseguiria levantar se tentasse, mas eu nunca desejei tanto alguma coisa quanto eu desejava um abraço do Janluque, e sua promessa de que tudo ficaria bem.

Janluque era, afinal, o menino das minhas memórias e meu grande herói.

Enquanto Janluque gritava com George, um bipe agudo chamou minha atenção para o lado. Bárbara mexia no celular.

“O que está fazendo?” Perguntei a ela.

“O que você acha? Chamando a polícia.” Bárbara subiu o celular ao ouvido. “Você foi sequestrada, Talita. Sequestro é crime, sei lá... no mundo todo, eu acho.”

Sequestrada... essa palavra me causou arrepios, mas a realidade certamente me atingiria mais tarde, quando eu estivesse segura em casa, de preferência com Janluque. No momento, a prioridade era prender George e aquele capanga que...

“Espera. Cadê o outro?” Eu passei o olhar pelo depósito.

Babi e Janluque também procuraram, tão surpresos quanto eu. Assim que falamos em polícia, Hector simplesmente desapareceu.

“Realmente é um mercenário de altas habilidades...” Janluque deu uma espiada no lado de fora mas logo voltou. “Meu assunto não é com o Hector, é com você, George. Como se atreve a me trair dessa maneira?”

George ergueu o rosto para Janluque, com os lábios trêmulos e lágrimas empoçadas nos olhos. Ele era o cretino mais cretino do universo, mas aquela cena apertava meu coração já tão exausto.

Ainda fraca e muito dolorida, eu levantei devagar e senti cada músculo da bunda pinicando, anestesiados após horas sentada. Apesar do desconforto eu me arrastei até Janluque e o abracei.

“Obrigada por ter me salvo.”

“Talita...” Ele enfim ignorou o George e virou-se para mim. Ele acariciou meu queixo. “Vocês estão bem?”

Eu sorri e massageei a barriga.

“Nossa pequena bola de células está bem.” Eu dei uma risadinha cansada. “Eu também estou, mas preferia que meus lábios não estivessem tão secos.”

“E por que isso lhe incomoda?” Janluque sussurrou macio, aproximando o rosto.

“Por isso.” Eu completei a distância entre nós dois e selei nossas bocas.

Janluque apertou nosso abraço e beijou com vontade e urgência, como se nunca mais fôssemos nos tocar.

“Me desculpa por tudo. Eu te amo.” Disse Janluque, entre beijos apaixonados.

“Também te amo.” Eu respondi, transbordando de alegria e emoções intensas.

Janluque afagou atrás do meu pescoço, protetor e seguro enquanto seus lábios provavam dos meus. Eu gostava da firmeza de seu abraço, e de sua confiança, e de seu cheiro, a ponto de eu não compreender como o rejeitei por tanto tempo. Enfim tê-lo ao meu lado me fazia querer chorar.

“Aí, por que o mordomo é sempre o culpado?” Bárbara pôs as mãos na cintura, fingindo indignação. “Eu também te salvei, tá querida?”

Eu me afastei de Janluque e abracei Bárbara apertado, apesar das barrigas grávidas ficarem no caminho.

“Obrigada por aparecerem, quase cometi um erro tão horrível.” Eu enfim voltei meu olhar ao George, que permanecia no cantinho do depósito com o olhar baixo e os ombros trêmulos.

Eu me perguntei o que faríamos dele, mas o brilho azul e vermelho de uma viatura respondeu minha pergunta.

Vários policiais armados invadiram o depósito e exigiram explicações. George não tentou resistir quando foi algemado, mas ninguém conseguiu encontrar Hector.

Bem, não importava o que aconteceria com eles dali em diante. O que importava era que tudo havia terminado bem e a guarda do bebê continuava comigo.

Tudo o que eu precisava, após tanto sufoco, era voltar pra casa e tomar um bom banho. Nossa, eu estava suada e fedendo pra caramba.



Capítulo 23

Talita

5 meses depois

Era um dia movimentado no Shopping Sunlight. Milhares de famílias com sacolas de compras e crianças comendo sorvete nos bancos do corredor, enquanto seus pais compravam presentes para as esposas.

O dia das mães sempre foi uma data em branco para mim, mas naquele ano a data tornou-se muito especial porque eu comemoraria meu primeiro dia das mães, e a mamãe era eu!

Com os dedos entrelaçados nos meus, o noivo mais perfeito do mundo me conduzia em meio à multidão, nossas alianças douradas deslizando uma na outra com o mover de nossas mãos. Eu perguntei a ele se deveria chamá-lo de Charles após o noivado, mas ele recusou na hora. Janluque era um apelido meio idiota e sem sentido, mas foi como o chamei pela primeira vez então ele acabou se apegando.

Radiante de tanta alegria, eu baixei o olhar até a minha barriga, que esticava até quase esconder meus pés, comprimida no meu vestido vermelho que eu logo precisaria abandonar. Meus tempos de mulher elegante e bem vestida estavam se esgotando, e as muitas roupas de grávida nas sacolas de Janluque eram a prova disso.

Janluque apontou para o lado e insistiu em visitar ainda mais uma loja. É incrível quantas lojas de artigos para bebês existiam, eu nunca reparei nelas mas de repente pareciam estar por toda parte, provocando nossas carteiras com seus andadores coloridos e banheirinhas de plástico.

Eu explorei os corredores da loja com Janluque, ou pelo menos tentei porque ele não conseguia parar quieto.

“Amor, olha esse carrinho!” Ele arrastou o carrinho do mostruário em círculos. “Tem um móvel de coelhinhos e uma cobertura que sobe e desce!”

“Assim como os últimos dez carrinhos que nós vimos.” Eu sorri com o canto da boca, sem encontrar coragem de arrancar Janluque daquela loja.

“Vamos levar este.” Janluque chamou a atendente e entregou o cartão de crédito.

Minha incredulidade virou indignação.

“Mais um carrinho? Janluque, quantos filhos acha que tenho aqui dentro?” Eu apontei pra minha barriga, frustrada.

Sem desmanchar o sorriso, Janluque acariciou o inchaço sob meu vestido.

“Um lindo menininho saudável, e que merece todos os carrinhos do mundo. Um para cada dia da semana, certo, Jeremy?”

“O nome dele não vai ser Jeremy!” Reclamei, cruzando os braços. “Podemos por favor sentar? Não é você carregando um feto de meio quilo.”

“Tem razão, estou carregando brinquedos, mamadeiras e chocalhos que somam uns... oito quilos, talvez?” Janluque flexionou as sacolas, seus bíceps inchando e encolhendo sob o terno luxuoso. “Estou brincando, amor. Que tal me esperar nas mesas da sorveteria? Vou passar o endereço da mansão e já te encontro.”

Eu sentia que era apenas uma desculpa para Janluque comprar o resto da loja, mas concordei e fui sentar nas mesas da frente, tentando ignorar o cheiro de chocolate dos sorvetes porque ultimamente tudo me fazia vomitar.

Enfim relaxando meus tornozelos inchados, eu suspirei e admirei o lindo shopping que pertencia ao meu noivo, e em breve pertenceria a mim também, assim como suas dezenas de empreendimentos.

Ter tanto dinheiro era assustador. Quando começamos o namoro, Janluque me presenteou com tantas roupas, acessórios e maquiagens que meu armário simplesmente desmoronou, na minha tentativa inútil de manter o apartamento organizado. Mas isso me chateou pouco, porque era o sinal que eu precisava para tomar a maior decisão da minha vida: mudar-me para a mansão de Janluque, onde poucas semanas depois ele me pediu em noivado.

Com o tempo eu enfim compreendi as atitudes de Janluque comigo, e embora algumas fossem erradas de qualquer ângulo — demorei a aceitar que nosso bebê foi gerado para solucionar um impasse legal — as intenções dele, no fundo, eram boas. Como não me apaixonar por alguém que iria tão longe para proteger crianças órfãs?

As crianças do orfanato também estavam ótimas, ainda mais felizes por descobrirem que o Aura não só continuaria de pé, como havia ganhado um segundo grande patrocinador: Minha amiga Jéssica tornou-se uma das principais doadoras, o que manteve o lugar em pé até Janluque resolver os trâmites com seus advogados. E por resolver os trâmites, eu queria dizer demitir todos aqueles filhos da puta. Quem eles pensavam que eram para ameaçar um orfanato? Claro que bati o pé até Janluque contratar funcionários decentes.

Aos poucos tudo retornava ao normal na vida de Janluque, o que era maravilhoso. Todas

as manhãs nós bebíamos o delicioso café de dona Francisca, acompanhados se torradinhas e geleia, então Janluque ia trabalhar e eu coordenava a nova equipe de faxina. Precisavam seis faxineiras para realizar o mesmo serviço do mordomo, então apesar de ter largado o serviço de manicure, minha vida continuava agitada-mas-não-muito, do jeitinho que eu gostava.

Afinal, uma rotina pouco desgastante dava tempo de sobra para as minhas novelinhas, eu podia assistir e re-assistir todos os 514 episódios de *Sob a Luz do Teu Olhar* e criar resenhas para o meu blog, que passou a ter milhares de visitas diárias após minha resenha antecipada do filme.

De qualquer forma, logo minhas poucas atividades se encerrariam porque a gravidez dificultava meus movimentos. Janluque temia que eu batesse a barriga subindo as escadas ou despencando das janelas. Ele era tão exagerado, mas pelo menos parou de escrever listas estranhas.

“Demorei?” Perguntou uma voz atrás de mim.

Como eu previa, havia sacolas novas nas mãos de Janluque. Mas eu já havia desistido de lhe ensinar o valor do dinheiro e essas coisas. Janluque cresceu pobre assim como eu, então eu mesma aprendi que aproveitar as fases prósperas da vida era tão importante quanto superar as partes difíceis.

Com isso eu queria dizer que eu também passei a gastar como uma louca. Só de imaginar minha nova Jacuzzi personalizada eu estremecia de ansiedade, esperando que a transportadora italiana a entregasse logo.

“Já podemos ir para casa? Sinto que vamos comemorar trinta dias das mães ao mesmo tempo.”

“Me parece justo, já que é nosso primeiro dia das mães em trinta anos.” Janluque beijou meu rosto. “E vocês dois merecem ainda mais do que isso. Eu compraria montanhas, se meus braços permitissem carregar.”

Eu arqueei a sobrancelha, me levantando com a ajuda dele.

“A menos que nosso bebê seja um futuro minerador, ele não faria muito uso de uma montanha.” Brinquei, engatando meu braço no dele. “Vamos logo, se a gente não passar no delivery do KFC eu vou morrer.”

“KFC de novo? Mas meu amor, nós temos uma equipe de culinária e um chef especializado em nutrição para gestantes, todos eles preparando nosso jantar agora mesmo.”

“Preciso de frango com queijo desde que eu acordei.” Eu fiz um beicinho. “Não me faz

comer legumes.”

“Tá bom, vamos passar no drive-thru do KFC, mas amanhã prometa que...”

Janluque emudeceu e parou de andar.

Eu tentei avistar o que ele tanto olhava, e quando descobri senti um arrepio na coluna.

George deixava uma loja de roupas com um pacote nas mãos. Assim que ele nos viu ele também congelou. Encarando Janluque como se fosse um fantasma.

A surpresa não apagou meu bom-senso. Eu recuei um passo e me escondi atrás do Janluque, as memórias horríveis do meu sequestro ainda frescas na minha mente.

“Oi, George.” Janluque segurou firme o meu braço, como se eu pudesse ser carregada para longe dele.

“Oi, patrão Charles.” Ele sorriu tímido e baixou o rosto para o pacote em suas mãos. “Digo, creio que devo chamá-lo apenas de Charles, agora. Obrigado por pagar meus advogados.”

“Não agradeça a mim, foi sugestão da Talita. Ela acredita que você armou tudo apenas para salvar o orfanato da sua mãe.” Janluque suspirou. “E independente dos seus motivos, você me ajudou muito durante toda a minha vida.”

George surpreendeu-se por um instante, então quase riu.

“Então você ainda acredita em mim?” Perguntou ele.

Janluque bufou e desviou o olhar do dele.

“Acredito que você é esperto o bastante para não errar uma segunda vez. Ouvi dizer que reduziram sua sentença.”

“Apenas mais dois anos e em regime semiaberto, como pode perceber. Seus ex-advogados são péssimos em controle financeiro, mas até que servem como advogados de defesa.” Ele balançou a sacola em suas mãos. “Conseguiram aliviar a sentença a tempo do dia das mães. Minha mãe está nas nuvens.”

“Espero que tenha se desculpado com a dona Isaura. Ela sofreu muito quando descobriu o que você fez, George.” Falei, ainda indignada. Nunca na minha infância eu havia visto dona Isaura chorando, mas a condenação do George a devastou completamente. O abrandamento de pena era o alívio que dona Isaura precisava.

Se não fosse pela querida senhora que cuidou de mim e do Janluque, talvez eu não fosse

tão boazinha com George. Dona Isaura não tinha culpa de o seu filho ser louco.

“Morar no Aura novamente é como uma viagem no tempo, agradável e nostálgico. Espero vê-lo por lá em algum momento, Charles. Minha mãe sente saudades.” George enfim me fitou, como se percebesse minha existência apenas então. “Parabéns por tudo, Talita. Vocês três são uma linda família.”

“Obrigada.” Falei, ainda tensa e desconfiada.

George nos deu as costas e partiu, desaparecendo em meio aos outros compradores. Apenas então eu consegui relaxar e respirar. Janluque também se acalmou e afrouxou a mão no meu braço.

Por um tempo nós seguimos em silêncio para o lado oposto. Era o caminho mais longe até a Lamborghini que ganhei de aniversário, mas nenhum de nós queria arriscar reencontrá-lo.

O peso no clima ameaçava estragar o que seria um domingo perfeito de compras e diversão. Então um ronco alto destruiu o silêncio. Um ronco vindo do meu estômago.

“Cancela o frango com queijo. Preciso de costelinhas com polenta frita, batata ao murro e molho rosé.”

Janluque estourou dando risada e pegou o celular.

Vou informar dona Francisca imediatamente, mas você se prepare para um longo discurso. Seu cardápio tem calorias o bastante para sustentar uma baleia.

“Ótimo, porque em breve serei exatamente isso.” Eu batuquei minha barriga. “Uma baleia grande, gorda e devoradora de costelinhas. Agora abra a porta do carro, meu bilionário. Temos um jantar extremamente exagerado à nossa espera.”

“Sim, minha querida noiva.” Janluque abriu a porta da Lamborghini, e antes que eu entrasse ele roubou um beijinho. “Eu já disse que te amo?”

“Também te amo, Janluque.”



Epílogo 01

Jean-Lucc

4 meses depois

Janluque correu escadaria acima, e escadaria abaixo, e escadaria acima de novo, sempre carregando caixas e sacolas que eu nem imaginava o conteúdo, mas tinha certeza que era completamente desimportante.

Eu mandaria Janluque parar de loucura, se as contrações não doessem tanto.

“Vamos logo, amor.” Eu apertei a mão da dona Francisca, respirando rápido do sofá da sala.

“Mas pode esfriar de noite, e você já sentiu os cobertores de um hospital? São tão finos e ásperos! E se fizer calor? O tempo está tão louco, pelo menos alguns pacotes de gelo. Você lembra onde guardamos as meias do bebê? Aquelas azuis?” Seus passos ecoavam disparados nos corredores do andar superior.

“Amor, prefere um bebê sem meias ou um parto no seu sofá Duche-DiJavann?” Perguntei, tentando manter as pernas fechadas, mas meu barrigão gigante escorreu para o meio delas, extremamente imenso sob meu vestido cafona.

“Ok, ok, vamos!” Ele correu até mim, pegou minha mão, então soltou e correu de volta para os quartos. “Eu esqueci as chaves! Vamos de Mercedes ou Lamborghini? Ah, achei as meias.”

Eu deitei o rosto nas mãos, dolorida demais para levantar e encher Janluque de tabefes. Desde a primeira contração ele estava assim, correndo como um lunático pela mansão.

“Janluque, eu preciso expelir um ser vivo pela minha vagina, podemos nos apressar?” Insisti.

“Pronto. Tudo certo. Dona Francisca, nos ajude por favor.”

Enfim Janluque me ajudou a levantar, e eu nunca me senti uma baleia maior e mais inútil. Ele passou meu braço por cima do ombro e me ajudou a andar até o Mercedes, que dona Henrica já havia aberto e nos aguardava ansiosa.

“Boa sorte, patrão. Boa sorte, patroa. Vai dar tudo certo!” Dona Francisca fechou a porta

do carro assim que entrei e acenou para nós. “Se precisarem de qualquer coisa vocês tem o meu celular. Mandem fotos do pequeno!”

Janluque tremia e suava, mas conseguiu tirar o carro sem causar desastres. Ele se certificou que meu cinto estava bem preso e então dispáramos em direção ao hospital.



Parto de gente rica era outro nível.

Assim que chegamos uma equipe médica particular já nos aguardava na saída para ambulâncias. Janluque estacionou o carro e uma enfermeira ajudou a me acomodar em uma cadeira-de-rodas, enquanto Janluque entregava sua chave ao vallet.

A equipe empurrou minha cadeira pelos muitos corredores do Hospital Dublin, um dos maiores e mais luxuosos de Nova York. Diziam que para trabalhar ali era necessário ter dois PhD's, experiência no exterior e um radiante sorriso branco.

A parte do sorriso branco devia ser piada, mas todos os médicos e enfermeiras sorriam alegremente para mim, aliviando o clima com comentários animados quando meu maior desejo era socar uma parede.

Caraaaaalho que dor!

Uma contração dobrou meu corpo, me fazendo apertar a barriga e gritar. Uma mão apertou meu ombro.

“Talita, meu amor, tente relaxar.”

“Não me manda relaxar quando tem um bebê me arregaçando!” Eu urrei a ele, tão alucinada que Janluque recuou assustado.

Enfim chegamos em uma área com várias mães grávidas e chorinhos de bebê ao longe. Se aquela não fosse a maternidade eu desistiria da vida. Sentir dor não era a minha coisa e aquele bebê tentava me rasgar ao meio.

Quando chegamos diante de uma sala, alguém familiar nos aguardava. Sua presença tornou aquela miséria um pouquinho mais suportável.

“Babi, como chegou tão cedo?” Falei, segurando as mãos da minha amiga.

“Já decorei os corredores desse lugar. E os atrasados são vocês! Quando me ligou pensei

que já estivessem a caminho.”

“Tivemos um problema sobre meias azuis.” Eu falei

Bárbara franziu a testa e achou melhor não perguntar. Ela mesma continuou correndo com a minha cadeira, muito mais ágil após o parto do centésimo filho, ou sabe-se lá quantos ela já tinha.

Em pouco tempo chegamos à sala de parto. Os médicos fecharam a porta e me deitaram na maca, todos falando ao mesmo tempo e Janluque falando mais que todos eles, em uma nuvem de informações que minha dor não permitia entender.

Atordoada e dolorida, eu gritei para outro espasmo e respirei ainda mais rápido, alargando ainda mais do que eu achava possível enquanto todos vestiam suas roupas verdes de cirurgia e também as vestiam em mim.

Quando todos já estavam devidamente vestidos, eu chamei Janluque e nós seguramos firme nossas mãos, trocando um olhar assustado, mas feliz.

Enfim nós conheceríamos nosso filho. Nosso pequeno... Jeremy.



Pela quantidade de dor, imaginei que removeriam minha calcinha e o bebê sairia junto, talvez propulsionado como um foguete no colo do médico. Mas claro que a realidade não era assim, eu nasci pra sofrer e gritar como uma louca enquanto um tiozinho de jaleco dava ordens, com a cara no meio das minhas pernas.

“Força, Talita! Falta pouco!” Exclamou ele, com as mãos abertas como se fosse pegar uma bola de beisebol. “Respira, respira, força! Respira, respira, força!”

Ah, se esse médico falasse mais uma palavra, eu chutaria a cara dele! Quantos *falta pouco* eu ainda iria ouvir? Malditos médicos, maldito hospital, maldita melhor amiga que já havia dormido do sofá e maldito Janluque, que há quarenta minutos acariciava minha mão a ponto de esfolar minha pele.

Por que os partos de novela eram tão meigos e alegres? Eu queria arrancar meu útero, matar todo mundo e me jogar de uma janela!

Janluque soltou minha mão e foi espiar o trabalho do médico. Dois segundos depois ele estava vomitando na lixeira, com a Bárbara dando tapinhas em seu ombro.

“Vocês dois são um fiasco.” Bárbara disse. “Força, Talita! Cospe esse moleque de uma vez.”

Médico. Enfermeiras. Janluque. Bárbara. Eu mataria todos, faria um banho de sangue igual ao que escorria pelo meio das minhas pernas.

Apenas pela raiva eu juntei forças e contraí a barriga mais uma vez. Um som úmido e estalado ecoou pela sala e eu senti um vazio esquisito lá embaixo. Eu cedi exausta no meu travesseiro, incapaz de mexer qualquer músculo.

E então ouvi um chorinho agudo, e esse sonzinho me deu forças de abrir os olhos mais uma vez.

Nos braços do médico, um pequeno bebê agitava seus bracinhos magros, expondo sua boquinha de gengiva enquanto berrava e se debatia, todo melecado de sangue e fluidos.

“É um menininho perfeito.” O doutor passou o bebê para Janluque, que ainda se recuperava do enjoo.

Ainda bem que Janluque não vomitou de novo, talvez porque o choque não permitia. Em seus braços estava a criaturinha que nos acompanhou invisível desde o nosso primeiro encontro, e que agora segurava seu dedo e esperneava seus minúsculos pezinhos. O nosso filhinho.

“Bem vindo ao mundo, Jeremy. Eu sou o seu papai.” Janluque sorriu e acariciou seu rosto com o dedo, tremendo tanto que o médico se manteve perto, pronto pra salvar um bebê em queda livre.

“Vamos dar o primeiro banhinho.” Disse uma das enfermeiras, mas Janluque desviou dela e aproximou-se de mim, sorrindo em profundo encanto.

“Olha, amor. Ele não é lindo?” Janluque sentou no banquinho ao meu lado e me mostrou nosso filho de perto.

Era impossível determinar a cor do cabelo, a menos que fosse vermelho-sangue como o resto de seu corpo melado. Mas seus olhos eram azuis. Azuis e intensos como os do meu Janluque.

Apesar do cansaço, eu comecei a chorar, derrotada pelas minhas emoções. Nove meses de espera, ansiedade, tormentos e alegrias haviam se encerrado. Iniciava agora uma nova fase, que eu sabia que seria a mais maravilhosa de toda a minha vida.

A enfermeira enfim pegou o bebê para lavar e Bárbara a acompanhou para tirar fotos. Eu também queria ver mas o cansaço mal segurava meus olhos abertos.

Mesmo cansada eu sentia apenas alegria e paz, e pelo visto Janluque também, porque ele chorava comigo, sorridente e extremamente feliz. Nós permanecemos juntos durante toda a tarde, ao lado um do outro, sem dizer nenhuma palavra, apenas apreciando nosso amor mútuo que havia culminado naquela exata sala de parto.

Após um tempo me transferiram para um quarto e logo depois Bárbara apareceu com nosso filho, que era a coisinha mais impossivelmente fofa do universo.

Olhões expressivos, bochechas rosadas e cabelo loiro e ondulado como o meu. Jeremy já havia passado pelos primeiros exames e vestia um adorável tip-top de gatinhos, completo com adoráveis meias azuis.

Bárbara colocou o bebê nos meus braços, e eu me surpreendi com o quanto era leve e quentinho.

“Oi, meu Jeremy, eu sou sua mamãe Talita.” Eu cutuquei o nariz dele com o meu. Era tão pequenininho! “E você é um bebê fofinho e herdeiro de uma mega corporação e um shopping. E seu pai é gostosíssimo e transa como um híbrido de leão e robô.”

“Temos aqui um bebê que fará terapia pelos próximos trinta anos.” Brincou Bárbara. “Estou brincando. Quem vai precisar de terapia sou eu.”

Eu e Janluque demos risada, encantados demais com o nosso pequeno milagrinho.

Após nos ajudar com a primeira troca de fraldas, Bárbara foi embora cuidar dos próprios filhos que sua mãe fugisse para as montanhas.

Permanecemos no quarto apenas eu, Janluque e Jeremy. A melhor família que uma simples manicure poderia desejar.



Epílogo 02

Talita

3 anos depois

Os convidados não paravam de chegar. Lotando o entorno da piscina e os jardins floridos da mansão.

Eu passei por cada um, lhes indicando o local do buffet de doces e perguntando se desejavam refrigerante ou vinho. Poucas pessoas eu reconhecia pessoalmente, então eram todos clientes e sócios do Charles. Nós precisávamos causar uma boa impressão, e isso envolvia realizar a festa perfeita. Mesmo que fosse uma festa de aniversário infantil.

Mais carrões de luxo estacionaram na frente da mansão e Janluque foi abraçar seus amigos, muito feliz em receber a todos.

Eu também estava feliz embora um tanto isolada. Jeremy se recusava a sair do enorme castelinho inflável que alugamos, divertindo-se em brincar com as outras crianças, e Janluque estava ocupado demais conversando com os amigos. Apesar do clima casual da festa — O próprio Janluque vestia apenas camisa de manga curta e bermudas com sandália — era óbvio o quanto todos ali eram bilionários importantes, o que me causava calafrios. Ainda era difícil acreditar que eu mesma era esposa de um rico, mas minha aliança de diamante adorava me lembrar disso.

Eu sorri para outro convidado e entrei na mansão, buscando relaxar. Havia problemas maiores do que excesso de riqueza, disso eu sabia bem, mas eu bem que precisava aumentar meu próprio círculo social. Janluque sugeriu o Clube de Canastra ou a Sociedade do Chá Beneficente, e eu ri tanto da cara dele que quase desloquei uma vértebra.

Apesar da minha nova vida, eu não queria esquecer as raízes que me ergueram tão alto. Felizmente, um grito na porta de entrada logo esgotou minha sensação de abandono.

“Talitaaaa!” Bárbara correu para me abraçar, tomando o cuidado de não machucar a própria barriga. Naquele mesmo mês o seu sexto bebê — Do sexto pai diferente — viria ao mundo, e estávamos tão ansiosas quanto se fosse o primeiro, porque também seria sua primeira menina.

Logo atrás da Bárbara chegaram as meninas do salão. Dona Henrica estava um escândalo em sua maquiagem pesada e vestidinho preto e espremido, com um decote gigante.

“É aqui a reunião de bilionários solteiros?” Ela perguntou e começou a rir. “Estou brincando, mas puta merda, que lugar mais chique. Cadê o meu pequeno Jeremy?”

“Casou com o castelinho inflável, sem planos de divórcio.” Eu abracei minha ex-chefe e todas as cabeleireiras e depiladoras que trabalharam comigo durante anos. “Vocês podem cumprimentá-lo na hora do parabéns.”

Dona Henrica torceu o lábio e arrastou-se para sentar no sofá. Aquele espartilho devia estar a matando por dentro mas eu admirava sua determinação em caçar marido, e também agradecia aos céus por não precisar fazer o mesmo.

Afinal, eu já possuía o marido perfeito, que naquele instante se aproximava para cumprimentar as visitas.

“Boa tarde, meninas. Dona Henrica, há quanto tempo!” Janluque estendeu a mão para cumprimentá-la e dona Henrica a segurou perto do rosto, observando suas unhas.

“Há quanto tempo você não faz as unhas, rapaz? Olha pra essas cutículas enormes.” Disse dona Henrica.

“Nunca mais frequentei manicure, dona Henrica. Não curto essas coisas.” Janluque riu.

“Ah, ainda bem. Eu já pensava que Talita estava se metendo em roubada.” Ela deu um tapinha no meu ombro. “Você tem algum amigo solteiro que procure ação de verdade?”

“Ahm... vou perguntar por aí.” Janluque riu nervoso e olhou para mim. “Amor, não entre em pânico, mas o Chef Francis montou o bolo na mesa dos salgados.”

“Ah, eu vou matar aquele velho senil!” Eu limpei a garganta e sorri. “Meninas, aproveitem a festa. Bárbara, os garçons tem trezentos convidados para servir, tente não transar com nenhum deles.”

“Prometo aguardar até o fim da festa.” Ela sorriu, e eu não soube dizer se estava sendo sarcástica ou não.

As meninas do salão logo se misturaram aos bilionários, divertindo-se com os muitos luxos que nossa festa oferecia. Até os filhos da Bárbara aproveitavam os muitos brinquedos, alguns deles brincando com Jeremy e outros se dividindo entre o pula-pula e a piscina de bolinhas.

Apesar do drama do bolo, o terceiro aniversário do nosso filho ocorria sem contratempos. Havia diversão para as muitas crianças — coleguinhas de creche, filhos de amigos e até

crianças do orfanato. — e também diversão aos adultos, que bebiam e discutiam negócios em rodinhas pelo quintal. Até a Jéssica apareceu com seu namorado rico, que em breve seria seu marido rico. Eu já previa o casamento do século e o aguardava ansiosamente, até porque eu seria a madrinha.

Dona Isaura compareceu para acompanhar os órfãos, e no começo imaginei que seria constrangedor para ela estar ali. Eu era, afinal, a mulher que seu único filho havia sequestrado, e ele apenas recentemente deixou a prisão por conta de seu crime, para então desaparecer. Mas dona Isaura logo se enturmou com as meninas do salão e divertiu-se como todo mundo. Ela me disse que apesar dos percalços, eu e Charles sempre seríamos como filhos para ela. Ouvir isso trouxe lágrimas aos meus olhos, aumentando ainda mais a alegria daquele dia.

Quando o sol começou a se por, chegou a hora do bolo. Todos se reuniram em torno da mesa de doces — claro que mandei o Chef consertar a situação — e admiraram o enorme bolo de dois andares, todo decorado com cavalinhos de biscoito.

Devia haver alguma lei obrigando crianças a terem a fase dos cavalinhos, porque Jeremy era tão louco por eles, que Janluque tentava comprar um pônei todas as semanas. Até o momento eu havia conseguido evitar todas as compras, mas sentia que nosso quintal teria cocô de cavalo muito em breve. Pelo menos Jeremy ficaria feliz, eu acho.

Janluque sentou Jeremy em seu colo, diante do grande bolo. O fotógrafo tirou algumas fotos então eu acendi as velinhas de cima, fazendo-as fagulharem sob a luz do pôr-do-sol.

“Parabéns a você... nessa data querida...” Janluque bateu palmas com o Jeremy, sorrindo maravilhado para a alegria do nosso filho. Eu mesma mal me continha de felicidade, aplaudindo junto em meio aos muitos convidados.

Jeremy soprou as velinhas, e o resto da festa foi dedicado a comer bolo e abrir presentes. Quando surgiam as primeiras estrelas no céu o sono já havia derrotado a maioria dos pequenos, incluindo Jeremy, que apagou nos meus braços após se empanturrar de bolo. Aos poucos, todos os convidados foram embora.

Bárbara insistiu em ficar para auxiliar na bagunça, mas eu só queria deitar e descansar daquele dia exaustivo. Além do mais, Janluque havia contratado uma equipe de faxina e organizers para o serviço. Eu me despedi da Bárbara, e com isso enfim recuperamos a casa apenas para nós três.

Janluque percebeu minha exaustão e pegou Jeremy nos braços.

“Vem, filhote, hora de nanar na sua cama.” Ele beijou a testa do Jeremy e o carregou ao

seu quarto.

Eu me arrastei à nossa suíte e me livre dos sapatos, gemendo para o quanto meus pés estavam inchados. Cada movimento para soltar o vestido era uma dor diferente, e havia manchas de papel crepom nos meus braços.

Apesar do cansaço, ver a alegria dos meus amores fez todo o esforço valer a pena. Eu só precisava de uma longa noite de sono e estaria pronta para coordenar a limpeza matinal.

Eu vesti minha camisola de cetim, apaguei a luz e me joguei na cama, fazendo o colchão de água ondular gostoso sob mim. Bocejando, eu esperei o sono me apagar, mas logo alguém abriu a porta e a visão me fez despertar bem rápido.

Janluque entrou na pontinha dos pés, sem notar que eu ainda estava acordada. Ele vasculhou seu armário enquanto vestia apenas uma toalhinha na cintura.

“Que indecência é essa?” Provoquei. “Esta é uma casa de família.”

“Aquele era meu terno Armani, não posso simplesmente jogar no cesto da roupa suja.” Disse ele. “Dona Francisca irá entregar na lavanderia amanhã.”

“Oh, entendo.” Falei, meu olhar fixo no relevo de suas nádegas, apertadinhas sob a toalha branca. “Talvez eu devesse separar meu vestido, também.”

“Seu vestido é um Gucci prêt-à-porter edição limitada com incrustações de strass, a senhora definitivamente deveria fazer isso ao invés de decorar nosso tapete com ele.” Ele me espiou com um sorriso igualmente provocativo. “Mas já desisti de ensiná-la bons modos.”

“Que mentira. Você adora ter motivos para me comprar vestidos novos.” Eu me espichei na cama e deixei a camisola subir, esperando que ele notasse. “E eu tenho excelentes modos, senhor meu marido.”

Eu enfim roubei a atenção do meu marido, que admirou com safadeza as minhas pernas expostas e perfeitamente depiladas. Ele largou as roupas que separava e aproximou-se da cama, lambendo os lábios.

“A senhora minha esposa tem péssimos modos. Curte atividades extremamente indecentes.” Ele subiu na cama, sobre mim.

“E que atividades seriam essas?” Perguntei, manhosa.

Janluque respondeu com um beijo no meu pescoço, e lambidas, e mordidinhas nos meus ombros. Ele agarrou minha camisola e puxou tão forte que as alças arrebentaram. Aquele safado adorava ter motivos para comprar mais roupa. E eu adorava sua brutalidade.

“Era da Victoria Secret, sabia? Combinava com a minha calcinha.” Eu movi o quadril e rocei minha virilha em seus gominhos, fazendo-o perceber a textura de rendinhas do meu lingerie mais sexy.

Janluque nem reparou na minha calcinha de adulta, apenas continuou me beijando e provando meus lábios enquanto descia as mãos pela minha cintura. Com outro puxão violento ele rasgou a calcinha e a jogou junto dos trapos da camisola.

“Agora estão combinando de novo.” Provocou ele, e logo continuou a me beijar.

Eu gemi de excitação e me contorci nos lençóis, sentindo ferver e molhar o meio das minhas pernas. Tanta agitação acabou afrouxando e soltando a toalha, fazendo o mastro úmido de Janluque pressionar minha fenda desesperada por atenção.

“O Jeremy pode acordar...” Gemi, aquecendo como um incêndio.

“Depois de horas naquele castelinho inflável? Não vai escapar de mim com uma desculpa dessas.” Ele chupou forte meu mamilo, me fazendo gritar em êxtase.

Até parece que eu desejava parar. Durante a gravidez eu e Janluque trepamos como coelhos, mas o nascimento do Jeremy alterou cruelmente nossa rotina noturna. Momentos como este era sagrados e preciosos, o que me deixava ainda mais louca por dar.

“Me come, Janluque... me faz andar torta amanhã.” Supliquei, enlouquecida pelo desejo.

Janluque gemeu excitado com as minhas palavras e seu mastro latejou nos meus pelinhos da virilha. Melando-os com sua umidade. O homem mais gostoso do universo morria de tesão por mim, eu mal acreditava em toda a minha sorte.

“Cuidado com o que deseja, amor, porque estou doido pra te desmontar.”

Janluque encaixou-se entre as minhas pernas e forçou meus joelhos para cima, me expondo em uma posição totalmente vulnerável. Minha respiração tornou-se rápida e rasa de tanta ansiedade.

E então ele meteu em mim, muito rápido e forte do jeito que eu havia pedido.

Eu gritei de prazer, já a beira de explodir, e Janluque não deu folga, metendo, metendo e metendo até inundar o quarto nos meus gemidos e os sons molhados da penetração.

Eu me agarrei nos travesseiros e gemi deliciada, querendo mais rápido e mais forte e sendo prontamente atendida, como se Janluque pudesse ler minha mente. Ele continuou me comendo com o olhar nos meus, adorando ver minha expressão conforme o orgasmo se aproximava.

Então gozei com toda a intensidade, gemendo, gritando e arqueando as costas, totalmente fora de mim. Os espasmos me fizeram contrair por dentro, instigando Janluque a jorrar dentro de mim enquanto arfava quente e luxurioso.

Quando ele saiu de mim, meus pés formigavam e eu me sentia uma pluma em alto mar, profundamente relaxada.

Eu chamei Janluque com o dedo, para que deitasse comigo, mas ele levantou-se da cama lentamente, também tendo espasmos de relaxamento.

“O filho da sua amiga derramou ponche nas minhas calças, preciso demais de um banho.”

“Quanta frieza Durante nosso namoro você teria pedido que eu lambesse o ponche dessas suas pernas peludas.”

“Não são tão peludas assim.” Ele fitou as próprias pernas e sorriu safado, voltando a me devorar com os olhos. “E realmente, o antigo Jean-Lucc te faria lamber minhas pernas.”

“E quanto ao Janluque de agora?” Eu fiz um biquinho indignado.

Janluque veio até mim novamente e inclinou-se sobre mim. Pensei que ele apenas me beijaria, então quando ele me levantou nos braços eu gritei.

“O Jean-Lucc de agora vai te jogar na nossa Jacuzzi, preparar sais de banho bem aromáticos e te fazer lamber um lugar muito mais interessante.”

Eu sorri com o canto dos lábios, mais do que satisfeita com esta resposta.

Janluque me carregou ao banheiro da suíte e trancou a porta. Pelo resto da noite meus gemidos de êxtase ecoaram pelas paredes de azulejos, enquanto Janluque me presenteava com toda a sua virilidade.

Desde que Janluque surgiu em minha vida, minha simples rotina de manicure conheceu altos e baixos enlouquecedores. O que costumava ser uma vidinha simples com muita novela e sorvete passou a oscilar em momentos incríveis, momentos tristes, momentos emocionantes, difíceis e excitantes. A antiga Talita odiaria uma vida tão imprevisível e agitada, mas eu não poderia estar mais feliz porque com Janluque os bons momentos eram ainda melhores, e os momentos ruins eram suportáveis, porque eu sabia que o pai do meu filho sempre estaria ali para mim.

No fim, o assunto da guarda do Jeremy acabou nunca sendo discutida porque nunca foi necessário. O nosso amor pelo nosso filho só se comparava ao nosso amor um pelo outro, era incrível pensar nas tantas coincidências que culminaram na família mais perfeita que eu

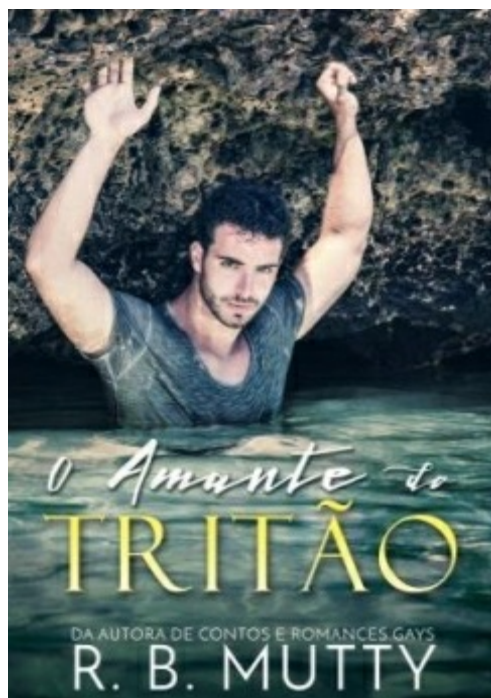
poderia desejar. Novas memórias doces agora aqueciam meu peito e faziam companhia ao menino da minha infância, o pequeno Janluque.

De todas essas memórias, as mais comoventes foram as da minha experiência louca como barriga de aluguel, mesmo que eu tenha sido uma barriga de aluguel por acidente.

E por estas memórias e pelo amor da minha família, eu seria capaz de enfrentar tudo de novo.

Leia Também

Conheça *O Amante do Tritão*, o romance da R. B. Mutty que se tornou o romance entre homens mais vendido da Amazon em 2017. O dobro de homens lindos, com toda a sensualidade, comédia e tensão que são a marca das histórias da autora. Experimente uma leitura diferente e descubra a série que tem ganhado mais fãs a cada dia!



Sinopse:

Gabe odiava sua nova cidade. Todos eram surfistas, ou donos de loja de surf, e antes da mudança Gabe nem sequer conhecia o mar. Mas ele precisava tentar fazer amigos, não queria preocupar seu irmão ainda mais após ter sido expulso de casa.

No grupinho de pseudo-amigos, o único que lhe interessava era Dylan, um misterioso rapaz de 18 anos como ele. Musculoso, de cabelos pretos e fascinantes olhos verdes, Dylan fazia o coração de Gabe pulsar. Quem sabe ele era o primeiro romance pelo qual Gabe esperou tantos anos?

Só havia um problema, que Gabe não conseguia identificar. Algo sobre Dylan não parecia muito normal. Talvez fosse o fato dele andar pelado por aí, ou morar em uma ilha no meio do oceano, ou se alimentar apenas de peixes.

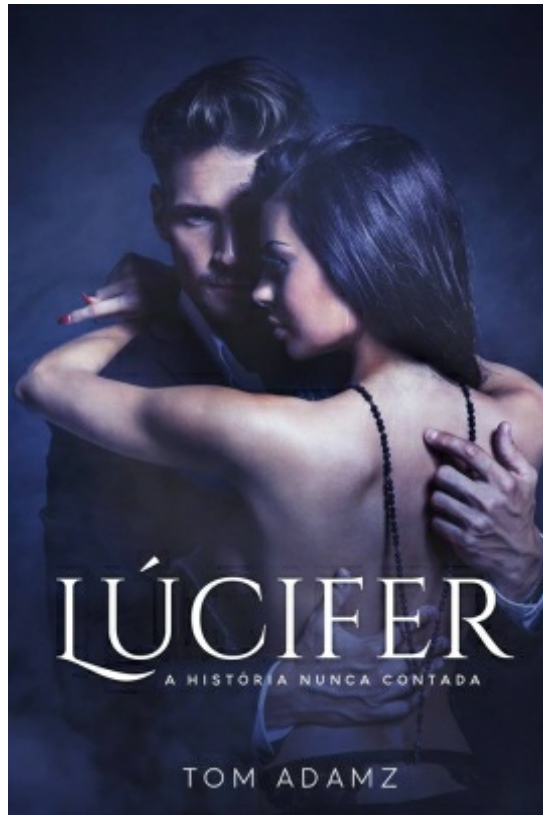
Uma coisa era certa: Dylan era o homem mais lindo que Gabe já havia conhecido, então talvez tudo bem lhe entregar a virgindade. O que Gabe não poderia imaginar seriam as consequências de seu primeiro ato sexual...

O Amante do Tritão

<https://www.amazon.com.br/dp/B06XWCVZRD>

Sugestão da Autora

Para você se divertir enquanto aguarda os próximos lançamentos da R. B. Mutty.



Os demônios chegaram na Amazon...

Após milênios reinando no Inferno, Lúcifer, o Príncipe das Trevas, retoma o seu mais engenhoso e antigo plano: conquistar a Terra. Em meio às variadas opções, ele escolhe o Brasil como sede do seu futuro reinado. Há certo mistério envolvendo as terras brasileiras, pois há uma garotinha cujo rosto ele vê em suas memórias: "...Estou orando por você, Lúcifer. Estou clamando por seu perdão".

Cinthia é uma mulher não muito bem-sucedida, atolada em dívidas, e que corre o risco de ser despejada de sua humilde quitinete. Seguindo a indicação da amiga Gisele, ela vê no misterioso Palácio que surgiu em São Paulo a oportunidade de conseguir um bom emprego e pôr a vida no lugar.

Ele é a sua provação. Ela é a sua remissão. Ele é o ódio. Ela é o amor. Eles são o casal mais improvável que haveria de surgir, mas até mesmo os céus torcem por essa união. Será Cinthia capaz de amolecer o coração sombrio de Lúcifer? Será Lúcifer capaz de conquistar o amor de sua donzela?

Em meio ao romance, há um campo de batalha se formando. Na ausência de Lúcifer, o inferno ganhou um novo comandante; seu nome é Baal e o seu objetivo é Cinthia. Quando Lúcifer, o Príncipe da Terra, se enfurecer, uns dirão que começou o apocalipse, outros, o fim. O mundo será envolto por uma batalha em que até os anjos se farão presentes! A razão? Uma mulher. Seu nome? Cinthia.

Lúcifer – A História nunca Contada

Autor Tom Adamz

<http://amzn.to/2neOXoe>

Obrigada por ler este livro!

Seu apoio é muito importante para mim ♥ Se gostou desta história considere deixar uma avaliação na Amazon e ajude a divulgá-la. Colaborando para o sucesso de cada livro você incentiva esta autora independente a trazer sempre novas histórias!

Para acompanhar os lançamentos de R. B. Mutty siga-a no Facebook:

<http://fb.me/rbmutter>

Ou cadastre-se em sua lista de e-mail:

<https://tinyletter.com/rbmutter>